

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZA SIONEK

O LUTO NA PERDA GESTACIONAL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

CURITIBA

2019

LUIZA SIONEK

## O LUTO NA PERDA GESTACIONAL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa Dra Joanneliese de Lucas Freitas

CURITIBA

2019



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Sionek, Luiza

O luto na perda gestacional : um olhar fenomenológico. / Luiza Sionek.  
– Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joanneliese de Lucas Freitas

1. Luto – Aspectos psicológicos. 2. Luto – Psicologia fenomenológica.  
3. Perda (Psicologia). 4. Morte fetal. I. Título.

CDD – 155.937

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUIZA SIONEK**, intitulada: **O LUTO NA PERDA GESTACIONAL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Março de 2019.



JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS  
Presidente da Banca Examinadora



ANA KARINA SILVA AZEVEDO  
Avaliador Externo (UFRN)



ANA PAULA ALMEIDA DE PEREIRA  
Avaliador Interno (UFPR)

Às mulheres que compartilharam suas histórias comigo,

À minha mãe, estrela-guia, que me deu a vida,

Dedico.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo incansável apoio e por ter despertado em mim desde cedo o gosto pelos estudos. Ao meu pai, Edson, que sempre possibilitou e incentivou que eu seguisse meus caminhos. Ao meu irmão, Guilherme, pelo companheirismo. Às minhas avós Nilda e Olga que continuam me ensinando sobre o amor de gerações. Também agradeço à Ana Maria e Rosane por tornarem esse lar mais doce.

Agradeço ao meu amor, Gabriel, por ser um companheiro de vida incrível e por ter me dado tanto suporte ao longo do mestrado.

Agradeço à família que a vida me presenteou: Jarbas, Lilian, Liah, Odete, Felipe, Mariana, Lucas, Lívia. Obrigada por me acolherem com tanto carinho.

Agradeço imensamente à Profa Dra Joanneliese de Lucas Freitas pelas correções, discussões, orientações e, em especial, pela sensibilidade e cuidado. Obrigada também por acreditar nesse trabalho e no meu potencial.

Agradeço às professoras da banca, Profa Dra Maria Virgínia Filomena Cremasco e Profa Dra Anna Karina Silva Azevedo, por aceitarem o convite e pelas valiosas contribuições.

Agradeço à Ligia Durski, pelos valiosos diálogos e pela presença nessa caminhada.

Agradeço às minhas amigas, sem as quais a vida não teria tantas cores: Virgínia, Giullia, Nicole, Luiza, Julia e Bia. Obrigada por tolerarem minhas ausências nos últimos tempos. Ainda, Ana Paula e Gabriela: obrigada pela confiança e por batalharem por sonhos lado a lado comigo.

Agradeço aos queridos colegas de mestrado pelas frutíferas discussões que possibilitaram aprofundar este trabalho. Jenifer e Matheo: obrigada também por tornarem o mestrado um tempo e espaço muitíssimo mais divertido e agradável. Dafne, obrigada pela inestimável parceria e por tanto cuidado.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa, que tornou viável minha dedicação à pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR pela oportunidade.

Depois que um corpo  
comporta  
outro corpo  
nenhum coração  
suporta  
o pouco

(Dois em Um, Alice Ruiz)

## RESUMO

A gestação é uma experiência de profundas transformações corporais, em que o corpo da mulher se abre para abrigar outro corpo: o do bebê. Assim, a relação entre a gestante e o bebê no ventre se diferencia das demais, pois é marcada pela ambiguidade de ter um corpo que é e não é seu, que é sensível e senciente. Trata-se, portanto, de uma relação quiasmática: há um ponto de entrelaçamento intercorpóreo em que ambos são mutuamente tocantes e tocados. Sendo assim, estar grávida reorganiza o esquema corporal da mulher, alterando os projetos em que se está engajada e a experiência de mundo vivido. Além disso, desvela a possibilidade de constituição do sentido de ser mãe. A perda gestacional, também chamada de óbito fetal, rompe com essa relação que vinha sendo desenhada e coloca a mulher frente à facticidade de que a vida termina a qualquer momento. Embora a perda gestacional seja um fenômeno frequente no Brasil e no mundo, seu luto é considerado silenciado e sua expressão é deslegitimada. Sendo assim, esse estudo se baseia em uma pesquisa qualitativa a fim de compreender a experiência de luto materno na perda gestacional. Para tanto, analisa cinco entrevistas realizadas a partir da pergunta disparadora: “como foi para você perder o seu filho?”. As participantes haviam sofrido perdas gestacionais entre oito e 38 semanas. O método utilizado foi o método fenomenológico de Giorgi e a análise de dados revela nove constituintes que estruturam a experiência de luto na perda gestacional, a saber: dor; falta de sentido; estado de choque; raiva e inveja; culpa; medo de nova perda; ser mãe de um novo filho; solidão; resignificação. Compreende-se que a perda gestacional é experienciada como a perda de um bebê, e não de um feto ou embrião sem sentido. Quando se perde um bebê, perde-se um futuro conjunto, a confiança no próprio corpo e se perde a mãe que se projetava ser com aquela criança. Ademais, a perda gestacional tem a particularidade de se tratar de uma morte experienciada no próprio corpo e de uma relação visceral entre mãe e bebê. Assim, as vivências de solidão, culpa e dor possuem uma tonalidade marcante. Conclui que é necessário acolhimento a este luto desde a notícia e ao longo da vida, já que ele não se encerra no parto, enterro (quando há) ou nascimento de um novo filho. No entanto, é possível constituir novos sentidos para a perda, para a relação com o bebê e para o modo de ser que havia sido desvelado na gestação. Palavras-chave: luto, perda gestacional, fenomenologia



## ABSTRACT

Pregnancy is an experience of profound changes on the mother body: the woman's body prepares itself to shelter the baby's body. Thus, the relationship between mother and baby in the womb is different from other relationships, due to the ambiguity of a body that one is and is not at the same time, which feels something and is felt by another. It is a chiasmatic relationship: there is an intercorporeal intertwining in which both baby and mother are mutually touching and touched. Therefore, being pregnant reorganizes woman's corporal scheme, altering the projects in which she is engaged and her life-world. Besides, pregnancy reveals to woman the possibility to disclose the senses of being a mother. Pregnancy loss, also called fetal death, interrupts this relationship that was flourishing between a woman and her baby and forces her to face the fact that life can end at any moment. Although pregnancy loss is a common phenomenon in Brazil and the world, the mother bereavement and its mourning are silenced, and its expression is frequently denied. This study aimed to understand the experience of maternal bereavement in pregnancy loss. To do so, five interviews were conducted with a starter question: "How was your experience of losing your child?" The participants had suffered gestational losses between eight and 38 weeks. It was used Giorgi's phenomenological method, and the data analysis revealed nine elements that constitute the mourning experience in pregnancy loss: pain; lack of meaning; shock; anger and envy; guilt; fear of a new loss; being the mother of a new child; loneliness; re-signification. The study shows that gestational loss is experienced as a loss of a baby, not a meaningless fetus or embryo. When a mother loses a baby, she also loses a future together, the trust in her own body and the mother she intended to be with that child. Furthermore, this kind of loss is a peculiar experience for women that experience the death of another one in her own body. It is concluded that this mourning needs special care, from the news and throughout life, since it does not end in the birth, funeral or with the arrive of a new child. However, it is possible to constitute new meanings to the loss, the relationship with the lost baby and the mode of being that was unfolded.

Key words: bereavement, pregnancy loss, miscarriage, phenomenology

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1: Fenomenologia da Gestação.....	17
Capítulo 2: Luto na Perda Gestacional.....	33
Capítulo 3: Método.....	45
Perfil das participantes.....	49
Capítulo 4: Resultados e Discussão.....	54
Horizonte da gestação.....	54
1. Gravidez desejada.....	55
2. Relação com o bebê.....	56
Constituintes da experiência do luto na perda gestacional.....	62
1. Dor.....	62
2. Falta de sentido.....	66
3. Estado de Choque.....	69
4. Raiva e Inveja.....	72
5. Culpa.....	74
6. Medo de nova perda.....	76
7. Ser mãe de um novo filho.....	77
8. Solidão.....	81
9. Ressignificação.....	84
Estrutura Geral: Como é experienciar uma perda gestacional?.....	88
Conclusões.....	92
Referências.....	98
Anexos.....	104
Anexo I: Transcrições das Entrevistas.....	104
Entrevista I: Frida.....	104
Entrevista II: Clarice.....	119
Entrevista III: Adélia.....	138
Entrevista IV: Judith.....	156
Entrevista V: Jarid.....	180

## Introdução

Este trabalho, “O luto na perda gestacional: um olhar fenomenológico”, se encontra na articulação entre as temáticas luto e gestação, e tem a fenomenologia como fundamento do caminho que busquei trilhar. Assim, esse “olhar fenomenológico” diz respeito à tentativa de apreender a experiência que se pretende estudar como se fosse a primeira vez que eu a estivesse “vendo”. É como o olhar ingênuo da criança que vê algo pela primeira vez e pergunta “O que é isso? Como assim?”. Trata-se de colocar em suspensão aquilo que já sabemos acerca do fenômeno para vê-lo tal como ele se apresenta, o que me lembra da profunda frase de Merleau-Ponty em seu prefácio da *Fenomenologia da Percepção* (1945/2011, p. 19): “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”.

Nesse sentido, também retomo o que Merleau-Ponty fala acerca da fenomenologia ser uma filosofia que busca descrever as essências, recolocando-as na existência. Ela é, assim, um caminho alternativo à ciência e uma busca pela descrição, pois qualquer análise que possamos ter feito acerca do vivido é posterior a ele. Por isso, o filósofo afirma que “retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 4).

É esse “primeiro olhar”, cuidadoso, que nos permite ver além do que já sabemos a priori e fazer esse retorno de nos aproximar do vivido. É uma tentativa de olhar por outras perspectivas. Nessa direção, entendo que esse olhar diz especialmente de uma postura, um constante exercício de suspensão dos próprios pré-conceitos e teorias e um permitir se deslocar para esta experiência que me é diferente. Esse olhar, que é um exercício, é, enfim, um fundamento do processo de conhecer.



Fazer pesquisa a partir dessa perspectiva é um exercício contínuo de suspensão, indagação e descrição com vistas a compreender e desvelar a experiência tal como vivida. É o método fenomenológico que nos oferece um caminho possível, o que reitero estar muito além do que se poderia entender como “procedimentos” e “análise de dados”, mas, que fundamenta todo o processo de conhecer uma experiência. Aqui, a experiência que nos interessa é a do luto na perda gestacional.

Primeiramente, se faz necessário esclarecer algumas definições e conceitos a serem utilizados neste trabalho. A expressão perda gestacional é a forma como é chamado corriqueiramente o óbito fetal. Conforme o Ministério da Saúde (2009), óbito fetal é:

a morte do produto da gestação antes da expulsão ou de sua extração completa do corpo materno, independentemente da duração da gravidez. Indica o óbito o fato de, depois da separação, o feto não respirar nem dar nenhum outro sinal de vida como batimentos do coração, pulsações do cordão umbilical ou movimentos efetivos dos músculos de contração voluntária (p. 25).

A perda gestacional pode ser categorizada em precoce, intermediária ou tardia. A perda gestacional precoce, também denominada aborto espontâneo, compreende o período entre a concepção e a 22ª semana de gestação. Esse recorte gestacional é realizado, principalmente, devido ao desenvolvimento do feto, cujo peso deve ser de, no máximo, 500g para que a perda seja considerada precoce. Na morte fetal intermediária, o período gestacional engloba da 20ª à 28ª semana, tendo o feto um peso entre 500g e 1000g. Por fim, é classificada como perda tardia aquela que ocorre entre a 28ª semana (ou peso acima de 1000g) e o parto. Para fins estatísticos e de comparação internacional, quando o feto se enquadra nesta última categoria, é chamado natimorto (Ministério da Saúde, 2009).

A perda gestacional é um fenômeno recorrente no Brasil e no mundo todo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), no ano de 2015, foram contabilizados mais de 25 mil casos de óbito fetal no país. No mundo, a World Health Organization (WHO, 2016) estima que houve 2,6 milhões de casos de natimortos (perda gestacional tardia) no ano de 2016. Para a WHO (2016), os casos de morte perinatal são subregistrados, o que dificulta um mapeamento mais preciso e limita possibilidades na qualidade da atenção.

Apesar de frequente, a perda gestacional é considerada um luto silenciado (Wojnar, Swanson & Adolfsson, 2011). Isso quer dizer que se trata de uma experiência que, muitas vezes, é calada, que não tem voz e cuja expressão é deslegitimada. É preciso considerar que, atualmente, o luto possui um espaço menor para sua manifestação e é vivido na privacidade. O historiador Ariès (1975/2003) nos conta que, até o século XX, a morte era frequentemente vivenciada no lar, com o moribundo na cama e com rituais fúnebres que possibilitavam a socialização. O luto era manifestado abertamente, marcado pelos ritos, vestuário etc. Segundo o autor, hoje a morte foi escamoteada: morre-se nos hospitais, longe de nossas vistas. Os rituais foram encurtados e saíram do âmbito público para serem vividos na intimidade. Os afetos também sofreram alterações e, no contexto brasileiro contemporâneo, se espera que o enlutado vivencie seus sentimentos com discrição e os expresse de maneira contida (Koury, 2014).

Nesse cenário, a perda gestacional ainda possui algumas particularidades que podem dificultar ainda mais a expressão de afetos e a socialização. O primeiro aspecto se refere à falta de possibilidades de rituais fúnebres quando o bebê é muito pequeno e a gestação está no início. Outro aspecto se refere ao fato de que a relação com o bebê é pouco compartilhada com o mundo. Esse tópico será aprofundado ao longo do trabalho, mas, é importante considerar que falamos de um bebê que, na maioria das vezes, as

peessoas ao redor da mãe ainda não viram, não tocaram, talvez não soubessem seu nome e toda evidência da sua existência se dava intermediada pela mãe. Nesse luto, com exceção de alguns pertences de enxoval, frequentemente não há objetos, fotos ou lembranças que possam ser facilmente compartilhadas com outras pessoas. São as memórias dos pais que preservam a história – breve, mas possivelmente significativa – do bebê. É possível que a falta de visibilidade desse bebê dificulte que haja suporte social à mulher que sofre.

Ademais, no contexto de afetos comidos, o sofrimento é pouco expresso e, se expresso em demasia, é julgado pejorativamente (Koury, 2014). Podemos pensar que a demonstração contida ou ainda a falta de espaços para tal podem intensificar o silenciamento em torno desse luto. Por sua vez, o silêncio em torno da perda gestacional pode agravar o sofrimento do casal enlutado, bem como ocasionar falta de suporte social (Adolfsson, Larsson & Bertero, 2004; Caelli, Downie & Letendre et al., 2002).

Infelizmente, o silêncio também está presente nos ambientes especializados de saúde, onde poderíamos imaginar que haveria maior reconhecimento da dor. Mesmo nos espaços em que o abortamento deveria ser foco de atenção, como os prontos atendimentos e maternidades, a literatura relata que o acolhimento por parte dos profissionais de saúde, por vezes, é ineficaz, e muitas mulheres afirmam sentir que não foram escutadas em seu sofrimento (MacWilliams, Hughes, Aston, Field & Moffatt, 2016).

O cuidado deve ir além dos aspectos físicos, tendo que a perda gestacional não se resume ao sangramento, às dores de contração e tampouco se encerra com o parto ou cesárea. A literatura descreve como frequente a presença do sentimento de culpa, a sensação de vazio (Adolfsson et al., 2004) e o impacto nas futuras gestações, como, por exemplo, a angústia experimentada durante a gravidez seguinte, ou mesmo o abandono de novas tentativas, por receio de mais uma perda (Adolfsson, 2010; Lima & Fortim,



2015). Além disso, a perda gestacional também pode repercutir em dificuldades para estabelecer vínculo com o novo bebê recém-nascido (Vidal, 2010).

Trata-se, portanto, de uma experiência complexa, com decorrências importantes e repletas de significados particulares. É preciso levar em consideração de que tipo de gestação estamos falando (desejada ou não, com má-formação, de alto risco etc.); qual o contexto dessa perda; ter em vista os aspectos físicos, espirituais, culturais, familiares, sociais, econômicos, psicológicos e existenciais. Esse último diz respeito aos sentidos constituídos na relação com esse bebê ainda no ventre e a abertura e restrição de possibilidades que essa gestação e esse bebê propiciavam no projeto dessa mulher. Por isso, uma das perguntas que nos fazemos nesse trabalho é: o que perde uma mulher quando perde um feto?

Isto posto, a pesquisa tem como objetivo compreender a experiência de luto materno na perda gestacional. Ademais, busca identificar particularidades deste luto, bem como verificar se, conforme a gestação se desenvolve, novas possibilidades de vivências de luto emergem. Esta inquietação quanto ao tempo de gravidez provém das questões mencionadas, tal como a ausência de corpo e de rituais fúnebres, quando é uma perda precoce, assim como pela gestação ser uma experiência íntima da mulher e que é paulatinamente compartilhada com os demais. Esses aspectos serão apresentados a seguir, organizados em quatro capítulos.

O primeiro capítulo se intitula *Fenomenologia da Gestação* e busca pensar acerca da experiência da gestação e da relação mãe-bebê intraútero. Trata-se de uma tentativa de compreender como é gestar outro ser, a partir dos subsídios que a fenomenologia nos oferece, sem deixar de pontuar aspectos culturais que permeiam essa vivência.

O segundo capítulo, *Luto na Perda Gestacional*, apresenta o que entendemos por luto a partir de uma perspectiva fenomenológica e expõe o estado da arte acerca da perda

gestacional. Nesse ponto, são indicados os sentimentos e impactos da perda gestacional relatados na literatura, perpassando o silenciamento dessa experiência, e ainda são discutidas algumas questões contemporâneas acerca da invisibilidade desse luto.

O terceiro capítulo apresenta o método utilizado, que se configura como uma pesquisa qualitativa fenomenológica. São descritos os caminhos percorridos no estudo, que foi guiado pela proposta compreensiva de Giorgi (Giorgi & Souza, 2010).

O quarto capítulo, *Resultados e Discussão*, divide-se em dois momentos. O primeiro descreve o horizonte da gestação, que agrega as vivências e significações particulares das entrevistadas acerca da gestação e da relação com o bebê, o que nos possibilita compreender o fundo da experiência de luto. O segundo apresenta e articula as constituintes da experiência de luto, a saber: dor; falta de sentido; estado de choque; raiva e inveja; culpa; medo de nova perda; ser mãe de um novo filho; solidão; e resignificação.

Por fim, as *Conclusões* expõem as considerações finais desse trabalho, as limitações observadas e as recomendações para futuros trabalhos.

Antes de encerrar essa introdução, ressalto que utilizarei o termo “mulher”, pois este estudo se debruçou acerca da experiência de perda gestacional para mulheres cis. Entretanto, gostaria de sublinhar que a gestação não é uma experiência exclusivamente feminina, uma vez que homens-trans também possuem essa possibilidade em seu horizonte.

## Capítulo 1: Fenomenologia da Gestação

enchemos a vida  
de filhos  
que nos enchem a vida

um me enche de lembranças  
que me enchem  
de lágrimas

uma me enche de alegrias  
que enchem minhas noites  
de dias

outro me enche de esperanças  
e receios  
enquanto me incham  
os seios

(Paixão xama paixão, Alice Ruiz)

Sete de agosto de 2018, nasceu minha sobrinha, apelidada “Viva”. Poucas horas após o parto, fui até a maternidade para conhecê-la. Ao chegar, encontrei um corpinho avermelhado, minúsculo, que se aconchegou com facilidade nos meus braços e encheu meus olhos de lágrimas. Eu exclamei para sua mãe: “Puxa, que loucura, né? Hoje de manhã a Viva estava aí na sua barriga, e agora de tarde ela está aqui! No meu colo! Que louco isso, de repente a Viva está aqui!” Dito isso, a mãe me responde: “Como assim? A Viva está há nove meses lá em casa!”

Esse simples diálogo ilustra alguns dos problemas complexos que abordarei neste capítulo. Embora a Viva já possuísse o significado de sobrinha para mim, foi no momento em que nasceu que ela se me apresentou, de fato, com o seu corpinho. O sentimento foi de que eu a estava conhecendo naquele exato instante em que a vi e toquei. Até então, o contato que pude ter com a bebê era quando a mãe me orientava a colocar a mão na sua barriga para sentir seus movimentos, de modo que minha relação com ela era mediada

pelo corpo da mãe – o que, inclusive, pode ser invasivo para algumas mulheres. Para essa mãe, porém, o sentimento era diferente. Parece que havia alguma familiaridade com a pequena, que sua presença era evidente há muito mais tempo, que a bebê já tinha espaço na casa, já morava com ela... Na verdade, morava nela.

Algumas inquietações emergem aqui: como é a relação com esse bebê ainda no ventre? Como é gestar outro ser? Como uma mulher experiencia a gestação? Como é ser gestante? Como é experienciar o crescimento da barriga, as transformações no corpo? A fim de compreender a experiência da gestação e encontrar subsídios que nos auxiliem a responder algumas dessas inquietações, este capítulo buscou aporte na fenomenologia.

Segundo Bornemark e Smith (2016), a experiência da gravidez toca no cerne dos problemas da fenomenologia, uma vez que aborda a gênese da vida intencional e trata da relação com o outro. Conforme os autores indicam, essa experiência possui uma duplicidade e ambiguidade únicas: por um lado, apenas a mulher tem acesso direto a esta vivência; por outro, todo ser humano já esteve no ventre materno.

Ainda assim, os autores indicam que a literatura sobre a gestação é escassa dentro da perspectiva fenomenológica. Uma possível justificativa seria de que a gestação é uma experiência principalmente feminina, que não se encontra no horizonte de possibilidades de vivência para a maioria dos homens, de modo que esta é uma temática que passa ao largo do que foi contemplado por renomados filósofos.

Heinämaa, filósofa contemporânea que estuda fenomenologia e feminismo, traz as contribuições de Beauvoir para pensar as experiências femininas. A autora frisa que Beauvoir aponta para reflexões acerca da corporeidade que não foram discutidas com mais afinco por outros filósofos. Heinämaa (2012) assevera que “as descrições que os fenomenologistas fazem para as experiências corporais não são baseadas em variações propriamente ditas, mas restritas a um paradigma masculino” (p. 457). Sobre isso, a

própria Beauvoir (1949/1980) já afirmara: “há toda uma região de experiência humana que o homem escolhe deliberadamente ignorar porque malogra em *pensá-la*: essa experiência, a mulher a *vive*” (p. 377).

Entretanto, ainda que Merleau-Ponty não tenha se aprofundado na temática da gestação, ele oferece importantes subsídios para a compreensão dessa experiência, a partir da re colocação do corpo na discussão sobre a existência. Em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1945/2011), o autor constrói uma concepção de “terreno comum” que extrapola uma junção ingênua entre o psiquismo e o fisiológico, mas que concebe o corpo imbricado na própria existência: “meu corpo é pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 122).

Ou seja, é o corpo que nos possibilita ver, ouvir, sentir, ler, dançar, enfim, que me oferece a condição de estar no mundo e de ser coconstituente dele. Assim, o filósofo frisa que o corpo próprio é distinto de qualquer outro objeto, uma vez que é um objeto que “não me deixa”. Um exemplo dessa diferença do corpo para os demais objetos é quando estou sentada escrevendo e movo meu dedão do pé. Podemos entender que o dedo me pertence de modo diferente de como me pertence um objeto comum, como um computador ou carro. Quando o movo, o sinto, quase como se pudesse vê-lo. Essa relação é tal que, até mesmo o que não me é visível, posso reconhecer; por exemplo, quando reconheço de um só golpe o estômago que contrai. Isso pois “não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (Merleau-Ponty, 1945/2011, pp. 207-208).

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1945/2011) afirma que o corpo não é uma simples integração ou coordenação de membros, órgãos etc., mas, é uma síntese total que ele chama de esquema corporal. Trata-se de uma posse indivisa do corpo, na qual conheço a

posição de cada membro e reconheço até mesmo as partes que não me são visíveis. Essa síntese do corpo próprio fica evidente nos movimentos cotidianos, tais como abrir uma porta. O levantar do braço, do pulso, os dedos que pressionam o trinco fazendo um movimento giratório, enfim, “todos esses movimentos estão à nossa disposição a partir de sua significação comum” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 206). Quer dizer, não se trata de uma consciência que organiza a motricidade, mas, justamente o oposto. Isso pode ficar mais claro com a reflexão que o filósofo faz acerca do uso da bengala por um cego.

Segundo o autor, o instrumento passa a fazer parte do esquema corporal do cego. O cego não interpreta a pressão que sente na mão pelo objeto para então compreender o mundo, mas experiencia a bengala como um membro de seu corpo. Percebemos com este exemplo que o esquema corporal se articula com o mundo e com a percepção. Conforme Verissimo (2012, p. 376), “motricidade e percepção são dois aspectos de uma única totalidade, a percepção do mundo e a do corpo próprio formam um sistema”. Assim, ressalta que a percepção organizada do corpo próprio é fundo para a percepção do outro e a percepção do mundo. Quer dizer,

a noção de esquema corporal passa, com Merleau-Ponty, a expressão da permeabilidade das partes do corpo umas em relação às outras, bem como da permeabilidade do corpo em relação ao mundo e a outrem. A estabilidade do mundo percebido é então descrita como análoga à experiência que temos do nosso corpo: estável e organizada enquanto forma (Verissimo, 2012, p. 369).

Diante disso, compreendemos o corpo não apenas como a junção de músculos, ossos, sistema nervoso; mas, sobretudo, essa totalidade complexa que experiencio, que me abre o campo da percepção e que é expressão de estar “no” mundo. Ele é, ao mesmo tempo, sensível e senciante (Merleau-Ponty, 1964/2003). Merleau-Ponty toma de Husserl a distinção entre corpo físico (Körper) e o corpo vivido (Leib), reiterando que esse corpo

é uno. Entendemos que é justamente o esquema corporal que pode organizar essas duas expressões de corporeidade.

É a partir dessa concepção de corporeidade que discorreremos acerca da gravidez. Young (1984), uma das pioneiras a se dedicar à fenomenologia da gestação, critica estudos que abordam este fenômeno como um estado de desenvolvimento do feto ou mero processo objetivo, científico e observável em que a mulher precisa “se cuidar”. Para ela, esse discurso do cuidado encerra a mulher como um receptáculo e acaba por apagar a gravidez enquanto experiência. Para quem está acompanhando a gestante, a gravidez pode parecer um processo de espera. Para a mulher, no entanto, este é um momento de movimento, crescimento e transformação. Ela experiencia ser participante no processo de criação, uma vez que ela está no processo, ou, poderia se dizer, ela é o próprio processo: “a gravidez me enraíza no mundo, me faz consciente da fisicalidade do meu corpo não como um objeto, mas como peso material em movimento que sou” (Young, 1984, p. 52)<sup>1</sup>.

Um exemplo que evidencia a profundidade da experiência da gestação enquanto um corpo vivido é a percepção de ocupar um espaço maior do que costumava. Young fala da situação em que a gestante realiza um movimento cotidiano e automático, como se sentar para amarrar os sapatos. Habitualmente, esse movimento era realizado com muita facilidade; contudo, com a gestação avançada, o gesto fica impedido e a mulher é surpreendida em ato pelo toque da barriga nas pernas. Fica evidente que o próprio corpo atualiza o esquema que era conhecido e experienciado habitualmente e, assim, os projetos em que está engajado. Por fim, se o corpo muda durante a gestação, é possível pensar que a experiência com o mundo vivido também é alterada.

---

<sup>1</sup> Traduzido de: “Pregnancy roots me to the earth, makes me conscious of the physicality of my body not as an object, but as the material weight that I am in movement”.

Merleau-Ponty (2006), na obra *Psicologia e Pedagogia da Criança*, afirma que o corpo deixa de ser exclusivamente da mulher gestante para ser também o lugar onde habita outro ser. Para o filósofo, a gravidez difere de outras ações executadas pelo corpo, pois neste momento não é um ato como os demais, mas, é uma vivência que escapa à própria mulher: ela sente seu próprio corpo lhe alienar. Assim, nota-se que estar grávida rearranja e renova o esquema corporal da mulher, devido à sua relação com o bebê e com seu próprio corpo, que se modifica ao longo do tempo, no espaço.

A gestação coloca em evidência outra questão cara à fenomenologia: a alteridade. Na gestação, o corpo da mãe *abriga* outro corpo, o do bebê, o que é diferente das demais relações cotidianas em que o outro se apresenta a mim. Em geral, o outro se mostra de um ponto espacial distinto do meu (eu *aqui*, o outro *lá/ali*). Na gravidez, o bebê divide o mesmo ponto de referência da mãe, o *aqui*, o marco zero de sua orientação espacial (Heinämaa, 2012).

O bebê não está espacialmente distante da mãe, separado, e nesse sentido, não se apresenta de forma visível (ainda que haja tecnologia que permita alguma forma de visualização, do que tratarei em breve). Desse modo, o bebê se apresenta primordialmente por sensações táteis. Quer dizer, sinto movimentos na barriga, que, apesar de serem no meu corpo, não reconheço como meus. Existe, enfim, uma ambiguidade: é um corpo que é e não é meu, sinto movimentos que são de outro, ao mesmo passo que não me são completamente distintos.

Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949/1980), sugere que as experiências de gravidez, assim como o erotismo feminino, são primordiais para a compreensão da relação com a alteridade. A filósofa, assim como Young (1984), sustenta que a gestação rompe com a dicotomia sujeito-objeto, entre o eu e o outro e o eu e o mundo. Para as



autoras, gestar é vivenciar a ambiguidade de um corpo que é e não é seu, de maneira que os limites entre *eu* e *outro*, entre o corpo de si e o corpo do outro, ficam tênues.

A experiência de estar grávida, segundo Heinämaa (2012), propõe novas questões para se pensar a corporeidade. Ela descreve três aspectos que divergem do paradigma masculino. Primeiro, na gestação, o corpo do outro não está distante, em outro ponto espacial, mas, senão exatamente no mesmo ponto em que seu próprio corpo está. Melhor dizendo, o outro está *nela* e *com ela*, em intimidade e proximidade permanente. O segundo tópico se refere à divergência quanto à forma de se relacionar com o outro. Habitualmente, o outro está em um ponto espacial diferente do meu, de modo que se encontra visível, inclusive por diferentes perspectivas. Na gestação, o outro se encontra dentro do eu, o que impossibilita que a mulher veja os movimentos que este outro realiza, mas, contraditoriamente, sinta-os. Sendo assim, “o corpo não é um volume sólido fechado, mas tem um espaço interno capaz de abrir-se para um outro” (Heinämaa, 2012, p. 459). Por fim, o último aspecto: a reciprocidade não acontece da mesma forma quando se estuda a relação entre a mulher e seu bebê ainda em seu ventre. Quando se encontra um outro eu, é possível ver e ser visto. Contudo, essa simetria não ocorre na gestação: “o corpo materno constitui para a criança todo o campo de sensações táteis possíveis” (Heinämaa, 2012, p. 459).

Os estudos em fenomenologia da gestação apontam para a possibilidade de existência de uma relação ainda durante a gestação. Conforme Wynn (2002), essa possibilidade está implícita nos últimos trabalhos de Merleau-Ponty, quando o filósofo faz uso do termo *pre-infant*<sup>2</sup>. Segundo a autora, o termo não se refere ao que existe cronologicamente antes da criança, como se poderia imaginar. *Pre-infant*, assim como a

---

<sup>2</sup> Não foi possível encontrar este termo nas obras em português. É possível que o termo tenha relação com a expressão *Ur-kind* de Husserl. Para tal, consultar Husserl (1935/2017).

expressão “pré-reflexivo”, diz respeito a algo fundamental do corpo mesmo, ou seja, que as reflexões realizadas posteriormente podem se articular com esta vivência pré-reflexiva, mas não a sobrepor, a substituir ou extingui-la. Por conseguinte, o termo *pre-infant* descreve de forma significativa o vir-a-ser-bebê-no-útero<sup>3</sup>, porque antecipa, mas, não requer a existência do bebê. Nesse sentido, Wynn (2002) afirma que a gestação pode ser compreendida fenomenologicamente como uma relação quiasmática, partindo da concepção de reversibilidade postulada por Merleau-Ponty.

Merleau-Ponty (1945/2011) já apontava para a questão da reversibilidade em *Fenomenologia da Percepção*, ao tratar do clássico exemplo da mão direita que toca a mão esquerda. Ele afirma que

as duas mãos nunca são ao mesmo tempo tocadas e tocantes uma em relação à outra. Quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata então de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alternar-se na função de “tocante” e de “tocada” (p. 137).

Em seus últimos escritos, o filósofo aprofunda essa noção. Acerca desse exemplo da mão, ele expressa que existe uma reversibilidade sempre iminente, de modo que uma mão está sempre prestes a tocar a outra. Indica, assim, que não há sobreposição ou coincidência, cada mão possui sua experiência tátil. O que existe, ele retoma, é uma relação através do esquema corporal que possibilita transformá-las em uma experiência una, tal como os dois olhos que me fornecem uma única imagem (Merleau-Ponty, 1964/2003). Além disso, ele parte das noções de reversibilidade e de carne para compreender o enovelamento do visível no corpo vidente. Ele explica que o olhar “envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis” (Merleau-Ponty, 1964/2003, p. 130). Isto é,

---

<sup>3</sup> Traduzido de: “baby-to-be-in-the-womb”.

o olhar reveste aquilo que vê com a sua carne. Nessa perspectiva, os limites entre corpo e mundo são emaranhados, já que o mundo também é carne: “o mundo visto não está ‘em’ meu corpo e meu corpo não está ‘no’ mundo visível em última instância: carne aplicada a outra carne, o mundo não a envolve nem é por ela envolvido” (p. 134). Dessa maneira, percebemos que o quiasma é esse imbricamento explicitado pela condição de, ao ver, possuir o visível e ser por ele possuído. Contudo, notamos que existe uma diferenciação, um ponto de independência entre as partes que não permite que elas sejam completamente coincidentes.

Na mesma direção do exemplo da mão que é sensível e senciante, Wynn (2002) descreve que estar grávida é experiência de pura ambiguidade: mover-se e ser movida, tocar e ser tocada, sentir e ser sentida. Tendo em vista que se trata de uma relação quiasmática, e não de uma relação de causa e efeito, a autora sublinha que se deve compreender esse imbricamento como um entrelaçamento que resguarda a individualidade de cada um. Costumeiramente, parece que, de um lado, a gravidez é vista como algo da mãe, de tal modo que o status ontológico do bebê é negado. De outro lado, há vezes em que a mãe acaba por ficar reduzida a um receptáculo, a um meio ambiente para esse bebê. Wynn declara que a gestação dificilmente consegue ser revelada na sua profundidade e complexidade de inter-relação:

O quiasma da mãe-a-ser e seu pré-infante mostrou-se profundamente intercorpóreo, mutuamente coconstituente e ativo. Esta atividade de ambos na formação desta relação tem passado despercebida, pois a compreensão atual da gravidez a conceitualiza como uma posse de um ou do outro (2002, p. 14)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Traduzido de: “The chiasm of mother-to-be and her pre-infant has shown itself to be deeply intercorporeal, mutually coconstituting and active. This activeness of both in shaping this relationship has gone unnoticed as the current understanding of pregnancy conceptualizes it as a possession of either one or the other”.

A partir da perspectiva de reversibilidade quiasmática, Wynn (2002) critica o trabalho de Young, afirmando que esta explicita a relação privilegiada da mãe com o bebê, mas, não evidencia como se dá a reversibilidade e seu entrelaçamento. Essa relação quiasmática entre mãe e *pre-infant* impacta tanto a gestante quanto o bebê. Quer dizer, esta autora está chamando a atenção para uma experiência ainda intrauterina. Ela afirma que não se deve encarar o bebê recém-nascido nem como uma tábula rasa, tampouco como um amontoado de pré-disposições genéticas, instintos e tendências. Para ela, os recém-nascidos já possuem uma história de experiências.

Wynn (2002) está apontando que o corpo vivido fenomenológico surge ainda no útero, e não após o nascimento. É imprescindível ressaltar que Husserl (1935/2017) já havia indicado essa possibilidade. O filósofo afirma que o feto já apresenta um “pré-eu”, porém ainda sem horizonte. Como ele explicita, o pré-eu já possui um mundo prévio, próprio, o qual ele experiencia. Evidentemente esse mundo é pleno de dados hiléticos, quer dizer, são experiências ainda pré-reflexivas. Ademais, Husserl demarca que as vivências do pré-eu não possuem temporalidade, de modo que o horizonte temporal é um presente fluido. Pode-se afirmar que o feto: “já tem cinesteses e suas ‘coisas’ por meio de uma mobilidade cinestésica – ela já possui uma primordialidade se formando em estado originário” (Husserl, 1935/2017, p. 377).

O feto não é, portanto, isento de sentido. Seu corpo surge enquanto uma primeira constituição com disposição para absorver o sensível, quer dizer, de ter experiências – ainda que pré-reflexivas. Josgrilberg (2017) defende que isso ocorre pelo fato de a relação transcendental com o sentido nascer a partir do corpo, e não da consciência. Ele pondera que a apropriação de sentido é viável a partir da passagem do embrião à vida fetal, caracterizada pela formação do sistema nervoso central e dos sentidos corpóreos. Assim, o útero é um pré-mundo que oferece ao bebê que está no ventre um espaço vital para as

primeiras predisposições existenciais. Essa concepção escancara que a existência é sempre compartilhada, tal como indica o termo utilizado para se referir ao bebê na gestação: “A palavra feto, do latim *fetus*, *a um*, significa algo gerado. Mesma raiz de ‘fecundo’. O feto é o fecundado. Indica que tem origem em outro” (Josgrilberg, 2017, p. 298). Enfim, mesmo que não haja uma relação enquanto consciência, pode-se afirmar que existe uma interação prévia por meio do corpo sensível.

Acerca da percepção da existência de um outro no próprio corpo, Beauvoir (1949/1980) fala sobre o primeiro movimento do bebê no ventre: o pontapé na barriga da mãe. Para ela, esse momento marca um esboço de separação entre mãe e filho e a percepção da existência de uma vida autônoma, ou seja, que independe da mãe. O chute na barriga e demais movimentos fetais costumam ficar mais presentes a partir da 20ª semana da gestação; entretanto, será que é somente a partir desse momento que podemos considerar o bebê no ventre enquanto alteridade?

Para Wynn (2002) e Svenaeus (2017), a tecnologia trouxe implicações importantes para se pensar o aspecto da alteridade. Segundo a primeira, os exames de imagens possibilitaram que a experiência do bebê no útero pudesse ser compartilhada com outras pessoas, deixando de ser algo completamente exclusivo da mulher. A autora afirma que o feto chega a ser mais público do que privado, pois a mãe é retirada do local privilegiado que ocupava, como de quem podia falar não apenas da experiência de gestar, mas também de testemunhar a existência de um bebê, por exemplo, a partir dos movimentos próprios dele.

Nesse sentido, Wynn interpreta que essa representação visual tecnológica pode obscurecer a profundidade da experiência vivida da mãe com o bebê em sua corporeidade. Svenaeus, por outro lado, considera que o uso da tecnologia possa alterar o marco do primeiro contato. Embora o autor também identifique o chute enquanto ocasião em que a

mulher pode efetivamente sentir a presença de outro ser humano dentro de si, ele reconhece que os exames de imagem podem exercer um lugar importante nessa vivência. O ultrassom “abre” o corpo da mulher, oferecendo uma nova experiência para a mulher e para os outros, que podem visualizar o bebê no ventre. Ainda, o autor ressalta que a visão possui lugar privilegiado na nossa cultura e história, de modo que a experiência de “ver” o bebê no ventre pode ser considerada mais significativa do que o sentir, para algumas mulheres.

As implicações da tecnologia na relação com o bebê nos apontam para outro aspecto que não pode ser negligenciado aqui: o contexto em que essa mulher se encontra. Quer dizer, os aspectos particulares, tais como se a gravidez é desejada ou não, bem como os aspectos sociais, históricos e culturais. Não nos debruçaremos longamente sobre essas questões, mas, apontaremos aqui e ao longo da discussão alguns elementos a serem considerados acerca da maternidade.

Nem sempre a relação entre mãe e bebê foi estabelecida via afeto e cuidado. A filósofa e historiadora Badinter (1985) aponta que o sentimento de amor materno não é algo inato ou instintivo, mas, que oscila conforme as variações culturais e ao longo do tempo. Conforme ela discorre, durante a Idade Média, é notável que os filhos não possuíam qualquer lugar de privilégio no seio familiar francês e que suas mortes não tinham o mesmo significado que têm hoje. Ela critica o pensamento corriqueiro de que a tal falta de apego seria consequência das altas taxas de mortalidade infantil, questionando se não poderia ser o inverso: justamente a indiferença dos genitores é que incidiria nas mortes. Conforme descreve, naquela época, os bebês eram entregues para serem alimentados pelas amas-de-leite e permaneciam sob os cuidados de terceiros até atingirem certa idade, quando retornavam ao lar e eram integrados às atividades domésticas, cooperando como força de trabalho. Nesse cenário, a organização da família europeia era

em torno de um poder paterno, de modo que mulheres e crianças possuíam lugares desvalorizados socialmente e de subordinação ao marido/pai (Badinter, 1985).

É em torno de 1700, com a diminuição da população europeia, que a criança começa a possuir um valor mercantil e, nesse contexto, o cuidado para com ela é incentivado (Badinter, 1985). A partir de então, a historiadora marca a presença de discursos que incentivavam a mulher a exercer esses cuidados, o que fica expresso ao retirar as faixas que engessavam os movimentos do bebê, por exemplo, e ao tomar para si a responsabilidade da amamentação. Esse zelo, que pouco existia, também aparece antes do bebê nascer, tal como nas precauções com a alimentação da gestante. Assim, a saúde da criança se torna a principal preocupação dos pais e esse laço afetivo com o filho passa a ter lugar privilegiado na família, especialmente, na vida da mulher.

A autora registra que, paulatinamente, a mulher vai se tornando responsável pela sobrevivência da criança e, mais tarde, pela sua educação moral. Conforme ela explica, essa responsabilidade oferece, enfim, um novo lugar social à mulher. Isto é, a mãe pessoalmente se incube da tarefa de cuidar e educar os filhos, se dedicando a esse trabalho, muitas vezes, integralmente. A autora ressalta que, em especial, a burguesa viu nessa função uma possibilidade de melhorar sua posição social. Como mãe, a mulher se tornava eixo da família, “responsável pela casa, por seus bens e suas almas, a mãe é sagrada a ‘rainha do lar’” (Badinter, 1985, p. 222).

Aqui, o cenário de organização familiar se modifica e, em relação ao homem, a mulher não se encontra mais no mesmo patamar que a criança. Portanto, enquanto mãe, a esposa ganha espaço para se posicionar frente ao marido. Além disso, Badinter (1985) afirma que a mãe burguesa passa a ter orgulho de sua condição de forma análoga à aristocrata em relação à sua posição. Enfim, ao final do século XVIII e ao longo do século

XIX, emerge um novo modo de vida que conserva os laços afetivos familiares e que tem a mãe como um lugar de referência na família moderna.

Na continuidade, Badinter (1985) indica que essa tarefa passou a ser emparelhada ao lugar de felicidade e realização, a tal ponto que se angustiar nessa função ou a desempenhar em desacordo com o que se julgava adequado era motivo para condenação moral. No lugar de reconhecimento social, a maternidade passa a ser uma espécie de destino inevitável. A mãe que não ama o filho (ou, ainda, a mulher que opta por não ter filhos) é vista como “desnaturada” ou mesmo criminosa. A autora ressalta que a noção de maternidade hoje sofreu diversas mudanças, especialmente devido aos movimentos feministas. Tal como ela descreve, existe uma chamada para que o pai ocupe esse lugar de cuidado, não no sentido de retirar a mulher dessa posição, mas, de compartilhar essa responsabilidade com ela.

Ainda assim, podemos compreender que é nesse contexto que surge a concepção de maternidade mais próxima do que temos na contemporaneidade. Embora hoje existam as mais diversas configurações de família e outras possibilidades de expressão de maternidade, notamos que, ao longo da história, ser mãe possibilitou à mulher se posicionar no seio familiar e na sociedade. Além disso, esse espaço parece ter se desdobrado juntamente com a emergência dos cuidados para com os filhos e dos sentimentos de amor materno. Percebemos que gestar, parir e cuidar de um bebê nem sempre ocorreu da maneira como conhecemos hoje. O afeto e os sentimentos nutridos nessa relação precisam ser olhados dentro de um contexto histórico mais amplo.

Nesse sentido, defendemos que a compreensão da gestação e o desvelamento do bebê como um outro não perpassam apenas a questão da corporeidade, mas são atravessados por esse horizonte histórico e cultural. Não se trata de uma determinação,



mas, justamente, um contexto que oferece possibilidades e restrições para que as significações particulares dessa experiência possam emergir.

Embora não seja o objetivo desse capítulo demarcar o momento em que o bebê ganha status de outro para a mulher, vimos que, atualmente, a alteridade vai ganhando seus contornos mais explícitos, à medida que a gestação se desenvolve, com o auxílio dos exames de imagem, bem como com a presença dos movimentos fetais. Compreender essa relação que vai se abrindo paulatinamente nos permite pensar sobre outra questão complexa: quando nasce uma mãe?

Muito se diz que “quando nasce um filho, nasce uma mãe”. Mas, a partir do que discutimos acerca desse corpo que se modifica, que possibilita outras experiências e outro modo de ser, assim como a respeito do bebê que vai se desvelando ao longo da gestação e dessa relação que vai ganhando espaço, defendemos que o sentido “mãe” pode se abrir ao longo desse processo também. Mesmo que, como vimos anteriormente, o que entendemos por “mãe” e os significados particulares de ser mãe se ancorem em um horizonte histórico e cultural, consideramos que a perspectiva existencial precisa ser examinada.

Entendemos que a relação entre feto e gestante abre possibilidade para a constituição dos sentidos “filho” e “mãe”, à medida que a mulher se coloca existencialmente nessa relação. Quer dizer, quando a mulher significa aquele feto enquanto “filho”, ser mãe passa a ser uma realidade para essa gestante, enquanto abertura de possibilidade e modo de ser. Além disso, poderíamos dizer que ser mãe é um processo de constituição de sentido ao longo do tempo: é a mãe de um bebê que depois se surpreende ao não saber como agir com a criança cheia dos “porquês”. Mais tarde, ela se descobrirá mãe de adolescente, mãe de adulto morando em outro lar, ou até mãe de um filho que morreu ou mãe de um filho que não nasceu.

Tendo isso em vista, podemos compreender que a gestação é uma experiência de profunda transformação, enquanto corpo vivo e corpo vivido, o que defendemos que altera os projetos em que se está engajado e a experiência de mundo vivido. Gestar é se perceber ocupando um espaço maior do que se costumava ocupar; é ser surpreendida por um corpo ambíguo, que ora é seu e ora lhe é estranho. É abrigar um outro ser no próprio corpo e perceber esse outro pouco a pouco – não da mesma forma como vejo outras pessoas e sou por elas vista, separadas espacialmente de mim – mas, na gestação, toco e sou tocada em meu “aqui”. Por fim, estar grávida rearranja o esquema corporal da mulher e lhe abre a possibilidade para a constituição do sentido de ser mãe. Fazemos a ressalva de que a gestação não é a única abertura possível para esse modo de ser, mas, é uma das possibilidades, que se dá a partir da corporeidade e do que os horizontes histórico e cultural oferecem.

## Capítulo 2: Luto na Perda Gestacional

O luto é definido por Kovács (1992) como uma reação frente a perdas significativas, tal como a morte de alguém. Trata-se de uma perda brusca, de modo que é uma experiência mobilizadora de sentimentos e que tem potencialidade de desorganização. A autora afirma que o enlutamento é uma experiência única, já que a perda do ente querido pode ter diferentes causas, contextos, e o vínculo com o falecido é variado.

Nessa direção, Freitas (2013) ressalta três aspectos da experiência do luto que devem ser examinados com cuidado. O primeiro é o aspecto particular, que inclui as características particulares da relação rompida, bem como as especificidades do tipo de morte. Ou seja, diz respeito ao papel que o ente falecido exercia em relação ao enlutado e ao contexto da morte (por exemplo, se a causa foi doença ou produto de episódio violento). O segundo, o horizonte histórico, se refere ao contexto cultural em que a pessoa está inserida e como a morte e o luto são significados para essa sociedade e nesse tempo. Por fim, a autora destaca como mais fundamental o aspecto transcendental, isto é, aquilo que diz respeito à relação eu-tu. Neste horizonte, se atenta à impossibilidade de atualização da relação, tendo em vista a supressão do tu em sua materialidade. Quer dizer, se perde a abertura cotidiana que aquela relação propiciava e também o futuro, os projetos e todas as possibilidades que aquela relação poderia vir a abrir. Desse modo, podemos compreender que parte do enlutado “morre” com o ente falecido (Freitas, 2013).

Neste trabalho, tomaremos como ponto de partida essa perspectiva fenomenológica de luto, tal como descrita por Freitas (2013). Assim, o núcleo duro da experiência de luto se trata de um rompimento abrupto e irrevogável da relação com o outro, que deixa de se apresentar enquanto corporeidade, mas se mantém

existencialmente. Essa proposta compreensiva amplia a perda para além da morte do outro, indicando que, quando o outro morre, morrem também uma relação e um modo de existir específico de forma dura e irreversível (Freitas, 2013). Por isso, se entende que “não há resolução ou substituição possível, como defende a psicologia clássica, mas possibilidades de reconfiguração de um campo de coexistência, do mundo vivido, a partir dessa ausência-presença do outro, do ‘tu’ em ‘mim’” (Freitas, 2013, p. 104). Freitas, Michel e Zomkowski (2015), ressaltam que o luto emerge, muitas vezes, como perda de um futuro e de um mundo de possibilidades, ao mesmo passo em que é descrito como condição de abertura para um novo mundo, novas organizações e novos sentidos.

Especificamente acerca do luto materno, Freitas e Michel (2014) apontam que o filho é um ser estruturante na vida da mãe e que nossa cultura toma a experiência de maternidade principalmente pelas suas etapas biológicas, tais como eles indicam: gestação, parto e amamentação. Nesse sentido, os autores sublinham que o contexto de valorização do papel da mãe deve ser considerado ao se pensar acerca da dor intensa que uma mãe vivencia na perda de um filho.

Ainda que o luto materno seja considerado como um dos maiores sofrimentos que uma mãe pode passar (Freitas & Michel, 2014), o luto na perda gestacional é frequentemente silenciado e invisibilizado (Wojnar et al., 2011). Um dos indícios dessa ausência de reconhecimento é a dificuldade de colocar o nome do bebê na certidão de natimorto – o documento que é feito quando o bebê com mais de 20 semanas de gestação, ou peso maior que 500g, morre ainda dentro do ventre materno. A Lei nº 6.015/1973, que dispõe acerca dos registros públicos, prevê o registro do natimorto, mas não especifica o nome como um elemento cabível nesse documento (Congresso Nacional, 6015, 1973). Esse registro é relevante para estudos estatísticos e de comparação longitudinal e internacional, no entanto, mulheres e casais que passaram por uma perda gestacional têm

indicado que o documento pode ter também um significado particular em suas histórias. Nos últimos anos, essa população tem pressionado as autoridades para alterar a legislação vigente com o objetivo de que a certidão de natimorto possa conter o nome do bebê (Ferreira, 2016, 15 de outubro; “Pela primeira vez em SP”, 2013). Em 2015, o Projeto de Lei nº 88/2013, que propunha que os pais pudessem colocar nome e sobrenome do bebê na certidão de natimorto caso desejassem, foi vetado pelo presidente Temer (Senado Federal, 2015). Não obstante, algumas corregedorias de justiça têm deixado como facultativo a inserção do nome, tal como o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, que decidiu por essa possibilidade no ano passado (Corregedoria Geral da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2018).

A presença de discussões atuais acerca da inserção do nome na certidão, especialmente provocadas pelo apelo popular de quem vivenciou tal perda, aponta a relevância que este ato pode ter. Primeiramente, é o nome no documento que permite o registro também na sepultura; caso contrário, na placa lê-se “natimorto de *nome do pai e da mãe*” (Ferreira, 2016, 15 de outubro). Ademais, a partir da compreensão de que a alteridade vai se desvelando ao longo da gestação e que uma das marcas que explicitam o status ontológico do bebê é o nome que lhe é dado, podemos pensar que o nome registrado tem potência para significar que aquele bebê possui uma identidade particular, reconhecendo sua existência. O nome no documento não é, portanto, mero capricho. Ele é indicador formal e decisivo de que aquele que não nasceu vivo existiu.

Diferente de outros lutos, na perda gestacional, muitas vezes, não há fotos ou lembranças mais concretas do bebê. As marcas de que o bebê existiu ficam restritas, principalmente, à memória dos pais, tal como descrevem Lima e Fortim (2015): “no caso das mães de natimortos, a única coisa que elas possuem é o que viveram em si mesmas, durante a gravidez, o registro da própria memória, acessível aos demais somente através

dos seus relatos” (p. 782). Por isso, encontrar formas de socializar e dar significado a esse luto tem sido relatado como recurso fundamental no enfrentamento (Faria-Schützer, Lovorato Neto, Duarte, Vieira & Turato, 2014; Wojnar et al., 2011). Nesse sentido, os rituais fúnebres desempenham um papel interessante: eles reúnem a comunidade com esta mãe para a despedida, o que pode ser entendido como uma indicação de reconhecimento do sofrimento, da morte e, por conseguinte, da existência do bebê. Ainda, o enterro se apresenta como um momento em que a morte fica escancarada, explicitando seu caráter irreversível e abrindo um caminho para a elaboração da perda (Faria-Schützer et al., 2014).

Nessa direção, a invisibilidade pode ser acentuada na perda gestacional precoce, uma vez que não há corpo para ser enterrado, certidão de óbito ou outras vivências que possam ser compartilhadas socialmente. Além disso, a própria gestação até então era algo vivenciado intimamente pela mãe, sobre o quê pouco foi compartilhado com o mundo. Usualmente, antes de 20 semanas completas de gestação, os movimentos fetais não são frequentes. Esses movimentos podem ser compreendidos como um momento em que alteridade fica explícita e também quando as outras pessoas podem “sentir” o bebê e participar – a partir do toque na barriga da mãe –, em alguma medida, dessa experiência. Em vista disso, Wojnar et al. (2011) relatam que, no caso da ausência de corpo, algumas mulheres descreveram uma experiência positiva ao ritualizarem a perda com gestos simbólicos, tal como acender uma vela ou plantar uma árvore.

É importante compreender que “o silêncio em torno do abortamento ocasiona uma falta de suporte social à mulher que sofre”<sup>5</sup> (Adolfsson et al., 2004, p. 545). Nesse sentido, o desamparo e a falta de acolhimento foram amplamente relatados nas pesquisas:

---

<sup>5</sup> Traduzido de: “The silence around miscarriage gives the suffering woman a lack of social support”.

Adolfsson et al. (2004) afirmam que as mulheres desejam que seus sentimentos sejam legitimados, uma vez que sentem que os demais não as compreendem. Outro estudo assevera que o silenciamento, inclusive médico, sobre a possibilidade do abortamento, pode agravar o sofrimento do casal enlutado:

Quatro das participantes falaram sobre o fato de que a perda de um bebê, seja no aborto espontâneo, no natimorto ou na morte neonatal, não é reconhecida publicamente, levando à expectativa de que todas as gravidezes irão progredir normalmente. Esta situação pode ter resultado da antiga tradição patriarcal de tentar proteger as mulheres grávidas de uma preocupação desnecessária. No entanto, como a sociedade não reconhece tais perdas, o efeito sobre os casais é o de intensificar seus sentimentos de responsabilidade e culpa sobre as perdas que ocorrem. Por sua vez, isso agrava seu pesar e, portanto, sua preocupação e inquietação durante uma gravidez subsequente<sup>6</sup> (Caelli et al., 2002, p. 134).

Dias (2012) relata que a descoberta da gravidez é um evento significativo na vida da mulher, podendo representar a concretização de um sonho, a possibilidade de ser mãe e um projeto de vida. A autora observa que, desde o momento da confirmação da gravidez, muitos pais já imaginam e sonham com o filho. Além disso, Dias ressalta que, com a redução no número de filhos nos últimos anos, a gravidez tem se tornado um período planejado, pensado e permeado de expectativas, sonhos e fantasias. Adolfsson et al. (2004), similarmente, abordam que, desde o início da gestação, a mulher faz planos acerca do bebê e começa a reorganizar sua vida: pensa no trabalho, na licença, em quem

---

<sup>6</sup> Traduzido de: “Four of the participants spoke about the fact that the loss of a baby, either through miscarriage, stillbirth or neonatal death, is not publicly acknowledged, leading to the expectation that all pregnancies will progress normally. This situation may have resulted from the erstwhile patriarchal tradition of trying to protect pregnant women from unnecessary worry. However, because society does not acknowledge such losses, the effect on couples is to intensify their feelings of responsibility and guilt about those losses that occur. In turn, this exacerbates their grief and, thus, their worry and concern during a subsequent pregnancy”.

a substituiria, talvez cogite onde esta nova família irá morar e pode se alegrar em dar um filho ao marido e um irmão ou irmã aos outros filhos. Dessa forma, quando a perda ocorre, as mulheres relataram experienciar ter perdido não um produto da concepção, como escreve o manual do Ministério da Saúde (2009), mas um bebê – um sonho conjunto de um futuro com aquele bebê, além do status de uma mulher grávida.

Compreendendo o luto como uma perda que é também existencial (Freitas, 2013), podemos vislumbrar que o luto gestacional é um horizonte de possibilidades que se encerra, é a perda de projetos, de um modo de ser e, especialmente, de um vir-a-ser mãe daquele filho. Nessa direção, Faria-Schützer et al. (2014) falam da sensação de despersonalização, de não reconhecer a si mesma ou ainda uma diluição da identidade vivida por essas mulheres. Ainda, Adolfsson et al. (2004) descrevem que muitas delas relatam perda de parte de si:

Seus perdas não consistem na perda de um embrião ou um feto, mas de seu filho, para o qual elas se prepararam, para esse filho, e não para outro filho futuro. São suas identidades e direitos como mães que foram perdidos. Um sentimento de vazio total ocorre depois que a pequena criatura viva já não existe mais<sup>7</sup> (p. 551).

Conforme MacWilliams et al. (2016), independentemente de a gestação ter sido planejada ou não, desejada ou não, as oito mulheres entrevistadas por eles experienciaram a perda gestacional como a morte de um bebê, a perda de uma vida. É importante dizer que foram inclusas mulheres cuja perda ocorreu no primeiro trimestre, de modo que este trabalho sugere que já existe um bebê para estas mães, mesmo em pouco tempo de gestação. Adolfsson et al. (2004) apresentam o relato doloroso de uma mulher que teve

---

<sup>7</sup> Traduzido de: “Their losses consist not of an embryo or a fetus, but their child, which they have prepared themselves for, this child, not another child later. It is their identities and rights as mothers that have been lost. A feeling of utter emptiness occurs after the little living creature who was there no longer exists”.



um forte sangramento na toalete e que retirou o feto da água para poder olhá-lo mais perto. Ainda, esta mulher disse tê-lo colocado numa caixa com algodão e afirma que, embora as pessoas lhe dissessem que era apenas um embrião ou um feto, ela o considerava um bebê desde o início.

Piccinini, Gomes, Moreira e Lopes (2004), percebem que desde o início da gravidez, é estabelecida uma relação entre a mãe e o bebê. Os autores pontuam que as expectativas maternas vão constituindo este bebê e que a maioria das mulheres entrevistadas por eles relatavam crenças sobre o sexo do bebê, por exemplo, muito antes da sua confirmação. Isso as permitia sonhar como seria esse menino ou menina, como seria a relação desta criança com elas ou com o pai, como a educariam. A escolha do nome é outro fator que possibilita e expressa uma relação mais próxima com o bebê. Esse estudo identificou que estas interações verbais ou não-verbais (como os movimentos fetais, o desejo e o estado emocional da mãe) contribuem para o relacionamento mãe-bebê.

A perda gestacional rompe com essa relação que vinha sendo desenhada e coloca a mulher frente à facticidade de que a vida termina a qualquer momento. Além disso, escancara a morte como algo inevitável e para além do controle da mulher. Isto posto, outra vivência relatada na literatura é a sensação de descontrole e vazio:

As mulheres perdem o controle sobre seus corpos quando experienciam uma perda gestacional, com sangramento e dor. Várias sentiram uma perda de chão e a sensação de cair em um grande buraco negro. Elas pensavam: “não acordei completamente da anestesia”; “nunca mais irei engravidar e ter um filho”. Quando

o bebê e seu futuro-já-planejado são tirados da mulher, ela sente apenas o vazio<sup>8</sup> (Adolfsson et al., 2004, p. 550).

Os sentimentos de impotência, desamparo e se perceber sem controle sobre o próprio corpo também foram descritos por Wojnar et al. (2011) no modelo teórico que as autoras chamaram de *Abortamento: enfrentando o inevitável*<sup>9</sup>. Elas apontam que a percepção de que algo não vai bem é uma vivência constituinte da experiência de perda gestacional. O “vir a saber”<sup>10</sup>, tal como elas chamam essa vivência, emerge a partir das sensações físicas e dos sintomas, tal como o sangramento e a dor que confirmam a perda inevitável.

Nota-se que o luto na perda gestacional tem a particularidade de se tratar de uma morte experimentada literalmente no próprio corpo da mãe, quer dizer, é um feto que morre, mas, é também o corpo da mulher que sangra, que sofre os procedimentos, que sente dor. A dor física foi descrita de forma intensa e significativa na perda gestacional, sendo um indicativo de algo que não vai bem, muitas vezes, sendo o motivo da busca pelo serviço especializado (Adolfsson, 2010; Domingos, Merighi & Jesus, 2011; MacWilliams et al., 2016; Smith, Frost, Levitas, Bradley, & Garcia, 2006; Wojnar et al., 2011).

As mulheres no estudo de MacWilliams et al. (2016), acerca da experiência de perda gestacional no serviço de emergência, relataram vivenciar desamparo. Conforme eles explicam, os sintomas indicativos da perda se apresentam repentinamente, de modo que a mulher sente necessidade de buscar ajuda. Os autores ressaltaram que, muitas vezes, são os serviços de pronto atendimento que acabam por acolhê-las, uma vez que estão

---

<sup>8</sup> Traduzido de: “The women lost control over their bodies when they experienced miscarriages, with bleeding and pain. Several felt a loss of foothold, and that they tumbled down into a big black hole. They thought: ‘I’m not fully awake from the anaesthesia’; ‘I will never have a new pregnancy and a child’. When the child and its already-planned future is taken away from her, the woman feels only emptiness inside”.

<sup>9</sup> Traduzido de: “Miscarriage: confronting the Inevitable”.

<sup>10</sup> Traduzido de: “coming to know”.

disponíveis de forma ininterrupta. As participantes desse estudo declaravam que consideraram sua perda diferente de uma doença, ou outra ocorrência qualquer, como um braço quebrado, e que, ao receberem tratamento equivalente a essas demandas, fizeram com que se sentissem deslocadas e que suas necessidades não fossem tratadas como prioridade. Por conseguinte, relataram se sentir isoladas e não acolhidas em sua perda, nem pela equipe de saúde, nem tampouco pelo círculo familiar e social: “as mulheres neste estudo que tiveram um abortamento se sentiram marginalizadas, sem voz e impotentes<sup>11</sup>” (MacWilliams et al., 2016, p. 6).

Ainda quanto ao acolhimento oferecido pelo serviço de saúde, Smith et al. (2006) ressaltam a importância de se olhar para cada experiência como única e singular e de oferecer informação acerca da escolha sobre os métodos de expulsão e retirada do bebê. Os autores estudaram a experiência de abortamento no primeiro trimestre a partir de três diferentes decorrências: esperar a fim de que o próprio corpo realize a expulsão, uso de medicação para motivar as contrações uterinas ou então uso de anestésico geral e curetagem. Nessa pesquisa, muitas mulheres relataram que a escolha quanto ao método de retirada do feto lhes foi negada, e a maioria expressou desejo por um método mais “natural”. Algumas descreveram que estar consciente durante o procedimento as permitiu uma despedida e que, posteriormente, consideravam esta vivência positiva para seu enlutamento. Por outro lado, houve entrevistadas que disseram preferir evitar estar em contato com a experiência (Smith et al., 2006).

Outro estudo, de Caelli et al. (2002), buscou compreender o impacto de um serviço especial de parto, criado com o objetivo de acolher pais e mães que já haviam experienciado uma perda anterior. Os achados indicaram a empatia e a habilidade de

---

<sup>11</sup> Traduzido de: “Instead, the women in this study who had miscarried felt marginalized, voiceless, and disempowered”.

escuta como importantes no cuidado com esses casais. Entretanto, se ressalta que essa escuta deve ir além dos aspectos físicos: “As mulheres revelaram a necessidade do cuidado que vai além de procedimentos técnicos. Pelos seus discursos, as necessidades apresentadas extrapolaram o cuidado físico e a situação de abortamento mostrou-se como uma situação difícil, complicada e dolorosa, física e existencialmente” (Mariutti, Almeida, & Panobianco, 2007, p. 4). Domingos et al. (2011) apontam que “a mulher reconhece que a situação de abortamento é uma condição que requer atenção, apoio e informações dos profissionais” (p. 9). Assim sendo, as autoras atentam para a atuação do profissional de enfermagem, mais especificamente, que deve manejar não apenas as necessidades físicas, mas oferecer um atendimento personalizado, de cuidado integral. Além disso, tal como o estudo de Smith et al. (2006), Caelli et al. (2002) frisam que se deve providenciar informações completas e de forma acessível, a fim de sanar e esclarecer dúvidas que as mulheres, as quais já passaram por uma perda, possam ter. A falta de informação e de cuidado pode ser um agravante do sofrimento (Mariutti et al., 2007).

Os questionamentos acerca da causa, buscando explicações médicas ou em seus próprios comportamentos possíveis justificativas para a perda, são frequentes na perda gestacional (Adolfsson et al., 2004). Essa preocupação com o corpo emerge juntamente com a culpa e o medo quanto a ter feito algo que possa ter provocado o abortamento, além do medo de ser julgada culpada, uma vez que a temática do aborto provocado é um tabu (Boemer & Mariutti, 2003). Contudo, independentemente da etiologia do aborto, as mulheres experienciam culpa por não terem logrado levar a termo a gestação (Boemer & Mariutti, 2003).

Adolfsson et al. (2004) descrevem que a culpa, em conjunto com o vazio, são as constituintes essenciais da experiência de abortamento espontâneo. Vale lembrar que os autores entrevistaram mulheres com perdas ocorridas, no máximo, até a 12<sup>a</sup> semana de

gestação. De maneira similar, Camarneiro, Maciel e Silveira (2015) afirmam que o luto na perda gestacional do primeiro trimestre é vivenciado com sensação de vazio, culpa, falta de sentido e inveja, estando presente a busca incessante por explicações para o ocorrido. Frequentemente, a própria capacidade reprodutiva e a identidade enquanto mulher e mãe é posta em xeque (Dias, 2012). Portanto, a perda gestacional traz à tona conflitos relacionados à identidade feminina e ao papel da mulher na sociedade (Duarte & Turato, 2009).

Com a chegada da menstruação após o abortamento, as mulheres relataram grande confusão de sentimentos, manifestando raiva e tristeza frente a mais uma confirmação da perda, mas, também, alívio por sentir que seriam capazes de engravidar novamente (Wojnar et al., 2011). Quando, por fim, engravidam, costumam se sentir emocionalmente divididas. Isto é, experienciam ambigualmente uma alegria antecipada por engravidar novamente, e ansiedade e medo, que podem sufocar o prazer da nova gestação (Adolfsson et al., 2004). Vale distinguir que, enquanto algumas manifestam a vontade de uma nova gravidez, outras expressam angústia e medo de reviver o sofrimento (Adolfsson, 2010). Algumas mulheres afirmam que o abortamento foi a pior experiência que já tiveram em suas vidas e afirmam preferir não engravidar novamente a assumir o risco de outra perda (Adolfsson, 2010). Por outro lado, algumas mulheres manifestaram o desejo de rever seus projetos de vida, sendo este um momento propício para a introdução de mudanças, como a adoção de métodos anticoncepcionais (Boemer & Mariutti, 2003).

Acerca do impacto nas futuras gestações, Lima e Fortim (2015) observaram a dificuldade de investimento de algumas mulheres numa nova gravidez, e Vidal (2010) aponta que esse impacto transpassa o período gestacional, influenciando também a relação neonatal com o próximo bebê. Ademais, se percebe que gerar com sucesso um

filho após a perda tem sido relatado como um facilitador na elaboração do luto (Duarte & Turato, 2009; Lima & Fortim, 2015).

Outra repercussão mencionada foi quanto ao relacionamento com o/a cônjuge e outros círculos sociais. A maioria das entrevistadas nos estudos de Wojnar et al. (2011) mencionaram que a perda impactou em seus relacionamentos conjugais e algumas contaram que a perda as aproximou do/a parceiro/a (Wojnar et al., 2011). Faria-Schützer et al. (2014) apontam que as mães enlutadas relatam evitar compromissos sociais por não desejarem passar pelo constrangimento e dor de explicar o que lhes ocorreu.

O contato com outras mães e seus bebês também é descrito na literatura como desagradável e doloroso, muitas vezes sendo expresso por meio de sentimentos como inveja e revolta (Camarneiro et al., 2015; Dias, 2012; Duarte & Turato, 2009). Algumas descrevem que, ao saber da perda de outras mulheres, reviviam a própria dor (Wojnar et al., 2011). Em contrapartida, saber de histórias similares e poder trocar experiências também foi relatado como um alento e abertura de novas possibilidades de formas de enfrentamento (Caelli et al., 2002).

Considerando todo o exposto, se percebe que a perda gestacional é uma experiência complexa, com impacto em diferentes âmbitos da vida, tal como as relações sociais que podem ficar prejudicadas, a identidade que pode ser abalada e os projetos para o futuro que se esvaem. A dor, o desamparo e a impotência são vivências significativas nesse luto, assim como o silenciamento em torno dele. Desse modo, podemos pensar que se trata de uma perda que reflete na existência da mulher como um todo. Seu projeto de ser mãe daquele bebê fica inviabilizado e um horizonte de possibilidades também se encerra. Portanto, sendo uma perda estatisticamente recorrente, cujo luto é uma vivência profunda e pouco legitimada, entendemos que é fundamental dar voz às mulheres que passaram por esta perda, a fim de compreender esta experiência.

### Capítulo 3: Método

Este estudo se trata de uma pesquisa qualitativa, de caráter fenomenológico. Esta escolha se justifica pelo objetivo deste estudo ser *compreender* a experiência de luto na perda gestacional, ou seja, o que temos em vista é a vivência das mulheres que passaram por essa perda. Ao falar sobre pesquisa qualitativa, se trata de uma epistemologia que, conforme González Rey (2002), é um modo como se conhece ou estuda a subjetividade, quer dizer, este complexo sistema de significações e sentidos, que são produzidos na vida de forma dialética entre indivíduo e cultura. Além disso, esse “objeto” se desvela na própria experiência, de modo que pesquisas com direcionamentos definidos *a priori* podem acabar não permitindo a flexibilidade necessária para que a experiência emergja.

Instrumentos fechados, tais como questionário e entrevista estruturada, costumam ter pressupostos teóricos e metodológicos que buscam estruturas metodológicas com procedimentos objetivantes, tais como o teste de hipóteses e outros que amenizem a subjetividade do pesquisador. Andrade e Holanda (2010) pontuam que essa flexibilidade – não apenas do instrumento, mas, de todo processo de pesquisa – é característica da pesquisa qualitativa. Os caminhos da pesquisa não são totalmente definidos, mas, são construídos durante o próprio pesquisar, podendo vir à luz possibilidades que antes não foram cogitadas, o que permite resultados novos e imprevistos (Andrade & Holanda, 2010). Dessa forma, o pesquisador deve estar disponível para possíveis confrontações e mudanças de suas próprias ideias (González Rey, 2002).

Entendemos que o pesquisador é também constituinte do processo de pesquisa, sendo inviável a suposta neutralidade da produção científica. Compreendemos que existe “mútua influência entre pesquisador e pesquisado, pois ambos produzem pensamentos

com base na sua posição diante do outro e de si mesmo, o que influencia o processo da pesquisa” (Andrade & Holanda, 2010 p. 260). Assim, o contexto cultural da própria pesquisadora e suas vivências possuem impacto tanto na condução da investigação como na produção de resultados. Tendo em vista a perspectiva da pesquisa qualitativa fenomenológica, busquei assumir uma postura de abertura e colocar uma escuta atenta a qualquer sentido que aparecesse durante a investigação.

E como é possível ter essa postura de abertura? Sobre isso, vale recuperar o conceito de *epoché* tal como postulado por Husserl. Para tanto, podemos recorrer aos autores Giorgi e Souza (2010), os quais descrevem o método fenomenológico, aplicado à psicologia. Primeiramente, é essencial ressaltar que os autores retratam a *epoché* como um primeiro passo fundante, uma vez que ela deve ser mantida durante todo o processo de investigação e análise. Os autores a caracterizam como a suspensão da atitude natural do senso comum, ou seja, um “colocar entre parênteses” nossas crenças, pré-juízos e pré-conceitos já dados, a fim de que possamos nos aproximar do fenômeno tal como ele se apresenta.

O segundo passo do método fenomenológico se trata da redução fenomenológica-psicológica e visa compreender como os objetos surgem à consciência. Os objetos são entendidos tal como vivenciados pelo sujeito, e não se alega que eles existem na realidade tal como descritos. Os autores especificam que aqui não é realizada a redução filosófica, a qual incluiria reduzir os próprios atos da consciência, como a percepção, por exemplo.

Enfim, o terceiro passo se refere à análise eidética: a variação livre e imaginativa, que tem como objetivo identificar características fundamentais do fenômeno. Isto é, se faz o exercício de retirar as características e trocá-las, de maneira a apreender quais são aquelas que não podem ser substituídas, incorrendo no risco de descaracterizar o fenômeno. Quando se identifica as características primordiais para que o objeto continue



a ser reconhecido como tal, encontra-se o que pode ser considerado a essência constituinte do fenômeno (Giorgi & Sousa, 2010).

Tendo em consideração o exposto, este trabalho se utilizou de entrevistas abertas, desenvolvidas a partir de uma pergunta disparadora. Para Giorgi e Sousa (2010), esta pergunta deve possibilitar a descrição mais detalhada e específica possível das experiências dos participantes. Os autores reiteram a importância de que essa descrição incorpore a subjetividade dos sujeitos, tal como eles vivenciam essa experiência em sua vida cotidiana. Temos em vista que a *epoché* total é utópica, de modo que foi necessário realizar uma escolha quanto aos termos a serem adotados na pergunta disparadora.

Buscando o que mais se aproximava de uma pergunta de caráter exploratório, descritiva e que possibilitaria o emergir da experiência cotidiana da mulher com seus sentidos particulares, e também com o objetivo de não correr o risco de negligenciar a dor e o sofrimento da mãe enlutada, optamos por utilizar o termo *filho*. Além disso, *filho* se ancora no sentido existencial que a mãe constituiu, diferente de termos como *embrião* ou *feto*, os quais possuem mais a conotação biológica e não um estatuto de relação com significado particular. Nessa mesma perspectiva, excluimos as opções de perguntar *como foi para você perder sua gestação* e outras que referenciassem à gravidez, entendendo que esta palavra poderia remeter aos procedimentos médicos e ao processo fisiológico da perda, podendo desfocar do sentido existencial que pretendemos compreender. Logo, a pergunta disparadora utilizada foi: “como foi para você perder o seu filho?”

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob número CAAE 56202316.0.0000.0102, e o recrutamento das participantes foi feito por conveniência. Foram realizadas cinco entrevistas; todas aconteceram no Centro de Psicologia Aplicada, do Departamento de Psicologia da UFPR, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e tiveram

duração aproximada de uma hora. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, omitindo dados que pudessem fornecer identificação das participantes. Os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos; ter vivido pelo menos uma perda gestacional, sendo a última ocorrida há pelo menos 30 dias. Optou-se pelo critério de 30 dias considerando um tempo mínimo de recuperação após a perda, que possibilitasse à participante se deslocar e estar disponível para a entrevista. Os critérios de exclusão foram: estar gestante; ou apresentar comprometimento psicótico.

A análise dos dados seguiu quatro passos, propostos por Giorgi e Sousa (2010):

1. estabelecer o sentido geral: este passo tem por objetivo apreender o sentido geral da entrevista. Para tanto, a pesquisadora deve estar atenta à postura fenomenológica (*epoché*) e ler diversas vezes todo o conteúdo, sem se prender em partes isoladas ou formular hipóteses interpretativas;
2. determinação das partes – divisão das unidades de significado: aqui, a pesquisadora lê novamente a entrevista e, a cada mudança de sentido, insere-se uma barra. Evidentemente, as divisões não existem em si mesmas, mas, seguem uma análise de acordo com o objetivo da pesquisa. No caso, serão divisões de sentido de acordo com critérios psicológicos;
3. transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico: nessa etapa, a pesquisadora descreve as intenções psicológicas contidas em cada unidade de significado. Este passo é essencial, uma vez que é nesse momento que haverá modificação da linguagem do sujeito, uma tradução. A pesquisadora deve “intuir e descrever essencialmente os significados psicológicos contidos nas descrições do sujeitos, com a ajuda da redução fenomenológica-psicológica e da variação livre imaginativa” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 89). Vale ressaltar que não é mera reformulação, rotulação

ou ainda interpretação a partir de conceitos teóricos, mas, avançar de forma cautelosa de modo a trazer à luz significados psicológicos implícitos no relato;

4. determinação da estrutura geral dos significados psicológicos: esta etapa se utiliza da análise eidética para atingir uma descrição daquilo que é invariante nas experiências, isto é, os chamados *constituíntes essenciais*. O último passo objetiva, portanto, descrever uma estrutura que expresse essa síntese das unidades de significado psicológico, bem como a relação e articulação entre elas. Giorgi e Souza (2010) asseveram que não há o objetivo de obter uma validade universal, mas sim, tornar possível uma generalização.

### **Perfil das participantes**

As participantes possuíam idades entre 30 e 50 anos, residiam em Curitiba ou região metropolitana e possuíam curso superior. No momento em que foi realizada a entrevista, quatro delas estavam casadas e uma contou estar reatando com o ex-marido após um ano de separação. Duas entrevistadas sofreram perdas no primeiro trimestre da gestação; uma participante, no segundo trimestre; e as outras duas, ao final da gestação. Três já tinham filhos antes do abortamento e tiveram outros filhos depois; uma não tinha filhos antes e teve um filho depois; e outra entrevistada não teve outros filhos antes ou após a perda gestacional, conforme explicita o Quadro 1. Todos os nomes utilizados são fictícios<sup>12</sup>, a fim de preservar a identidade das entrevistadas.

---

<sup>12</sup> Os nomes tiveram como referência mulheres inspiradoras para a autora, são elas: Frida Kahlo, Clarice Lispector, Adélia Prado, Judith Butler e Jarid Arraes.

Nome	Semana gestacional em que sofreu a perda	Intervalo de tempo entre a perda e a entrevista	Filhos antes da perda	Filhos após a perda	Participante se refere ao bebê da perda gestacional como filho?
Frida	Aproximadamente 12 semanas	Oito anos	Uma	Uma	Não
Clarice	Duas perdas: 11 semanas e 8 semanas	Nove anos e oito anos	Um	Dois	Não
Adélia	23 semanas	18 anos	Uma	Dois	Não/Sim
Judith	38 semanas	Dois anos	Nenhum	Um	Sim
Jarid	38 semanas	Um ano e dois meses	Nenhum	Nenhum	Sim

**Quadro 1.** Perfil das Participantes

Frida é musicoterapeuta e estudante universitária e casada. Contou que teve endometriose na juventude e, por isso, um médico indicou que ela teria dificuldades para engravidar. Por esse motivo, relatou ter dado início ao tratamento e engravidado ainda jovem, uma vez lhe foi dito que teria maior probabilidade de sucesso nessa época. Ela teve sua primeira filha e, seis anos mais tarde, decidiu que gostaria de engravidar novamente, o que ocorreu apenas depois de 11 meses de tentativas. Essa gestação, tão desejada, terminou em um abortamento quando ela estava com aproximadamente três meses. Conforme descreveu, seu sofrimento foi vivenciado durante um tempo curto, pois, três meses após o aborto, engravidou novamente, de sua filha caçula. Segundo ela, esse novo bebê tamponou a ausência da perda. Assim, Frida se apresentou como mãe de duas filhas – uma de 14 anos e outra de oito anos. Antes de iniciar a entrevista, ela comentou

que sua experiência de perda era algo “tranquilo” e ficou surpresa ao se emocionar. Conforme disse, ela vivenciou o luto durante os três meses entre a perda e a nova gestação e, desde então, não havia mais tocado no assunto. Disse ter percebido que a perda ainda lhe era dolorida durante a entrevista. Em seu relato, também foram marcantes as vivências de raiva e inveja frente a outras gestantes e até mesmo à cadela que teve filhotes logo após seu abortamento. A entrevista foi realizada oito anos após a perda.

Clarice é jornalista, casada e contou que já tinha um filho de cinco anos em 2007, quando finalizou o mestrado e decidiu ter um segundo filho. Relatou que essa segunda gestação resultou em abortamento quando estava com 11 semanas, apenas duas semanas após a descoberta da gravidez. No ano seguinte, sofreu outra perda gestacional, de oito semanas. Em 2009, nasceu seu segundo filho e, alguns anos depois, seu terceiro, o único não planejado. Desse modo, Clarice disse que viveu cinco gestações e se apresentou como mãe de três filhos. Suas perdas foram experienciadas com dor e as gestações seguintes, marcadas por medo e questionamentos acerca dos motivos da perda. Com o nascimento do terceiro filho, Clarice disse ter feito laqueadura, o que ela significou como cicatrização da dor e da angústia frente à possibilidade de sofrer nova perda. A entrevista foi realizada nove anos após a primeira perda, e oito após a segunda.

Adélia é casada, disse ter engravidado da sua primeira filha com 17 anos e que, apesar do susto inicial da gravidez inesperada, rapidamente se vinculou ao bebê. Seis anos depois do nascimento da primeira filha, engravidou da sua segunda gestação. Relatou que a gravidez veio em um momento delicado da sua vida conjugal e que o marido não acolheu a notícia com satisfação. Com aproximadamente 21 semanas de gestação, disse ter sofrido uma pequena queda que culminou em uma hemorragia e, duas semanas depois, perdeu o bebê. Descreveu esse momento com a sensação de estar completamente perdida, “sozinha no deserto” e com intensa dor – emocional e física. Ela descreveu que a dor da

perda e as lembranças dos procedimentos sofridos no hospital ficam guardados em uma “caixinha” que, se reaberta, tal como na entrevista, são presentificados. Seu relato aponta que o luto é vivido de modo solitário e sentido como um vazio, um buraco que nada preenche. Embora ela tenha contado que, muitos anos após a perda, ela tenha tido uma experiência religiosa que significou o bebê da perda como *filha*, ela não se refere ao bebê por tal termo, se apresentando como mãe de três filhos, mas, tendo vivido quatro gestações. Adélia disse ter engravidado de seu segundo filho dois anos após a perda e, depois de alguns anos, engravidou do seu terceiro e último filho. A entrevista foi realizada 18 anos após a perda.

Judith exerce a advocacia, é casada e sua primeira gestação se desenvolveu com tranquilidade até a 38ª semana, quando, numa consulta de rotina, sua médica a encaminhou com urgência para a maternidade, pois não fora possível ouvir os batimentos cardíacos do bebê. No serviço de emergência, recebeu a notícia do óbito e, em seguida, realizou a cesárea. Relatou que foi difícil “digerir” a notícia e, enquanto esperava o parto, oscilava entre ter esperança de que o filho pudesse nascer vivo e a angústia de não suportar ver o filho morto. Ainda assim, ela expressou que lhe foi benéfico poder conhecer o bebê e o ter no colo por alguns minutos. Uma vez que a perda foi no final da gestação, o bebê de Judith teve certidão de óbito e enterro. Nos meses subsequentes, descreveu um misto de sentimentos intensos, como culpa, revolta e dor. Ainda, seus relacionamentos sociais e crenças religiosas foram abalados. Sete meses depois da perda, engravidou novamente e teve seu segundo bebê, que, no momento da entrevista, tinha seis meses de vida. Judith expressou que, ao se saber grávida de outro menino, experimentou medo de esquecer o filho falecido. A perda ocorreu dois anos antes da entrevista.

Jarid é técnica de enfermagem, trabalhava na área de saúde e era casada quando engravidou pela primeira vez. Com 38 semanas de gestação, notou que seu bebê não

mexia e, ao realizar exame de imagem, descobriu que ele havia falecido. Descreveu sua experiência como um processo difícil, demorado e doloroso. Em especial, foram presentes no seu relato os sentimentos de revolta e culpa e a sensação de vazio. Pouco após a perda, disse ter se separado do marido, o que mais tarde compreendeu ter relação com a forma diferente como cada um vivenciou o luto. Jarid buscou auxílio psicológico e participou de psicoterapia de grupo voltada para mães que sofreram perda gestacional/neonatal. O convívio com essas mães resultou em amizades e na criação de uma página no Facebook de apoio à perda gestacional/neonatal. Contou que não teve outros filhos mais tarde e que, na época da entrevista (um ano e dois meses após a perda), ela e o marido estavam se reaproximando. A participante ressaltou diversas vezes que, embora não tenha seu bebê vivo, ela não deixou de ser mãe. Assim, quando alguém lhe pergunta se tem filhos, relatou responder afirmativamente e explica que o filho morreu. Assim como Judith, ela contou que pôde conhecer o filho, se despedir, enterrá-lo, e que mantém guardados alguns pertences dele.

## **Capítulo 4: Resultados e Discussão**

Como podemos compreender a experiência de perda gestacional para a mulher? Este capítulo pretende responder ao objetivo da pesquisa a partir de uma descrição e compreensão fenomenológica dos achados nas entrevistas e do entrelaçamento dos mesmos com a literatura. Para melhor compreensão, este capítulo será composto de duas partes. A primeira, horizonte da gestação, diz respeito aos elementos centrais e constituintes da experiência da gestação para as entrevistadas, os quais são: gravidez desejada e relação com o bebê. Optou-se por apresentar essas vivências nos resultados, ainda que não tratem da experiência de luto propriamente dita, pois revelam os significados da gestação e do bebê. Sendo assim, são vivências que ofereceram o solo fértil no qual os sentidos da perda puderam emergir. Desse modo, essa primeira parte possibilita compreender a experiência de luto tal como descrita pelas entrevistadas. A segunda parte é composta pelas constituintes da experiência de luto na perda gestacional. São elas: dor, falta de sentido, estado de choque, raiva e inveja, culpa, medo de nova perda, ser mãe de um novo filho, solidão e resignificação.

Observar-se-á que algumas vivências descritas não estiveram presentes nos relatos das cinco participantes. Consideramos que a relevância da vivência não é apenas quantitativa, isto é, quantas vezes ela foi relatada, mas, qualitativa, quer dizer, o sentido que se carrega acerca da experiência.

### **Horizonte da gestação**

Esta primeira parte visa descrever algumas significações particulares relatadas, que contextualizam e possibilitam compreender a experiência de luto na perda gestacional



para as entrevistadas. Estão apresentadas aqui as duas vivências encontradas, são elas: gravidez desejada e relação com o bebê.

### **1. Gravidez desejada**

Quatro das cinco entrevistadas relataram que desejavam engravidar e que a notícia de estar gestante foi recebida com grande alegria. Elas descreveram nutrir afeto e carinho pelo bebê ainda no ventre; algumas indicaram terem desfrutado da gestação e das sensações envolvidas, tais como o bebê se movendo na barriga e a preparação para o parto e para receber o bebê em suas vidas. Adélia, por outro lado, contou que a gestação veio em um momento conturbado, uma vez que ela e o marido pensavam em se separar. Embora o marido não tenha acolhido bem a notícia, Adélia expressou que pensava em assumir o bebê sozinha.

É importante ter em vista as significações que essas mulheres constituíram para a gestação e o anúncio do bebê, a fim de compreender o que se perde em uma perda gestacional, para além da definição biologicista de “feto”. Uma fala de Jarid explicita que, por ter sido uma gestação desejada e plena de projetos, sente ter perdido parte de si: “Eu sempre falo que parece que faltou um pedaço teu, porque era uma gravidez planejada, desejada, tudo pronto e de repente você sai do hospital de braço vazio, né?” Nota-se, portanto, que esse desejo e expectativa pela gravidez aparece como fundo para o sofrimento e a dor quando ocorre a perda. Este sentimento também fica explícito nas falas de Clarice:

Clarice: Foi ruim, porque assim... tu perdeu. Teu bebê. Né... teu bebê, que dali algum tempo estaria nos teus braços... o bebê que, né, que você estava esperando... que você estava feliz, né! Porque eram gravidezes desejadas... nós queríamos engravidar...

Entrevistadora: Você descobriu e perdeu duas semanas depois?

Clarice: Foi rápido, mas foi dolorido. Né, então por quê? Porque eu soube que estava grávida, a alegria e felicidade tinha sido grande, gigante, imensa, né, e foi um grande susto pra gente, né?

Nesta última fala, Clarice ressalta que, embora o tempo de gestação tenha sido breve, a gravidez já significava felicidade e apontava para um projeto que era desejado com afeto. Vislumbrar esse horizonte de significações nos permite compreender a vivência de perda que é experimentada com dor e choque, tal como Clarice indicou, e outras constituintes que serão descritas adiante.

## **2. Relação com o bebê**

Outro aspecto essencial que nos possibilita compreender a experiência de luto na perda gestacional é o significado que as entrevistadas constituíram para o bebê que estavam gestando. As cinco participantes relataram que investiam em uma relação com o bebê, contudo, o lugar que ocupava em suas famílias e o seu significado difere entre elas.

Primeiramente, as entrevistadas afirmaram que, a partir do momento em que se percebiam gestantes, buscavam desenvolver uma relação com seus bebês. Isso acontecia mesmo antes de uma confirmação clínica da gravidez, indicando que, para elas, se trata de uma experiência pré-reflexiva. Apesar de ser comum o saber médico tomar a experiência de gestação a partir dos sintomas, tais como o aumento dos seios, o inchaço, os enjoos... não se trata disso. As participantes não citam “sintomas”, mas, falam sobre uma experiência complexa que é apreendida pela mulher na sua totalidade, e mais, uma vivência que se dá na carne. Não é que a mulher note a alteração de apetite, alguma vertigem, e racionaliza tais sinais como provável gestação; ela apreende a mudança no seu corpo como um todo. A noção de esquema corporal como essa síntese total que é

organizada pela própria corporeidade, e não pela consciência (Merleau-Ponty, 1945/2011), nos auxilia compreender a gravidez como essa experiência pré-reflexiva. A mulher sente que há algo diferente com seu corpo, conforme Depraz (2007) descreve: “o corpo grávido parece ser dotado de uma forma peculiar de imanente auto lucidez, a qual nos permite sentir profundamente e antecipar intensamente o que uma consciência reflexiva só compreenderá mais tarde e de uma maneira mais racionalizada” (p. 163)<sup>13</sup>.

Da percepção da gravidez ao longo da gestação, as participantes relataram iniciar conversas com o bebê e buscar desenvolver uma relação por meio das expectativas e fantasias acerca dele e das sensações corporais que vivenciavam. A relação entre a mulher e o bebê no ventre, com esse corpo que ora é de um, ora é de outro, com bordas tênues e ambíguas, impacta no sentido que a mulher tece a respeito da relação mãe e filho. Ademais, algumas das entrevistadas ponderaram que a relação que possuíam com o bebê era diferente da que outras pessoas poderiam ter, tal como o pai, uma vez que, na maternidade, essa relação perpassa o corpo.

Clarice, por exemplo, contou que seu marido disse ter concretizado os sentimentos de amor e paternidade no momento em que tocou seu filho pela primeira vez após o parto, diferente dela, que já se sentia mãe desde a gestação. Para ela, esta relação é muito íntima e algo “muito louco de se entender”, uma vez que o bebê está em seu corpo e se trata de uma ligação que ela descreve como “visceral”. Da mesma forma, Adélia brinca com a entrevistadora e afirma:

Quando você for mãe, você vai entender isso [respira e ri]. É uma conexão... não é só físico, sabe? Quando a gente gera é... *um ser humano dentro da gente*, a gente tem um outro tipo de conexão... que é diferente... a energia, né... é... não tem como

---

<sup>13</sup> Traduzido de: “The pregnant body seems to be endowed with a peculiar form of immanent self-lucidity, which enables us to deeply feel and to intensely anticipate what a reflexive consciousness will only grasp later on and in a more rationalized way”

...você ignorar... sabe? Então assim, é por isso que a gente sofre quando filho cai [risos], é por isso que a gente sofre quando ficam longe. Porque a gente tá conectado. Não fisicamente. Não, é uma coisa de alma, de energia... de você já sen-... você já tem ele dentro de você... você já se comunica com (incompreensível) nesse momento, né, porque as sensações que a gente tem... são compartilhando. Né, então você não tem como ignorar... que... você não vai sentir nada... você não tem... a conexão é mais forte... ser mãe é isso.

Essa “conexão” e relação “visceral” se trata, portanto, de uma relação quiasmática, tal como vimos, na qual o imbricamento entre gestante e bebê é intercorpóreo e coconstituente (Wynn, 2002). O quiasma trata justamente desse ponto onde o enovelamento entre carne e mundo, ou, aqui, carne da mãe e carne do bebê, é tal que a distinção entre eles é confusa (embora eles não se sobreponham). Ainda, podemos pensar que gestar outro ser escancara o que Merleau-Ponty (1964/2003) afirmava acerca do corpo: esse corpo que apalpa com o olhar e vê com o tato, esse corpo é sensível e senciente e que é, concomitantemente, corpo fenomenal e corpo objetivo.

Essa relação com o bebê se inicia fisicamente, onde se divide um corpo e espaço, e pode abrir possibilidade para novos modos de ser, bem como para a constituição dos sentidos “filho” e “mãe”. Entretanto, o significado do bebê gestado difere entre as participantes. Os relatos de Frida e Clarice, que tiveram perdas com 12 semanas ou menos, não evidenciaram um lugar específico na família para os bebês que foram perdidos. Tampouco ficou explícito em suas entrevistas o significado “filho” para este bebê. Frida, mais especificamente, ponderou que aquele bebê acabou sendo substituído pelo bebê da gestação seguinte. Já na entrevista de Adélia, que sofreu perda com 23 semanas, houve uma hesitação ao falar do número de filhos: “esses dois anos [de sofrimento mais intenso] coincidem com a chegada do [segundo filho], que você conhece,

que é meu segundo filho, o terceiro... que a gente sempre considera a terceira gestação”. Embora ela tenha relatado que viveu uma experiência religiosa anos mais tarde, quando significou o bebê que perdeu como “filha” e como um anjo que teve por missão reatar o relacionamento dela com o marido, ela não se referiu ao bebê durante a entrevista por este termo.

Por fim, Jarid e Judith, que sofreram perdas com 38 semanas e que não possuíam outros filhos antes dessa gravidez, foram as únicas que nomearam explicitamente o bebê como “filho”, explicando que ele possui um lugar no sistema familiar – em seu caso, de filho primogênito, que não será passível de substituição ou esquecimento. Mesmo no caso de terem outros filhos, elas fazem questão de demarcar que o bebê que faleceu tem significado de filho na história delas e o vínculo de alguma forma é mantido por meio das lembranças:

Judith: ele é meu filho... ele é... é uma parte minha... é, enfim é um pedacinho meu... tanto que me perguntam ah, no começo me perguntavam “quantos filhos você tem?”, “dois...” né? Na época, quando me perguntavam, eu nunca falei “não, eu não tenho filho”... “não, eu tenho um, mas tá na céu”... então assim, sempre respondi “eu tenho dois [ênfase] filhos”.

Entrevistadora: Ele tem um lugar... né... dele...

Judith: Sim... é o lugarzinho dele... é... isso nunca ninguém vai ocupar, independente se eu tiver mais filhos, não sei se... se isso vai acontecer ou não... mas enfim... é o lugarzinho dele... ele é o meu primeiro filho, é o meu primogênito é... enfim... é o lugarzinho dele.

Assim, Jarid e Judith concebem a perda como morte de um filho, comparando inclusive com a vivência de perda de filho adulto. Conforme elas descreveram, mesmo não tendo tempo de convivência com o filho, o vínculo da relação mãe-filho se mantém,

o que elas dizem ser pouco compreendido por quem não viveu a perda gestacional ou não possui grande empatia:

Judith: Muitas vezes ouvi assim “ah, mas ainda bem que você não chegou a nem a ver e nem amamentar ele...” aquilo pra mim, tipo, era como se, poxa, mas era meu filho, eu não amamentei, mas é [ênfase] meu filho... muitas vezes a pessoa chega... eu sei que às vezes as pessoas querem tentar ajudar, mas não sabem como “ah, mas você é nova, logo tem outro”... não é substituível nunca [ênfase]... só que muitas - eu ouvi muitas vezes isso “não, logo você tem outro”, “ah que bom que você não viu ele falar pela primeira vez, que bom que você não amamentou, que bom que você não viu ele andar”... Tá, isso não faz diferença no meu amor, no meu sentimento de mãe... só que as pessoas não sabem lidar com... com... perda gestacional.

Não se trata de arbitrariamente demarcar um ponto no qual o bebê ganha sentido de filho, mas, de compreender, a partir do relato das entrevistadas, como o sentido “filho” vai sendo gestado e o bebê vai ganhando contorno próprio a partir da alteridade que se desvela ao longo da gravidez. Compreender esse movimento não é o objetivo desse trabalho, entretanto, é importante ter em vista como cada entrevistada se relacionava com sua gestação e com seu bebê a fim de compreender o solo de onde emerge a experiência de luto.

Percebemos nas participantes que sofreram perdas no início da gestação uma busca por estabelecer uma relação com o bebê, mas, não sabemos se é possível falar de uma relação eu-outro ou da constituição do sentido filho para aquele feto. O primeiro pontapé que o bebê dá na barriga – o que costuma ocorrer a partir da 20ª semana de gestação – aponta para a existência de uma vida autônoma e independente da mãe (Beauvoir, 1949/1980). Outro impacto que demarca um lugar de alteridade pode ser a

descoberta do sexo do bebê, que pode frustrar o desejo e expectativa dos pais, anunciando-se como um ser diferente do que os pais esperavam. Da mesma forma, podemos imaginar que esse “choque” aconteça nas notícias de má-formação. Com a gestação mais avançada e com os movimentos fetais, a mulher sente a ambiguidade de um corpo que é e não é o seu, que ao mesmo tempo lhe pertence e lhe causa estranhamento. Assim, é possível pensar que a alteridade se desvela paulatinamente ao longo da gestação e que, no ventre, o bebê ainda não logra se apresentar claramente como um outro. Ele é um outro sempre opaco.

Nos relatos de Jarid e Judith, podemos apreender que existe o significado filho e podemos reconhecer que a alteridade do bebê é mais explícita, por exemplo, com marcos importantes como o nome próprio, a certidão de óbito e mesmo o próprio corpo – que foi enterrado. Judith contou que pôde conhecer seu filho após o parto e ambas afirmaram que foi muito importante poderem ver e segurar seus bebês antes do enterro para despedir-se.

As entrevistas revelam, assim, que a gestação também é uma relação entre mãe e bebê, porém, com uma particularidade importantíssima de ser uma relação que ocorre “intracopo” e na qual a opacidade é acentuada. Acerca dessa opacidade, Merleau-Ponty (1945/2011) nos fala que o outro nunca se apresenta para mim tal como um objeto. Ainda assim, a existência de um outrem nos é evidente. Já na gravidez, a alteridade ainda é pouco explícita, no sentido de que a própria evidência de existência desse bebê é turva. Perceber como cada entrevistada significa essa relação e o bebê gestado também nos aponta para uma compreensão da gestação enquanto experiência que se dá no tempo e no espaço. É essencial ter em vista essas significações particulares, bem como o contexto histórico cultural, uma vez que são o horizonte no qual as vivências que emergem na perda se ancoram e se sustentam.

## **Constituintes da experiência do luto na perda gestacional**

Foram encontradas nove constituintes da experiência do luto na perda gestacional. São elas: dor, falta de sentido, estado de choque, raiva e inveja, culpa, medo de nova perda, ser mãe de um novo filho, solidão e ressignificação.

### **1. Dor**

A perda gestacional é descrita como uma vivência de dor, sofrimento. As entrevistadas expressaram que esse sofrimento é difícil de ser nomeado, explicado ou descrito:

Clarice: Cara... é... é uma dor de um vazio, é uma dor de... como é que a gente explica... como é que a gente bota palavra numa coisa que é tão... tão [ênfase] forte... tão [ênfase] profunda... e tão[ênfase] íntima assim... sabe? Né, eu acho que a gente não consegue achar uma palavra que acabe explicando assim... eu só consigo dizer que assim... (respira) que é muito sofrido... É muito sofrido, sabe?

A ausência de palavras para descrever essa experiência evidencia a profundidade da dor descrita pelas participantes. Não há expressão que abarque tamanho sofrimento e este fato também fica evidente na fala de Frida. A participante havia afirmado à pesquisadora, antes de dar início à entrevista, que acreditava ser tranquilo falar sobre sua experiência e esperava poder contribuir. Ela não havia previsto ficar sensibilizada ao contar sua história e se surpreendeu com suas reações emocionais. Quando perguntada sobre que sentimento era esse que a emocionava durante a entrevista, ela respondeu diversas vezes não saber como o descrever ou nomear. Ao final da entrevista, ela o identificou como “dor”:

Entrevistadora: Você falou não sabia que o que?

Frida: Que doía. Assim, é... eu acho que sim. Porque isso que eu/tá se passando



aquí... eu acho que é dor... aquilo que eu não sabia chamar eu acho que é isso...  
[silêncio longo]. Eu não sabia [silêncio].

As entrevistadas descreveram a dor como a dor de um vazio, uma dor forte, profunda e arrebatadora: “Então a dor era muito nessa assim... essa dor de um vazio de um... de você não... assim, um vazio... e de não entender porque que isso tá acontecendo” (Clarice). Neste trecho, a falta de sentido e a impossibilidade de compreender o que está acontecendo – a morte de um bebê no momento em que se traçava projetos para uma nova vida – desponta em dor. A dor é acentuada, segundo Clarice, pela forma repentina e inesperada como termina a gestação, o que ela chama de “susto” e “choque”. Sobre isto, contou que sua primeira perda fora mais dolorosa que a segunda: “aí a segunda gravidez parece que você fica um pouco mais escaldado, né?”

A literatura descreve a dor na perda gestacional em dois aspectos: físico, oriundo do aborto em si e dos procedimentos para curetagem ou expulsão, e emocional (Adolfsson, 2010; Boemer & Mariutti, 2003; Camarneiro et al., 2015). Nesse estudo, a dor física foi relatada pelas participantes que sofreram perdas em gestação mais avançada. No relato de Adélia, Jarid e Judith, a dor física decorrente das contrações, dos procedimentos e do parto apareceu de forma significativa:

Adélia: Então quando eu falo assim, que a dor que eu tive pra perder esse bebê foi muito maior que um parto normal, sim foi muito maior...

Entrevistadora: Essa dor você diz essa dor física e...

Adélia: Física e psicológica, né, assim de dentro da gente, né? Mas foi uma dor física muito maior. Eu, eu tive dois partos normais e eu... não senti tanta dor como foi pra... perder esse bebê.

Vale lembrar que Adélia passou pela perda gestacional próximo à 24ª semana e em situação de risco, o que acarretou em um procedimento doloroso e violento, como ela

descreveu:

Aí ele [o médico] falou assim: “olha, mesmo assim eu não consigo, você vai ter que ficar acordada, porque esse procedimento não tem como fazer com você anestesiada”, que era o procedimento de retirar o bebê, né? [Silêncio curto]. Essa acho que é a parte mais difícil. Porque conforme ele puxava o bebê eu escutava todos os estalinhos dos ossinhos dele. E... [pausa] demorou aquilo uma eternidade pra acontecer... [choro-pausa]. Eu acho que é uma violência, talvez necessária, porque não tinha outra forma, né, mas eu sabia que tava acontecendo tudo aquilo, foi muito dolorido.

A dor do parto aparece relacionada a duas particularidades interessantes. A primeira é a de ser uma dor em vão, uma vez que não haverá um bebê vivo ao final. A segunda diz respeito a uma relação com a identidade materna, uma vez que tais dores fazem parte do universo da maternidade de gestar e parir um filho, tal como expressou Jarid:

Porque eu não deixei de ser mãe, eu sou mãe. Porque as pessoas, elas falam “porque o dia que você tiver um filho”... Daí eu penso “eu já tive”. Eu gestei. Eu não vivi a maternidade por completo, porque eu não criei essa criança, mas eu gestei, eu não deixei de ser mãe, eu pari ela, igual a todas as outras mulheres, eu senti as mesmas dores que todas as outras mulheres e eu tive a dor dilacerante para mim de saber que ele não tava vivo, mas eu não deixei de ser mãe. Mas as pessoas só reconhecem se você tem um filho para mostrar ali para exhibir no colo para todo mundo, mas se você não tem, você não é mãe.

Entendemos, assim, que ter gestado e sentido as dores do parto colocam Jarid no universo da maternidade e permitem que ela compartilhe dessa experiência com outras mulheres, ainda que seu filho não esteja vivo. Acerca disso, Shabot (2015) afirma que a

dor do parto possui esse aspecto de nos evidenciar que somos seres encarnados e que somos seres em relação.

No caso de Adélia, a dor e a violência sentidas no corpo, o cheiro e o gelado da sala, o som dos estalos do procedimento e da voz do médico são lembranças que a acompanham até a atualidade, sendo evocadas vividamente, inclusive durante a entrevista. Nota-se aqui que a dor, que costumeiramente chamamos de dor física, não é somente a dor da contração, ela é uma vivência complexa, fruto da percepção que apreende a totalidade da experiência. Além disso, como ela evidenciou, é uma dor “de dentro da gente”, indicando que dor “física” e sofrimento “existencial” são, nesse caso, duas faces de uma mesma moeda. Jarid também torna explícito esse entrelaçamento ao expressar que acreditava que retirar o bebê morto do seu ventre o mais rápido possível retiraria também a dor que sentia:

Daí eu falei assim: “tem que fazer o parto, né? Porque ele tá morto, tem que tirar de dentro de mim”. Ele [o médico] falou, “não”. Eu falei: “faça a cesárea logo, assim eu tiro o peso que está dentro de mim, eu quero me livrar dessa dor”. Que eu achava que se tirasse o bebê logo, ia tirar [a dor] de dentro de mim.

Nesse trecho, fica evidente como a dor física e o sofrimento existencial se mesclam ao ponto de não se distinguirem, uma vez que a existência se dá nesse corpo que é carne. A tênue e quase não identificável borda entre elas nos indica que podemos compreender dor física e o sofrimento como coconstituintes de uma mesma experiência de dor na perda gestacional.

Por fim, Jarid e Judith, entrevistadas que sofreram perdas de 38 semanas na primeira gestação (não tinham outros filhos anteriormente), descreveram que a perda de um filho é a “pior dor do mundo”, é “dilacerante” e profundamente desorganizadora, uma vez que consideravam como ciclo natural da vida o nascer, crescer, viver, envelhecer e

então morrer. Assim, contrariar essa ordem natural, tal como a morte de um filho antes dos pais, era algo que estava fora do horizonte de possibilidades das entrevistadas e que elas descrevem como inaceitável.

Nota-se que a dor desponta junto com o estado de choque no momento da notícia da perda e é uma vivência estruturante do luto na perda gestacional. Podemos dizer, ainda, que ela é o núcleo duro dessa experiência, não apenas por ser a vivência que aparece nos relatos das cinco entrevistadas, mas, por ser qualitativamente presente, enquanto entrelaçada com as demais constituintes, e por ser o fundo do qual emergem outras vivências, tais como a falta de sentido.

Ainda que o sofrimento seja uma experiência comum no luto (Freitas, 2018; Kovács, 1992), a perda gestacional se trata de um profundo entrelaçamento entre dor física e sofrimento existencial, uma vez que a perda se dá no próprio corpo que se enluta, enquanto Leib e Körper. Ou seja, o outro morre não apenas como existência, mas falece no corpo da própria mulher, que é experiência, corpo vivido, mas também Körper, uma vez que a mulher literalmente sangra. A dor como vivência constituinte estrutura e se articula com as demais vivências que emergem em outras situações de vida que elas enfrentarão. Um exemplo é a angústia que surge ao engravidar novamente, expressando-se como receio de passar pela dor de uma nova perda.

## **2. Falta de sentido**

A falta de sentido agrega as vivências que apontam para uma impossibilidade de compreensão da perda gestacional, que se expressa pela sensação de vazio e pelo sentimento de estar desnorteada. A falta de sentido também se manifestou como frequentes questionamentos que as participantes relataram se fazer em busca de explicações para a perda. Clarice, por exemplo, contou ter investigado exaustivamente as

hipóteses para os abortos e disse ter os resultados de todos os exames normais, expressando uma impossibilidade de compreensão da perda diante da ausência de explicações médicas. Nos relatos de Jarid e Judith, se nota que os questionamentos são permeados pela culpa, o que corrobora com os achados de Camarneiro et al. (2015). As entrevistadas disseram ter se questionado por que não perceberam nenhum sinal, não buscaram ajuda mais cedo e, enfim, não foram capazes de evitar a perda.

A gestação se apresentou como um momento em que as mulheres se projetavam existencialmente como mães, revendo seus planos de vida, abrindo perspectivas de futuro. Quando a morte se anuncia, de forma súbita, as entrevistadas descreveram experienciar uma suspensão abrupta dos sentidos constituídos durante a gestação:

Judith: Eu só olhei pro meu marido e como eu falei... parece que o chão se abriu, parece que eu caí naquela hora... E eu lembro que eu chorei, chorei, chorei muito assim, desesperadamente eu chorei [voz de choro]... e meu marido também... né, a gente... foi uma situação assim/um sentimento como se o mundo parasse, como se tudo em volta parasse... Porque você não quer/Eu não queria acreditar... [voz de choro]... Eu não queria acreditar que aquilo estava acontecendo... né... que/não tinha... se eu tivesse... acho [ênfase], creio eu, que se eu tivesse qualquer problema durante a gestação... seria mais fácil naquela hora... “ah não, olha, eu tinha pressão alta, aconteceu alguma coisa na pressão”... mas não eu não tive nada... eu vi um dia e um dia antes eu tinha visto ele.

Fica evidente que essa constituinte tem como fundo o estado de choque (constituinte descrita a seguir) e, no caso de Adélia, Jarid e Judith, se expressa conjuntamente com a sensação de desnorteamento e de desamparo. Nesse sentido, Judith relatou que muitas vezes queria sair andando “sem rumo” pelas ruas, o que disse não ter feito por considerar as consequências desse ato para sua família. Percebe-se que, no



momento em que se perde um bebê, a mãe sente ter perdido seu lugar no mundo. Ela não sabe para onde ir, como se o mundo agora fosse desconhecido para ela:

Clarice: Porque a impressão que eu tinha é que eu tinha assim um buraco enorme no mundo... no... sabe quando você não se encontra, quando você não consegue entender (...) porque aquilo que eu te falei, era como se o mundo fosse um vazio, um deserto, assim, eu não sabia pra onde ir.

Ainda que seja possível constituir um sentido para a perda mais tarde, tal como relatado na constituinte novos sentidos, as entrevistadas descreveram que a sensação de vazio permanece ao longo do tempo e até mesmo após novas vivências, como o nascimento de um novo filho. A sensação de vazio foi descrita pelas cinco participantes, porém, Adélia, Jarid e Judith (que tiveram perdas mais ao final da gestação) a descrevem com intensidade, enquanto perda de parte de si. Adélia disse que, nos primeiros meses após a perda, sentia como se sua alma tivesse sido arrancada. De maneira similar, Jarid relatou se sentir “amputada” ao sair de braços vazios da maternidade.

A vivência da perda de parte de si também foi relatada por Freitas e Michel (2014) em relação ao luto materno de filhos crescidos. Os autores descrevem que, ao perder um filho, se perde um modo de existir, e que as mães costumavam retratar a relação com o filho como algo extraordinário, especial em comparação com outras relações. Segundo eles, pode-se entender que o filho possui um sentido estruturante na vida da mãe e que a concepção cultural de instinto materno naturaliza esse vínculo.

Tendo em vista que, na perda gestacional, falamos de uma relação quiasmática, na qual o bebê se desvelava paulatinamente, perguntamos: qual seria esse modo de existir que é perdido? Ainda que a relação fosse incipiente, entendemos que a gravidez desvela um horizonte existencial e oferece novos modos de ser. Além disso, podemos pensar que o bebê reorganiza a família: os pais agora são avós, o/a companheiro/a, pai/mãe – o que

nos leva a ponderar que a relação da mulher com os demais também ganha novas tonalidades. É interessante notar que o horizonte desvelado com a gestação se restringe com a perda, mas, não necessariamente se descartam os significados constituídos acerca da maternidade. Ser mãe era um projeto estruturante na existência dessas mulheres, de modo que o sentido “mãe”, ainda que de um bebê não nascido, permanece (especialmente, no caso de Judith e Jarid, que não tinham filhos anteriormente e tiveram perdas tardias). Judith, por exemplo, descreve que não poder saber como seria o choro do seu filho, como ele estaria caminhando, que profissão ele teria, enfim, é como se houvessem retirado sua “referência de futuro”. Isto é, aquilo que havia desenhado como projeto e era possibilidade de vir-a-ser na relação com esse filho foi encerrado de forma abrupta e completamente inesperada.

### **3. Estado de Choque**

A gestação pode ser um tempo de se projetar como vir-a-ser, uma vez que o anúncio de um novo membro na família e, mais ainda, de um ser que está sendo gestado no próprio corpo, pode abrir novas possibilidades existenciais para essa mulher, que agora passa por profundas transformações corporais e se torna uma gestante. Algumas entrevistadas relataram terem reorganizado suas rotinas e planos quando se perceberam grávidas, rearranjando a casa, montando um quarto para o bebê, iniciando cuidados com o corpo e imaginando como seria aquele filho. Imersas nesse horizonte de projetos cheios de vida, chega a imprevista notícia de finitude que encerra essa abertura. Essa vivência de perder um bebê de forma inesperada foi de tal impacto que ela é apreendida como estado de choque. Vemos, portanto, que o corpo biológico e o estado de choque dão subsídios para significar a experiência, como se o estado de choque contaminasse o corpo vivido: “E eu tava assim tão em estado de choque, só escutava e ficava olhando pensando

‘o que que essas pessoas tão falando?’” (Jarid). Outra entrevistada descreveu: “porque eu nunca tinha ouvido falar... eu nunca tinha me atentado pra uma situação dessa... eu tava tão [ênfase] focada na gestação, no bebê, no futuro, nos planos... que é uma coisa que nunca passa na cabeça, né?” (Judith).

Há dois aspectos aqui apontados por Judith, que devem ser considerados a fim de se compreender essa constituinte na perda gestacional. O primeiro diz respeito ao contexto de invisibilidade da perda gestacional, sendo um fenômeno pouco discutido, mesmo que frequente. Nessa perspectiva, os achados subsidiam os apontamentos de Caelli et al. (2002) de que o silenciamento médico agrava o sofrimento. O segundo trata da compreensão da perda gestacional como uma inversão da ordem natural esperada de que os pais morrem antes dos filhos. Esse sentimento foi explicitado apenas nos relatos das entrevistadas que os perderam ao final da gestação (Jarid e Judith). Para elas, enterrar o filho é algo inesperado, inconcebível e equivocando. Podemos compreender que essa vivência tenha emergido para elas e não para as outras entrevistadas, pois Jarid e Judith significavam claramente o bebê como filho, com lugar no seio familiar, além de terem vivido concretamente o enterro.

Ainda assim, todas as entrevistadas relataram que a perda gestacional foi um evento inesperado, uma vez que estava completamente fora do horizonte de possibilidades delas a interrupção da gravidez. Podemos compreender que existe uma expectativa inerente à gestação, de que a gravidez termine necessariamente com o nascimento de um bebê saudável, especialmente, no caso das participantes, em que não houve qualquer sintoma ou sinal que elas pudessem ter identificado como risco gestacional ou de óbito.

Ademais, as participantes provêm de um contexto de gestação desejada, ou seja, a gravidez era acolhida com alegria e o bebê tinha um lugar de afeto antes mesmo do



nascimento. Nesse sentido, a perda se expressa como uma mudança rápida, inesperada e dramática no rumo da gestação, e é descrita como uma situação indesejada e vivenciada como um susto: “é um baque, né? Porque você não imagina que você vai passar por isso, né? Na verdade, você lê que acontece essas coisas, mas você não acredita que vai acontecer com você” (Jarid). Esses achados corroboram o que a literatura indica acerca da vivência de choque e descrença no momento da perda (Adolfsson, 2010; Boemer & Mariutti, 2003; Camarneiro et al., 2015; Dias, 2012; Domingos et al., 2011, Faria-Schützer et al., 2014) e denotam que o estado de choque se relaciona com essa dificuldade de apreender o que estava acontecendo, a impossibilidade de dar sentido à perda e a expressão de não querer acreditar na notícia do óbito.

Neste trabalho, o estado de choque aparece mesclado à vivência de se perceber sem controle sobre a vida ou a morte do seu bebê, assim como do próprio corpo. Adélia descreve essa sensação “como se tivesse num funil indo pra um precipício”. Ela ainda diz: “você tá rodando assim, sabe? A mi-mil por hora, assim... você não consegue se segurar em nada (...) foi... tão intenso, tão rápido e tão assim, tão assim sem controle... a gente não tem controle nenhum daquilo, né?”. O relato de Judith aponta que o estado de choque também é experienciado “como se o mundo parasse, como se tudo em volta parasse”.

Ambas as expressões, a que fala da queda e vertigem e a do corpo em um mundo em suspenso, um mundo sem tempo, falam dessa experiência própria do humano. Podemos entender que perder um bebê é uma vivência particular, mas, que nos mostra algo do gênero humano frente à finitude, tal como a desorganização dos sentidos que estavam constituídos ou a suspensão de sentido. O estado de choque fala, portanto, da vivência de receber uma notícia inesperada e de se perceber sem possibilidade de evitar ou reverter a situação, assim como de controlar o próprio corpo. Por isso, essa constituinte

se articula com a falta de sentido e é também fundo para o medo de uma próxima gestação, como será discutido mais adiante.

#### **4. Raiva e Inveja**

As entrevistadas falaram lhes ser custoso ver bebês e crianças com idades próximas daquelas que seus bebês teriam, nos primeiros meses e anos seguintes à perda. Perguntas de Frida, tais como, “ah, por que que a cachorra tem filho, por que a vizinha que não queria engravidar tem filho, por que que essa mãe já tá no quarto e não queria ter essa criança e eu não... não posso?”, revelam uma mistura de sentimentos de raiva, inveja e injustiça.

A entrevistada relatou sentir raiva não apenas ao se deparar com outras mulheres com filhos, mas, também frente ao seu animal de estimação, que teve filhotes logo após o abortamento: “eu senti muito quando eu via os filhotes nascendo, aquilo me pegou bastante... quando eu vi assim que as cachorrinhas tavam nascendo assim, eu... sabe assim... a raiva... ‘até essa cadela tá tendo filho e eu não’” (Frida). Ela reforçou, no entanto, que não gostava de ter os sentimentos de raiva e inveja e que eles cessaram quando engravidou novamente, três meses depois da perda. Parece que a raiva emerge no campo da maternidade, já que, de acordo com a literatura (Camarneiro et al., 2015; Dias, 2012; Duarte & Turato, 2009), se apresenta na comparação com outras mães. A percepção de si mesma como mulher também é impactada com a perda, tal como expressou Jarid:

E a inveja você sente... Inveja dos outros, você vê outra família feliz com seus filhos, “por que que comigo não deu certo?”. Mas não é uma inveja assim ruim. É uma inveja, é uma pena de você mesmo, porque você pensa assim, “eu sou um nada, né?” Porque para os outros dá certo, comigo não dá.

Neste estudo, a revolta também se desvelou relacionada às crenças religiosas.

A espiritualidade costuma ser indicada como uma constituinte da experiência de luto materno (Freitas & Michel, 2014), porém, pouco apareceu no relato das participantes deste trabalho, sendo que aqui ela emergiu na forma de questionamentos, falta de sentido e raiva: “você se faz muitos por quês (...) a minha fé... minha fé em Deus foi super abalada... eu pensava: ‘tá... um Deus tão grande que eu sirvo... me fez isso? Levou meu filho? como assim?’” (Judith).

Além disso, para Jarid, a revolta irrompeu frente ao fracasso do cuidado nos atendimentos e à falta de empatia. Ela narrou reagir com respostas ríspidas e raiva quando foi silenciada, quando teve suas escolhas desrespeitadas e quando sentia sua dor deslegitimada. Contou que teve perda de líquido amniótico com 35 semanas e, na época, pediu ao médico para fazer o parto, o que lhe foi negado, sob alegação de que o bebê era prematuro. Jarid descreveu ter sentido que seus anseios foram menosprezados e durante um tempo contou ter sentido intensa raiva de seu obstetra. Disse mais tarde ter lhe procurado para expor seus sentimentos e o orientar a legitimar a apreensão das mães.

Conforme enunciou, gostaria que ele a tomasse como “lição” para futuros casos similares. Ela explicitou durante a entrevista que sua revolta expressa inconformismo. Jarid explicou que jamais será possível se conformar com a perda de um filho e superar esse luto. Tomando a totalidade da entrevista de Jarid e a concepção de que o luto não é algo passível de superação, mas, de resignificação da relação (Freitas, 2013), podemos indicar que a revolta, no seu caso, possa ter esse caráter de atualização. Nota-se que a raiva de Jarid emerge quando sua relação com o filho é desconsiderada, o que nos indica que esse sentimento remarca a presença ausente desse bebê e a existência desse vínculo. A questão da manutenção desse vínculo será melhor abordada na constituinte resignificação.

## 5. Culpa

A culpa é uma constituinte significativa no luto materno e costuma estar entrelaçada com a sobrevalorização do papel da mãe em nossa cultura (Freitas & Michel, 2014). Na perda gestacional, ela também se faz fortemente presente, independentemente do tempo em que se encontrava a gravidez no momento da perda (Adolfsson et al., 2004; Camarneiro et al., 2015). No relato das entrevistadas, isso se expressou por meio de questionamentos acerca do que fizeram que pode ter provocado o óbito do bebê ou o que poderiam ter feito para evitá-lo:

Judith: Eu levei por, por muito tempo depois da perda o sentimento de culpa... de por que [ênfase] que eu não cuidei antes... por que que eu não fiz diferente... por que que eu não fui naquela manhã no médico... quando eu não senti ele mexer, ele tava demorando mexer [ênfase]... então assim, eu levei muito tempo... isso até... digerir toda a situação e ver “não, eu fiz [exame de ecografia] um dia antes, tinha visto ele, tava tudo bem, não tinha como... não tinha como fazer diferente”.

Ainda que encontrasse justificativas, tal como ser “mãe de primeira de viagem”, ou seja, ser inexperiente no assunto, ou, ainda, ter realizado um exame de rotina no dia anterior, no qual o bebê estava saudável, Judith disse que se culpava por não ter sido mais cuidadosa. Nesse contexto, emerge também o sentimento de traição:

Jarid: É, porque você pensa assim, meu corpo foi feito para gerar e automaticamente para você proteger aquele bebê. Se alguma coisa não deu certo então, eu falhei. (...) A culpa é o principal que a gente vai carregar para sempre, porque parece que teu corpo te traiu de alguma forma...

Entendemos que a culpa aqui se assenta na concepção de que o corpo feminino “foi feito” para gerar um bebê saudável e de que nossa cultura coloca como responsabilidade da mulher os cuidados com os filhos. Na gestação, a responsabilização

pode ser ainda mais acentuada, uma vez que o bebê depende literalmente do corpo da mãe e há a circulação de discursos para que a mãe “se cuide” (alimente-se adequadamente, evite esforços inadequados etc., quase como se tivesse onipotência no cuidado).

Ainda, a culpa está além do “fracasso” da mulher em garantir a sobrevivência do filho, mas, se articula com a impossibilidade de se realizar no projeto enquanto mãe e mulher, o que vimos ser lugares emparelhados ao longo da história, via afeto (Badinter, 1985). Nesse sentido, o que se entende por ser mãe está conectado com ser mulher e vice-versa. Não ter filho é falhar enquanto mulher, é ser incompleta. Podemos entender que esses significados emergem assim para essas entrevistadas, pois, dentro desse horizonte cultural, todas as cinco participantes eram mulheres que desejavam a gestação e que tinham a maternidade como um projeto importante em suas vidas.

Além disso, tendo em vista essa especificidade de uma relação quiasmática, intracampo, nos parece que a culpa possui uma tonalidade marcante na perda gestacional. O sentimento de ter sido traída pelo próprio corpo nos indica que há um estranhamento desse corpo, como se ele fosse um objeto em separado do que sou. É como se eu não me reconhecesse nesse corpo que aborta, que “falha” na missão de gestar e parir um bebê, que me entrega um filho morto. A traição explicita uma ideia de separação entre o corpo que é meu e o corpo que sou, corpo vivo e corpo vivido. A culpa é ou não é minha? Sou ou não sou responsável? Entretanto, esse corpo que abortou não é apenas *meu* corpo, mas, sou *eu*. Assim, se nota que a reversibilidade desse corpo que toca e é tocado, que aborta e perde parte de si, dá à experiência de perda gestacional uma tonalidade de culpa marcante.

## 6. Medo de nova perda

As participantes descreveram que suas gestações, após o aborto, foram marcadas pela ansiedade, insegurança e receio de nova perda. Esse receio se manifestava em sentimentos de medo e angústia, na verificação constante de que não houvesse nenhum sangramento, ou, ainda, em pedidos para ir ao hospital a fim de ouvir o coração do filho batendo.

Clarice ainda exprimiu que viver uma terceira perda gestacional lhe era inconcebível e que acreditava que “ficaria destruída” caso isso ocorresse. Neste caso, a falta de um diagnóstico preciso que indicasse o motivo dos abortos foi relatada como fator de acentuação do medo, o que também foi exposto por Jarid: “Eu tenho ainda que voltar a investigar tudo isso para mim (*sic*) me sentir segura, porque se não eu não vou me sentir segura para engravidar”. Essa participante reiterou que, além de acreditar que sua próxima gestação virá acompanhada de medo, se preocupa em acabar sendo uma mãe excessivamente protetora com o futuro filho.

Em relação ao receio e às preocupações exacerbadas, Judith expressou ter buscado formas de tentar amenizar a angústia na gestação seguinte à perda. Contou ter adquirido um aparelho para ouvir o coração do bebê, o que fazia duas ou três vezes ao dia. Entretanto, ao invés de gerar uma sensação de segurança, relatou que o aparelho amador às vezes não permitia auscultar adequadamente, o que acabava por agravar sua ansiedade.

Segundo a literatura, a perda gestacional tem impacto nas gestações futuras (Camarneiro et al., 2015; Dias, 2012; Lima & Fortim, 2015), se manifestando como ansiedade, medo, receio e até no abandono de novas tentativas de engravidar (Adolfsson, 2010). É relatado que algumas mulheres podem ter dificuldade de investimento na nova gestação (Lima & Fortim, 2015) e até mesmo no recém-nascido (Vidal, 2010).



Tal dificuldade de criar um novo projeto com o novo bebê ficou muito evidente no relato de Adélia. Ela contou que a notícia da gravidez, dois anos após a perda, foi uma surpresa. Disse acreditar que, caso tivesse planejado engravidar, provavelmente teria demorado mais tempo. Ela afirmou ter doado todo o enxoval do bebê quando sofreu a perda e que, quando engravidou mais tarde, esteve completamente reticente à compra de novos pertences, expressando tanto o fato de não conseguir criar expectativas, quanto o desejo de que os demais também não o fizessem. Adélia relatou que, somente após completar seis meses de gestação e obter a confirmação de que não havia riscos de perda, conseguiu comprar o primeiro item para o bebê. “E... aí quando eu fiquei grávida dele, aquela sensação de estar sozinha no deserto, ela voltou... porque daí eu ficava pensando: ‘será que vai acontecer tudo de novo?’”.

Percebemos que o medo e a angústia são sentimentos marcantes nas gestações seguintes à perda e que contaminam a alegria de estar grávida, tal como expressiu Clarice: “toda aquela angústia, me vem uma angústia muito grande... quando você tá naquela expectativa de ‘puxa... estou grávida, mas posso correr o risco de perder o bebê’, é muito angustiante”. Assim sendo, podemos compreender que a perda gestacional evidencia a imprevisibilidade da morte, a impotência frente a ela e a falta de controle do próprio corpo. Isso é visto, em especial, no caso das entrevistadas que desejavam a gestação e não tiveram indícios significativos de risco. Nessa direção, se nota que o estado de choque e a percepção de não possuir controle sobre a perda estão intimamente relacionados com o medo de novo aborto.

## **7. Ser mãe de um novo filho**

Dentre as cinco entrevistadas, apenas Jarid não teve outro filho após a perda gestacional. As demais descreveram o nascimento de um filho após uma perda como um

evento significativo. Algumas particularidades foram observadas dentre as participantes, o que podemos compreender a partir do horizonte gestacional e dos significados constituídos para os bebês que eram gestados.

Primeiramente, se pode dizer que as quatro participantes nomearam o nascimento do filho como um marco do abrandamento da dor e do sofrimento, o que corrobora com a literatura que referencia o nascimento de um bebê saudável após a perda como um facilitador na elaboração do luto (Duarte & Turato, 2009; Lima & Fortim, 2015).

Quanto às divergências, nos relatos de Frida e Clarice, que tiveram perdas no primeiro trimestre, o novo bebê não apenas ameniza o sofrimento, mas, é vivenciado enquanto tamponamento e cura da dor, ou seja, é indicado por elas como ponto que demarca o fim do pesar:

Clarice: E eu acho que essa dor só foi curada porque... eu tive os outros dois, [pausa] né... então assim... eu digo assim, “ah, puxa, você sofreu tanto, mas agora você tá curada?” Sim. Hoje eu considero assim, que eu estou curada, eu não olho pra trás e penso assim: “ah meu Deus, eu perdi a...” eu acho que se eu não tivesse tido os dois, eu sim, olharia pra trás e... ainda me ressentiria muito, né? (...) Mas como eu tive os outros dois, foi... curativo pra mim, né... Porque não, depois puxa eu consegui, tive os filhos, senti de volta aquele amor louco, aquela coisa toda, né, então eu acho que ter os filhos depois... foi muito... de cura mesmo... de... de ter tapado aquela cicatriz e tudo mais... Então hoje, se perguntar assim, “ah, você está curada daquela dor?”; “Estou”. Mas eu só tô curada porque tive os filhos.

Nas entrevistas, existe pouca distinção entre o bebê perdido e o que nasceu posteriormente, sugerindo que não haveria um lugar exclusivo para o primeiro, de modo que é possível ponderar que a chegada do novo bebê tampona também o lugar do bebê que havia sido perdido:



Frida: Porque assim... que depois que eu engravidei da [segunda filha], eu falei: “ah, foda-se que eu perdi o bebê, tá aqui de volta!”. E assim eu sei que a [segunda filha] não veio pra substituir o bebê que eu perdi, mas assim... veio pra substituir minha vontade de ser mãe de novo [voz tremida].

Frida utilizou diversas vezes durante a entrevista o termo “substituição” para se referir à gestação subsequente à perda, o que no contexto de seu relato sugere que o novo filho tampona o lugar do bebê que veio a óbito, bem como a dor e a vivência do luto: “Mas assim, veio muito rápido assim... a outra gravidez. Acho que por isso que eu não elaborei tanto esse processo”. O novo bebê exige que os projetos que tinham sido interrompidos sejam reelaborados e oferece abertura de vir-a-ser, tal como enfatizou Frida sobre a possibilidade de ser mãe novamente. A partir do que foi descrito no horizonte gestacional e do sentido que esses bebês possuíam para Frida e Clarice (de um lugar pouco específico no seio familiar e uma alteridade ainda pouco visível), entendemos que a nova gestação se apresenta para elas como possibilidade de retomada do projeto original.

Adélia também relatou que, após dois anos, com a chegada do seu segundo filho, o sofrimento amenizou; contudo, a dor não é retratada como passível de cura e tampouco se mostra tamponada, como se percebe na descrição de guardar os sentimentos em uma “caixinha”:

Quando o [segundo filho] nasceu... que nem eu te falei assim, eu acho que ali eu consegui realmente superar, né, não esquecer. Eu coloquei numa caixinha que tá fechada ... e quando... se eu quero abrir... eu abro e revivo todos esses sentimentos que foi o que aconteceu aqui.

É importante enfatizar que, embora ela tenha remetido este nascimento ao momento em que ela superou a perda, “superar” possui uma característica muito diferente do que expressaram Frida e Clarice. Ela fez frequentes ressalvas durante a entrevista,

dizendo que não esqueceu a perda, mas, que sim, acomodou a dor, seu sofrimento e suas lembranças. Para esta participante, superar tem significado de dar continuidade à sua vida e não de cura ou resolução. Isso se evidencia no espaço que a perda ocupa na sua história ainda 18 anos depois: uma dor que não pôde ser curada, que tem um lugar específico que pode ser latente (caixinha), e uma perda que tem sentido de vazio.

Para Judith, o nascimento do novo filho “repaginou” (*sic*) sua história e até mesmo o hospital, lugar que lhe remetia a sentimentos de tristeza e angústia. Tal como Adélia, reforçou que ressignificar não é sinônimo de esquecimento, mas, que sua vida ganhou novo sentido e foi possível construir novos planos. Por outro lado, essa participante contou que foi tomada por sentimentos intensos e conflitantes ao se descobrir grávida de novo: de um lado, a felicidade e o desejo de ser mãe novamente; de outro, sentia que estava traindo a memória do filho falecido, que se arriscava a esquecê-lo e questionava sobre o que o filho falecido estaria pensando dela.

O medo de substituir o primeiro filho foi acentuado quando ela descobriu que o bebê que gestava era do mesmo sexo que o anterior. Segundo ela, caso fosse do sexo oposto, era evidente que seria um novo projeto: “porque aí não vai ficar aquela coisa: ‘aí, é substituição...’, eu vou comprar roupas novas, eu vou mudar de azul pro rosa, eu vou fazer tudo diferente...”. Judith fez questão de demarcar que esse filho era outro em sua história de vida e de maternidade e que ele não apagaria ou tamponaria o lugar do primogênito. Contou que, no início da nova gestação, trocou os nomes dos bebês algumas vezes, o que lhe trouxe sofrimento:

Judith: A primeira vez que eu confundi, eu fui falar o nome do [segundo filho] e falei [nome do primogênito]... eu lembro do momento, eu lembro da cena e eu lembro o quanto eu chorei... [voz tremida] o quanto eu me desesperei, porque aí

eu pensava “eu estou traindo a memória do [primogênito] e eu não tô dando o amor que o [segundo filho] merece...” Então era o que vinha na minha cabeça...

Para Judith, a perda se trata da morte de um filho, algo que ela descreveu como possível de ressignificar, mas, jamais passível de apagamento. O que restou do filho são as memórias que ela tem – a lembrança do rosto, do corpinho, as vivências da gestação – e o significado que ela, como mãe, constituiu para ele – de filho, primogênito. A perda gestacional possui a particularidade de se tratar da perda de alguém que teve uma relação íntima com a mãe e pouco compartilhada com o mundo. Nesse sentido, podemos compreender o conflito e desespero da mãe ao se perceber correndo o risco de esquecer seu bebê ou confundindo os nomes, uma vez que é ela que pode falar da existência do filho. Assim, o esquecer seria beirar o apagamento da sua existência.

## 8. Solidão

A vivência de solidão foi relatada por quatro das entrevistadas que descreveram experimentar que as pessoas em seus círculos não compreendiam seus sentimentos e pouco compartilhavam desse luto. A morte em nossa sociedade é considerada um tabu e sua expressão costuma ser contida (Koury, 2014). Ademais, como foi explicitado, a perda gestacional é considerada uma vivência silenciada (Wojnar et al., 2011), o que agrava o sofrimento (Adolfsson et al., 2004) e pode intensificar o sentimento de solidão.

Nessa perspectiva, algumas entrevistadas relataram se sentir profundamente solitárias em relação ao seu luto, desde o momento da notícia do óbito e no decorrer dos anos. A respeito dos primeiros momentos, a solidão aparece mesclada ao sentimento de desamparo, bem explícito na fala de Adélia, que contou ter se sentido “sozinha num deserto” (*sic*) neste retrato: “Aí, quando eu acordei... eu já tava num quarto... *jogada num canto assim*, um quarto onde tinha outras mulheres com seus bebês” (grifos meus).

Esse trecho expõe a dura realidade de quando a morte chega, quanto ao seu aspecto de ser inesperada, abrupta e, aqui, escancarada para a mulher enlutada, uma vez que ela é obrigada a permanecer com outras mães que estão com seus filhos nos braços. Estar nesse lugar também faz emergir a vivência de se sentir descontextualizada, desajustada; afinal, o que ela faz nesse quarto que é lugar de mães e bebês? Onde está o seu bebê? Esses sentimentos aparecem nos relatos de Adélia e Jarid como sensação de serem julgadas pelas outras mães e também como solidão. Além da relação com outras mães, elas fazem uma denúncia sobre a falta de acolhimento nos serviços de saúde, o que é reforçado diversas vezes durante a entrevista.

Podemos também compreender que a impossibilidade de expressão de sofrimento fica acentuada pela ausência de rituais ou outras formas de socialização e legitimação dessa perda. Nesse sentido, Lima e Fortim (2015) apontam que as mães que sofrem perda gestacional relatam não encontrar espaços de acolhimento e se sentem censuradas em seu sofrimento. As autoras indicam que a escrita em *blogs* foi percebida como um recurso interessante para a ressignificação da perda, uma vez que permite à mulher registrar sua história, facilitar as trocas de experiências e de suporte entre pares. Isso vai ao encontro dos relatos de Jarid e Judith, que compartilharam suas histórias em grupos de mães que também haviam sofrido perda gestacional:

Judith: Eu entrei em muitos grupos de mães, nesses no Facebook e tudo mais, eu entrei porque na época eu precisava... “não, eu quero, é... será que isso aconteceu só comigo?” eu não tinha noção, tipo “ai, quantas mães que isso acontece...” eu não tinha essa visão... e eu precisava ver, né... eu precisava ouv/ver que isso não era só comigo... de certa forma, soa meio que egoísta, tipo “não..., você quer ver que não é só com você”, mas aquela época eu precisava... “não, não fui/eu não fui a única que passei por isso...”



Conhecer casos similares foi relatado por ambas como benéfico, na medida em que puderam se sentir menos sozinhas nessa vivência tão dolorosa e conflituosa. Outra possibilidade descrita para amenizar a solidão foi a psicoterapia, onde essas duas entrevistadas contaram se sentirem acolhidas para narrar sua história sem julgamentos e também onde puderam desvelar novos significados para a perda.

A solidão nesse luto também se conecta com o fato de ser uma relação pouco compartilhada com o mundo, como já vimos. A gestação possui a particularidade de uma relação visceral, intracorpo e, portanto, profundamente íntima. Uma vez que o bebê habita literalmente o corpo da mãe, é somente por meio dela que as demais pessoas têm acesso a ele, por exemplo, colocando a mão na sua barriga ou ainda a partir do que ela vai tecendo de significados para ele e compartilha com os outros (contando que o bebê é calmo, tranquilo ou, então, agitado e brincalhão).

Nesse sentido, algumas entrevistadas diferenciaram suas experiências de sofrimento daquelas expressadas pelo companheiro. Clarice, por exemplo, contou que sua dor era mais intensa do que a manifestada pelo marido. Jarid expressou compreender que sua relação com o bebê e, conseqüentemente, seu luto, eram mais profundos para ela que para o marido: “para mim tudo vai ser muito mais intenso. Eu vivi as dores, eu carreguei na barriga. Pro homem é diferente”. A solidão aqui tem como fundo sentir na carne essa perda, o que fica claro no relato de Adélia, ao afirmar que, embora seus filhos e sua família saibam da perda, ela é a única que a sente até hoje:

Mas até hoje a gente... eu.... né... todo mundo lá em casa sabe, os meninos que perguntam sabem que a gente teve essa perda... mas eu acho que só eu... só eu sinto [ênfase]. Pros outros é um fato... que aconteceu, enfim... e... só eu sinto [ênfase]... o vaziazinho, aquele buraco que ficou... e tá guardado numa caixinha.

Freitas e Michel (2014) já ressaltaram que o luto materno possui essa particularidade de uma relação que é entendida como visceral, o que aponta para essa ligação física. Na perda gestacional, podemos compreender que essa ligação fica acentuada, tanto por ter sido a experiência de maternidade que foi possível com este filho até aquele momento, quanto por ter a especificidade de experimentar a morte literalmente no próprio corpo, que sangra.

### **9. Ressignificação**

O enlutamento se trata, tal como vimos, da ruptura de uma relação, de um modo de ser, de um mundo partilhado e, portanto, é vivenciado como uma profunda crise de sentido. Nessa direção,

a morte nos impõe uma ruptura da narrativa de nossa coexistência, na qual nossas histórias partilhadas são em geral suspensas no meio de uma frase e, portanto, não é o esquecer, mas o significar e o ressignificar que nos permitem tecer novas possibilidades para o viver desde a ausência tão presente de quem amamos (Freitas, 2018, p. 55).

Essa constituinte congrega, portanto, as vivências de retomada de sentido da vida ou, ainda, de constituição de sentido para a experiência da perda. As participantes Adélia, Clarice e Judith disseram acreditar que a perda as fez amadurecer, sendo que as duas primeiras também afirmaram terem se tornado mais fortes. Ademais, Clarice ponderou que a perda fez com que ela reafirmasse seu desejo em ter mais um filho:

Acho assim... toda dor faz a gente crescer, né? Só que essas dores, desses dois assim sabe... dessas duas perdas assim... eu... eu penso, nossa... puxa, no que que elas me fizeram crescer? De repente elas me fizeram cada vez mais me reafirmar a vontade que eu tinha de ter mais um filho, né?

Frida manifestou que a perda ressignificou laços familiares. Disse, por exemplo, ter se surpreendido com a intensidade com a qual sua irmã ficou sensibilizada. A participante descreveu que este evento possibilitou a ressignificação do laço fraterno, uma vez que o momento permitiu que ela percebesse como a irmã se importava com ela: “porque eu não esperava que ela fosse se importar daquele jeito comigo e com o que aconteceu. Daí a partir dali eu acho que criou um laço diferente”.

O relato de Adélia mostra que ressignificou a perda a partir de uma vivência espiritual, anos mais tarde. Contou que, um dia, recebeu amigos em sua casa, os quais afirmaram ver o seu sogro, recém falecido, ao lado da sua filha (bebê que havia perdido anos antes). O casal, que não sabia da história de perda, disse para o marido de Adélia que a filha deles se encontrava sentada na sala naquele instante. Adélia relatou que foi muito emocionante saber que ela estaria próxima e disse acreditar que o bebê foi um anjo, cuja missão foi recuperar seu relacionamento conjugal: “ela veio pra isso [voz levemente emocionada]. Pra juntar de novo, pra gente ter a família que tem hoje, porque se não, não teria, teria acabado [voz emocionada]”. Ademais, essa experiência e esse novo significado possibilitou olhar para a perda a partir de outra perspectiva, amenizando a culpa que ela sentia:

E saber que ela tá presente nesse outro plano me deu um certo alívio, sabe? [voz mais fina]. Da culpa que eu sentia... de ter feito alguma coisa errada, de ter caído... sabe assim? (...) parecia que eu tinha assim... aberto uma porta de um jardim assim, sabe? Parece que tinha resolvido aquela... aquele nozinho que tava lá... preso.

Sobre superar, retomamos o que foi referido na constituinte ser mãe de um novo filho. Ainda que se assemelhe às vivências de Frida e Clarice no que toca ao abrandamento do sofrimento, diverge por não denotar tamponamento. Adélia expressa que superou a perda ao engravidar de novo, contudo, ela ressalta durante toda a entrevista

que o luto não se encerra por completo nesse evento. Ela descreveu superar como ter compreensão do que lhe havia passado e amenizar as lembranças dos procedimentos de retirada de bebê. Assim, superar se distancia de esquecer. Superar tem caráter de fazer lugar para a perda dentro de si, de atenuação do sofrimento, de constituir novos sentidos para a perda e, assim, conseguir dar continuidade à vida, com tranquilidade.

Judith e Jarid também expressaram que é possível ressignificar o luto e aprender a conviver com a dor, porém, que a experiência da perda jamais será esquecida: “Você não supera uma perda dessa. Você aprende a ressignificar e aí a viver a dessa maneira. Superar não supera, você vai passar o resto da vida carregando isso. Mas tem que aprender a sobreviver a isso” (Jarid). Ainda mais, faz parte do luto dessas mulheres manter a memória do filho viva, de modo que elas fazem questão de frisar que o primogênito possui um lugar na família, que o novo bebê usará as roupas do que eram do irmão e ficam contentes ao ver que outras pessoas tampouco apagaram de suas memórias o filho que morreu: “teve muitas pessoas que não esqueceram do [filho que faleceu], tem muitas pessoas que ainda lembram dele, então eu tenho que me sentir feliz, porque a memória dele não foi apagada... têm muitas pessoas que ainda lembram dele...” (Judith).

Essa busca pela manutenção da memória do filho foi descrita como constituinte do luto materno por Freitas e Michel (2014). Segundo os autores, as mães se preocupavam em manter vivas as lembranças dos filhos, especialmente quanto às suas qualidades e características positivas. Ainda, eles discutem que essa perpetuação da memória e do vínculo pode ser uma possibilidade de ressignificação do luto. Na perda gestacional, os momentos compartilhados com os filhos se restringem ao período da gestação e à experiência da mãe. Ademais, pouco podemos falar acerca de suas personalidades ou particularidades. Desse modo, os pertences, como roupas do bebê e enfeite da porta da maternidade, ganham significado especial:



Jarid: Porque você não tem nada, você não tem a presença física. É o que eu falo, o que eu tenho é uma ecografia, as fotinhos da ecografia, que nem dá para ver direito... Você tem, eu tenho que eu guardei desde o começo que eu falava que eu ia mostrar para ele quando ele crescesse, era o exame de farmácia que tem a data que eu descobri. Então são só pequenas coisas, lembranças que você tem. Você não tem nada físico, você não tem uma roupinha com cheiro do teu bebê, porque ele não chegou a usar uma roupinha. Então são pequenas coisinhas que te ajudam, que te fazem a ter uma lembrança a ter um contato, um vínculo, porque parece que você não tem nada. Ele não... não nasceu vivo, você não tem nada, nada, nada dele. Você não tem uma foto.

Nesse contexto da perda de uma relação ainda pouco compartilhada com o mundo, Jarid e Judith disseram que poder ver o bebê, o tocar e dar colo permitiu que elas conhecessem o rosto do filho, que se despedissem, e auxiliou a dar concretude a essa morte. Ainda, como já descrito, Jarid manifestou ser impossível se conformar com essa perda e, no seu relato, a revolta foi uma vivência marcante, especialmente quando ela sentia que sua relação com o filho perdido era deslegitimada.

Além disso, esse sentimento se mostrou evidente em movimentos que ela realizou para que profissionais e sociedade civil reconhecessem sua experiência, tais como conversar com o obstetra, enviar um e-mail para a maternidade denunciando o acolhimento precário que recebeu e entrar com um pedido de lei para a inserção do nome na certidão de natimorto. A resignificação não se trata necessariamente de constituir um significado “bonito” para a perda, mas, fala de encontrar uma forma de constituir novos sentidos para essa relação e, assim, encontrar caminhos que possibilitem manter esse vínculo. Nessa direção, entendemos que a raiva, nesse caso, pode ser compreendida como um caminho possível.

## **Estrutura Geral: Como é experienciar uma perda gestacional?**

Elas não tiveram o barrigão, muitas  
nem sabiam o sexo, o nome ou  
o que esperar de seus bebês.

Algumas nem ousam nomear como  
filhos os filhos que perderam.  
Abortos, espontâneos ou não, são  
doloridos. São perdas invisíveis.

Talvez seja por isso que, de repente  
elas começaram a falar comigo

Mães que perderam ou que tentaram  
durante muito tempo, sem sucesso.  
Perdas que não se concretizaram.  
Perdas silenciosas.

Dói perder qualquer coisa, mas perder  
um filho dói tão fundo na alma, que  
mesmo no mais discreto silêncio, é  
possível ouvir o derramar das lágrimas

(Até breve, José, Camila Goytacaz)

Podemos compreender o luto na perda gestacional a partir do contexto da gestação e da articulação das constituintes descritas neste capítulo. Gestar, aqui, é abrigar outro ser no próprio corpo, é abrir um novo horizonte de possibilidades – por exemplo, ser mãe daquele filho. É vivenciar um processo de profundas transformações, de reorganização, enquanto corporeidade e nos projetos. É reorganizar as finanças, os planos, a casa para receber outro membro na família. É ser desenhada uma relação intracorpo, em que toco e sou tocada e em que o outro se desvela paulatinamente. É um constante se lançar como vir-a-ser nessa abertura existencial.

Se entendemos o luto como a perda de um modo de existir, de uma relação que deixa de se atualizar, pois o outro já não se apresenta mais em sua corporeidade (Freitas,

2013), perguntamo-nos como é o luto quando essa relação é quiasmática e intracorpo. Se os limites entre mãe e bebê são ambíguos na gestação, se há um ponto de encontro entre um e outro, parece evidente que, ao perder um bebê, a mãe perde parte de si.

E que parte é essa? As entrevistadas que tiveram perdas com a gestação mais avançada descreveram se sentir amputadas, com a alma arrancada. E, mesmo entre as que sofreram perdas precoces, podemos entender que a perda gestacional se apresenta como algo inesperado, que encerra, pelo menos nesse momento, a abertura possibilitada na gravidez. Perde-se, enfim, aquilo que havia se desenhado como projeto de vir-a-ser.

Perder grande parte do seu projeto e ter uma importante restrição na abertura de possibilidades para esse lançar-se é, enfim, perder grande parte do que se é, afinal, o que “sou” está o tempo todo perpassado pelo que “virei a ser”, assim como pelo que “já fui”. Ademais, aqui tratamos de um sentido que é estruturante na vida dessas mulheres e valorizado culturalmente: o ser mãe. Como mencionado, a perda não colocou em xeque ser ou não ser mãe, mas, encerrou para essas mulheres as possibilidades de vir a ser mãe daquela criança, em específico.

Vimos que esse bebê se desvela como um outro conforme a gestação se desenvolve, o que indica algumas nuances nos diferentes períodos em que ocorreram as perdas gestacionais. As entrevistadas que sofreram perdas tardias buscam manter as memórias do filho morto, bem como uma relação com ele. Elas frisam que esse bebê é insubstituível e não é passível de esquecimento. É possível ressignificar, mas não superar, como retornar a um estado anterior. Para as que tiveram perdas precoces, por outro lado, notamos que, quando nasce o novo filho, existe um tamponamento do sofrimento.

Algumas participantes já tinham filhos antes da perda e outras, não; isso gerou condições diferentes que se expressaram na vivência do luto. Ser mãe antes de sofrer o abortamento possui duas implicações, a saber: suporte no enfrentamento e intensificação

do estado de choque. Acerca da primeira, Frida disse: “Eu fico pensando, se eu tivesse perdido o primeiro filho e eu ia me... me desmontar... aí eu ficava sempre justificando: ‘não, eu já tenho uma filha, eu já sou mãe’”. Nota-se que ter o sentido “mãe” consolidado lhe gera segurança e conforto. A respeito da segunda implicação, as participantes expressaram que ter um abortamento após a gestação de um filho que nasceu com vida acentuou a vivência do estado de choque e falta de sentido: “eu pensava assim, puxa mas eu tive o primeiro filho... né... eu tava saudável até então... Então... por que que agora não?” (Clarice).

No caso de Jarid, que não tinha filhos antes e tampouco engravidou após a perda, o sentido de ser mãe se preservou, o que nos reitera que a experiência “ser mãe” se funda na constituição do sentido “filho” para esse bebê que foi gestado. Conforme vimos, para ela, o significado de ser mãe encontra sustentação nas experiências de gestação, do parto e das dores do parto. Ainda assim, Jarid revelou que as pessoas ao seu redor muitas vezes deslegitimam sua vivência como mãe.

O universo da maternidade perpassa toda a experiência de luto, tendo em vista a valorização do lugar da mãe e a concepção de amor inato com os filhos na nossa cultura. Nesse universo, a comparação com outras mães se mostrou, em geral, doloroso, de onde emergiu raiva e inveja. A culpa aparece nesse contexto no sentimento de ser traída pelo próprio corpo e no sentimento de “fracasso” enquanto mulher, uma vez que falhou na missão de ter um filho. Parece que não há lugar no mundo para essa mãe que é mãe de um bebê que não nasceu, ou não nasceu com vida. A solidão emerge, assim, como constituinte da perda gestacional.

A perda gestacional é vivenciada como um estado de choque, com falta de sentido e com dor. É difícil entender o que está acontecendo no momento da perda e há uma sensação de vazio, de desnorteamento e de suspensão dos sentidos do mundo vivido.

A dor, núcleo duro da experiência de perda gestacional, expressa a ambiguidade desse corpo que é corpo vivo e corpo vivido. Por ter a especificidade de uma morte que ocorre no próprio corpo, que literalmente sangra, dor física e sofrimento existencial são coconstituintes de uma mesma experiência de dor, afinal, a existência se dá nesse corpo que é uno, é carne.

Por fim, a experiência de perda gestacional não se encerra com o abortamento, com a cesárea, o parto ou o enterro. O luto nos impõe uma nova condição existencial, na qual é preciso ressignificar o mundo vivido a partir da ausência do outro e desse “nós” que foi perdido (Freitas, 2013). Não há como prevermos as significações que serão possíveis e é preciso que cada enlutada encontre um espaço possível para aconchegar sua dor, para dar lugar à ausência presente do bebê e ressignificar essa relação e aquilo que perdeu de si.

### Conclusões

Dizíamos filho e ríamos com uma euforia esquisita de quem nunca poderia ter perdido por inteiro um filho. Compreendi-o bem. Nunca se perde por inteiro um filho. Ele resta sempre como algo que temos a infinita possibilidade de evocar. Evocamo-lo e ele é. Eu disse. O Einar regozijou. Na criança plantada. Dizemos filho e ele é sempre algo. Nunca regressa ao tempo em que não existia.

(A Desumanização, Valter Hugo Mãe)

A experiência de luto na perda gestacional se desvela na articulação entre as nove constituintes descritas: dor; falta de sentido; estado de choque; raiva e inveja; culpa; medo de nova perda; ser mãe de um novo filho; solidão; ressignificação. Quando se perde um bebê, se perde um futuro conjunto, se perde a mãe que se projetava ser com aquela criança, se perde a confiança no próprio corpo. A morte, nesse momento em que era esperada vida nova, impõe de forma abrupta uma restrição na abertura que havia sido propiciada pela gestação. Assim, podemos compreender o luto na perda gestacional como a perda de um vir-a-ser, o que defendemos também ser perda de parte de si, do que se é.

Entender como essa perda impacta na vida das entrevistadas nos permitiu enxergar que não falamos apenas da perda de um sonho, algo imaginado. Os achados apontam que se trata da perda de um bebê, não de um feto ou embrião, mas um ser que possui sentido para essas mulheres, com quem elas se relacionam e compartilham o corpo.

Acerca dos sentidos constituídos para o bebê, é necessário fazer um destaque. A alteridade se torna mais explícita conforme a gestação se desenvolve, em especial, com os movimentos do bebê e exames de imagem. É ao longo do processo de gestação que a experiência de ser mãe e o sentido “filho” vão se constituindo. Da mesma forma, paulatinamente, esse bebê vai ganhando corpo, concretude e espaço na vida da mulher e da família. No início da gravidez, a mãe possui pouco acesso ao bebê. E, ainda que haja uma relação desde o princípio, a mãe não sentiu seus movimentos, não sabe o sexo e,

como discutimos, sabe pouco sobre ele ser “brincalhão”, “agitado” etc. Sendo assim, notaram-se diferenças entre o luto na perda precoce e o luto na perda tardia.

Os relatos de Frida e Clarice (que tiveram perdas precoces e não explicitaram significar aquele bebê como “filho”) sugeriram que a vinda do novo bebê tamponou o espaço do bebê perdido. Isso não quer dizer que o sofrimento é “menor” do que daquelas que perderam ao final da gestação, mas, que esse bebê ainda não possuía um lugar bem demarcado na família.

Adélia, Judith e Jarid (que tiveram perdas com a gestação mais avançada) evidenciaram que o bebê que perderam possui um espaço demarcado nas suas vidas e nas suas famílias, de modo que jamais poderiam esquecê-lo. A fim de manter um vínculo com o filho, a memória da mãe, as roupinhas, o enfeite da maternidade ou a espiritualidade exerceram um papel significativo.

Como vimos, a perda gestacional tem a particularidade de se tratar da morte de um bebê que possuía uma relação visceral com a mãe, mas, pouco conhecida pelos demais. A solidão no luto materno emerge aqui de forma marcante, articulada com essa condição de ser uma relação intracorpo.

Por ser uma perda vivenciada no próprio corpo, que literalmente se abre e sangra, as vivências de culpa e dor tiveram uma tonalidade expressiva no luto na perda gestacional. Os achados apontaram que a culpa por não ter sido capaz de proteger o filho e evitar o óbito é experimentada como uma traição do próprio corpo, que “falha” e entrega um filho morto. A dor, núcleo duro da experiência de perda gestacional, foi descrita como dilacerante e em vão. Ainda, dor física e sofrimento existencial são coconstituintes de uma mesma experiência de dor: a dor das contrações, por exemplo, são também dores da alma, tal como a dor do luto é vivida nesse corpo encarnado.

Nessa direção, destacamos algumas implicações para os profissionais no atendimento a essa população. Primeiramente, se faz mister acolher à mulher que sofre uma perda gestacional, entendendo que se trata da perda de um bebê. Mesmo que nem todas as mães tenham significado aquele bebê como “filho”, tratá-lo como um amontoado de células pode ser extremamente violento. Como muitas mulheres se consideram mães, os profissionais devem ter em vista que falam com uma mãe enlutada, e não alguém que espera a retirada de uma vesícula. Portanto, é fundamental comunicar o falecimento do bebê com sensibilidade, acolhendo as reações emocionais e os questionamentos que podem surgir. O amparo adequado e o fornecimento de informações claras podem amenizar o estado de choque, o desnorteamento e a solidão nesses primeiros momentos.

Visto que falamos de uma mulher que acabou de receber a notícia que seu bebê está morto, a maternidade pode adotar algumas ações simples e eficazes que demonstram cuidado. Um exemplo é alocar a paciente em ala separada da maternidade ou, pelo menos, em quarto separado de outras mães com seus bebês. Identificá-la (uma cor diferente na porta, por exemplo) pode evitar que funcionários entrem e lhe parabenizem pelo bebê, ou perguntem se ele está mexendo, situações de completa insensibilidade. Entendemos que o profissional que entra no quarto numa maternidade não faz tais perguntas por mal, mas, é imprescindível que a instituição adote um protocolo que evite situações que demonstrem descuido com uma pessoa em um momento de vulnerabilidade.

Quanto ao método de retirada do bebê, é essencial que a mulher e seus familiares recebam informação completa e honesta acerca dos procedimentos e que lhes seja respeitado o direito de escolha, uma vez que há aquelas que preferem um método mais natural e outras que optam por evitar estar em contato com a experiência do parto (Smith et al., 2016). Reiteramos que a dor pode ter significados variados, de forma que nem sempre a evitar por completo é a melhor opção. Para uma mulher, viver o parto natural



pode ser uma forma de despedida e a dor pode permitir que ela compartilhe de experiências similares com outras mulheres, tal como discutimos. Por outro lado, para outras mulheres, viver uma dor “em vão” pode ser cruel.

Acerca de conhecer ou não o bebê após o parto, se notou que tocá-lo e poder conhecer seu rosto foi relatado como benéfico no enfrentamento do luto; entretanto, há importantes ressalvas. Primeiramente, essa deve ser uma possibilidade e jamais uma imposição universal a todas as mulheres. Há sempre que se priorizar o acolhimento e o respeito pela história e as escolhas da mulher. Segundo, é importante que a equipe ofereça tempo e espaço adequados para esse momento e, principalmente, suporte, uma vez que é possível que seja uma experiência desorganizadora. O papel da psicóloga nesse momento pode ser extremamente importante no sentido de abarcar o sofrimento, a revolta, a culpa e outros sentimentos que podem emergir.

Destacamos aqui que esse luto deve ser acolhido em suas particularidades, desde o atendimento no pronto socorro e ao longo da vida, uma vez que o luto na perda gestacional não termina no momento da notícia do óbito, no parto ou no enterro (se houver). O luto é uma experiência complexa que não se encerra com uma resolução, com etapas a serem cumpridas rumo a uma superação (Freitas, 2013). Por isso, engravidar de novo ou ter um novo filho não basta para não chorar mais aquela perda. No entanto, é possível ressignificar esse fato.

Os achados desse estudo nos auxiliam a compreender que “superar” a perda é aconchegar a dor (e não necessariamente a extinguir), encontrar caminhos para dar continuidade à vida e ressignificar a relação com o bebê. Acerca desse último, defendemos que ressignificar não se trata de tentar esquecer o que foi vivido, jogar tudo do bebê fora ou simplesmente engravidar novamente. Pode ser justamente o oposto. Ressignificar é poder constituir um novo sentido para a perda e para aquele modo de ser

desvelado durante a gestação que não será mais possível. É, ainda, poder encontrar uma outra forma de se relacionar com o filho que não nasceu vivo. Nessa direção, notamos que manter esse filho vivo nas memórias, nas histórias, na família e no cotidiano pode ser um caminho para ressignificação.

Em especial, visto que se trata de um luto silenciado e solitário, os achados apontam como benéfico falar sobre o bebê, sobre a experiência de maternidade e luto, bem como trocar experiências com outras mães que sofreram perdas gestacionais. Não existe um único modo de ressignificar a perda e a relação com o bebê e cabe ao profissional acompanhar a enlutada no caminho de constituir novos significados (Michel, 2017). Espera-se que este estudo possa auxiliar os profissionais que atuam com esse público a compreender essa experiência e a se sensibilizar para um cuidado que tenha em consideração as vivências descritas e a singularidade de cada mulher.

No âmbito das políticas públicas, defendemos que o registro do nome do bebê na certidão de natimorto pode ser uma via importante para legitimar a vivência desse luto silenciado. O nome no documento pode trazer conforto para algumas famílias, uma vez que pode significar o reconhecimento da existência daquele bebê. Além disso, almeja-se que esse trabalho tenha um impacto político na sociedade civil, a qual possa compreender esse sofrimento e o validar, ao invés de silenciá-lo. Da mesma forma, que as instituições possam se posicionar, tendo como pautas o acolhimento e o reconhecimento de que a mulher é capaz de dizer como se sente e como prefere ser tratada.

Por fim, embora a experiência de luto materno na perda gestacional descrita possa ser generalizada, ela não é universal e se faz necessário localizar de que experiência falamos. Neste estudo, as participantes eram mulheres cis, brancas, de classe média, com curso superior, que viviam em Curitiba ou região metropolitana. O sentido de ser mãe era central nas suas vidas e as maternidades eram desejadas. Nesse cenário, a gestação as

permitiu sonhar com aquele bebê, com quem elas buscavam desenvolver uma relação de afeto. Não sabemos se essa descrição se aplicaria para experiências de perda gestacional em mulheres que não desejavam engravidar ou ser mães, ou, ainda, que não se perceberam grávidas, uma vez que as constituintes descritas se fundaram num horizonte de relação com o bebê e gestação desejada.

Assim, se sugere que sejam realizados estudos acerca de outras experiências de gestação e maternidade, como gravidez não desejada, de mulheres que não se perceberam gestantes ou, ainda, de homens trans grávidos. Além disso, seriam muito úteis estudos que pudessem desenvolver um protocolo de atendimento ao luto de perda gestacional na maternidade, a fim de termos parâmetros para um amparo adequado e maior possibilidade de um atendimento de qualidade.

## Referências

- Adolfsson, A. (2010). Applying Heidegger's interpretive phenomenology to women's miscarriage experience. *Psychology Research and Behavior Management*, 3, 75–79. doi: 10.2147/PRBM.S4821
- Adolfsson, A., Larsson, P. G., Wijma, B., & Bertero, C. (2004). Guilt and emptiness: women's experiences of miscarriage. *Health Care for Women International*, 25, 543–560. doi: 10.1080/07399330490444821
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27, 259–268. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>
- Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito de amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo II* (3ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1949).
- Boemer, M. R., & Mariutti, M. G. (2003). A mulher em situação de abortamento: um enfoque existencial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37, 59–71.
- Bornemark, J., & Smith, N. (2016). *Phenomenology of Pregnancy*. Estocolmo: Södertörn University Press.
- Caelli, K., Downie, J., & Letendre, A. (2002). Parents' experiences of midwife-managed care following the loss of a baby in a previous pregnancy. *Journal of Advanced Nursing*, 39, 127–136. doi: 10.1046/j.1365-2648.2002.02252.x
- Camarneiro, A. P. F., Maciel, J. C. S., & Silveira, R. M. G. (2015). Vivências da interrupção espontânea da gravidez em primigestas no primeiro trimestre

- gestacional: um estudo fenomenológico. *Revista de Enfermagem Referência*, 4, 109–117. doi: 10.12707/RIV14064
- Congresso Nacional (1973). *Lei 6.015*. Recuperado de: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/114699>
- Corregedoria Geral da Justiça do Estado do Rio do Janeiro (2018). *Consolidação Normativa Parte Extrajudicial*. Recuperado de: <http://www1.tjrj.jus.br/gedcacheweb/default.aspx?GEDID=00038F49138D2A951732394F2DA8142EA3EF11C407183528>
- Depraz, N. (2007). The intimate other. *Theoria et Historia Scientiarum*, 7(1), 163-179. doi: 10.12775/ths.2003.009
- Dias, M. C. M. (2012). *A Perda Gestacional e o Processo de Luto Quando o início é o fim da vida ...* (Dissertação). Instituto Superior Politécnico de Viseu. Viseu. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.19/1970>
- Domingos, S. R. F., Merighi, M. A. B., & Jesus, M. C. P. (2011). Vivência e cuidado no abortamento espontâneo: um estudo qualitativo. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 10(2). Recuperado de [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3236/pdf\\_2](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3236/pdf_2)
- Duarte, C. A. M., & Turato, E. R. (2009). Sentimentos presentes nas mulheres diante da perda fetal: uma revisão. *Psicologia Em Estudo*, 14, 485–490. doi: 10.1590/S1413-73722009000300009
- Faria-Schützer, D. B., Lovorato Neto, G., Duarte, C. A. M., Vieira, C. M., & Turato, E. R. (2014). Fica um grande vazio: relatos de mulheres que experienciaram morte fetal durante a gestação. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5, 113–132. doi: 10.5090433/2236-6407.2014v5n2p113

- Ferreira, P. (2016, 15 de outubro). Pais e mães de natimortos lutam por nome do filho na certidão. *O Globo*. Recuperado de: <https://oglobo.globo.com/sociedade/pais-maes-de-natimortos-lutam-por-nome-do-filho-na-certidao-20294299>
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19, 97-105. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&tlng=pt)
- Freitas, J. L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, 29(1), 50-57. doi: 10.1590/0103-656420160151
- Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 273-283. doi: 10.1590/1413-737222324010
- Freitas, J. L., Michel, L. H. F., & Zomkowski, T. L. (2015). Eu sem tu: uma leitura existencial do luto em psicologia. In J. L. Freitas & M. V. F. Cremasco (Org.). *Mães em Luto: A Dor e suas Repercussões Existenciais e Psicanalíticas* (pp. 15-24). Curitiba: Editora Juruá.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim do Século.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: P.T. Learning.
- Heinämaa, S. (2012). Feminismo. In H. L. Dreyfus & M. A. Wrathall (Org.), *Fenomenologia e Existencialismo* (pp. 453–464). São Paulo: Edições Loyola.
- Husserl, E. (2017). A criança. A primeira empatia. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*. (Tradução de J. L. Freitas). (Manuscrito original de 1935).

- IBGE. (2017). Estatísticas do Registro Civil. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/todos-os-produtos-estatisticas/2043-demografia-e-estatisticas-sociais/populacao/componentes-da-dinamica-demografica-e-estatisticas-vitais/np-estatisticas-do-registro-civil/9110-estatisticas-do-registro-civil.html>
- Josgrilberg, R. (2017). Anotações para uma fenomenologia do infans na fase fetal. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(3), 297-300. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000300004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000300004)
- Koury, M. G. P (2014). O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno CRH*, 27(72), 593-612. doi: 10.1590/S0103-49792014000300010
- Kovács, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: M. J. Kovács (Org.). *Morte e Desenvolvimento Humano* (pp. 149-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, S., & Fortim, I. (2015). A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(4), 771–788. doi: 10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12
- MacWilliams, K., Hughes, J., Aston, M., Field, S., & Moffatt, F. W. (2016). Understanding the Experience of Miscarriage in the Emergency Department. *Journal of Emergency Nursing*, 42(6), 504–512. doi: 10.1016/j.jen.2016.05.011
- Mariutti, M. G., Almeida, A. M. & Panobianco, M. S. (2007), O Cuidado de Enfermagem na Visão de Mulheres em Situação de Abortamento. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(1), 1-8. doi: 10.1590/S0104-11692007000100004
- Merleau-Ponty, M. (2003). O entrelaçamento – o quiasma. In: Autor. *O Visível e o Invisível* (pp 127-150). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1964).

- Merleau-Ponty, M. (2006). *Psicologia e pedagogia da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da Percepção* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).
- Michel, L. H. F. (2017). *A vivência de psicoterapia de mães enlutadas*. (Dissertação). Universidade Federal do Paraná. Recuperado de: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47461/R%20-%20D%20-%20LUIS%20HENRIQUE%20FUCK%20MICHEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Ministério da Saúde (2009). *Manual de Vigilância do Óbito Infantil e Fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal* (2ª ed.). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_obito\\_infantil\\_fetal\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_obito_infantil_fetal_2ed.pdf)
- Pela primeira vez em SP, nome de natimorto é registrado em certidão. (2013, 5 de março). *Veja*. Recuperado de: <https://veja.abril.com.br/brasil/pela-1a-vez-em-sp-nome-de-natimorto-e-registrado-em-certidao/>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 223–232. doi: 10.1590/S0102-37722004000300003
- Senado Federal (2015). *Projeto de Lei da Câmara nº 88, de 2013*. Recuperado de: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/114699>
- Shabot, S. (2015). Constructing subjectivity through labour pain: A Beauvoirian analysis. *European Journal of Women's Studies*, 24(2), 128-142. doi: 10.1177/1350506815617792



- Smith, L. F., Frost, J., Levitas, R., Bradley, H., & Garcia, J. (2006). Women's experiences of three early miscarriage management options: a qualitative study. *The British Journal of General Practice: The Journal of the Royal College of General Practitioners*, 56, 198–205. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16536960>
- Svenaeus, F. (2017). Phenomenology of pregnancy and the ethics of abortion. *Medicine, Health Care and Philosophy* 21(1), 77-87. doi: 10.1007/s11019-017-9786-x
- Verissimo, D. S. (2012). A noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty: análises em torno da Fenomenologia da percepção. *Estudo e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 205-225. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n1/v12n1a12.pdf>
- Vidal, M. (2010). Gravidez após morte perinatal: sobre a relação da mãe com o bebê sobrevivente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 3185–3190. doi: 10.1590/S1413-81232010000800023
- WHO. (2016). Making every baby count: Audit and review of stillbirths and neonatal deaths. World Health Organization. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/249523/1/9789241511223-eng.pdf?ua=1>
- Wojnar, D. M., Swanson, K. M., & Adolfsson, A. S. (2011). Confronting the Inevitable: A Conceptual Model of Miscarriage for use in Clinical Practice and Research. *Death Studies*, 35, 536–558. doi: 10.1080/07481187.2010.536886
- Wynn, F. (2002). The early relationship of mother and pre-infant: Merleau-Ponty and pregnancy. *Nursing Philosophy*, 3, 4–14. doi: 10.1046/j.1466-769X.2002.00080.x
- Young, I. M. (1984). Pregnant Embodiment: Subjectivity and Alienation. *Journal of Medicine and Philosophy*, 9, 45–62. doi: 10.1093/jmp/9.1.45

## **Anexos**

### **Anexo I: Transcrições das Entrevistas**

#### **Entrevista I: Frida**

##### **Entrevistadora- Você pode me contar como é que foi pra você perder seu filho?**

Frida- É, eu tava, eu já tinha a Raquel, aí eu resolvi engravidar, demorei 11 meses pra conseguir engravidar, Aí eu engravidei e- sou péssima com data tá?- Ah, fiquei três meses grávida e daí eu perdi o bebê. Assim, três meses depois eu tava grávida da Virgínia. Assim, então foi assim, foi um processo curto porque tinha algo pra substituir. É assim, eu lembro que o que eu me preendi muito uma época. Era assim... O médico disse que eu não ia ter filho [pausa]. Eu já tinha a Raquel. Então assim, eu sempre andava assim, eu já estou no lucro porque perdi um bebê, mas eu já tenho uma... Porque eu não ia ser mãe, então eeu... tô no lucro. E foi um processo assim que eu tive que dar conforto pra minha família. A minha irmã ficou assim, ficou super mal, eu tive que levar lá pra casa e falar “não, eu to bem”... Assim, a minha mãe também ficou muito mal assim, então na hora eu tinha que ser o forte [voz tremida], a Raquel ficou muito mal, porque ela... ela passou muito tempo pedindo uma irmazinha, quando eu perdi o bebê ela falava assim: “ah eu acho que era um irmãozinho e como era um irmãozinho acho que papai do céu não... não queria, porque eu queria uma irmazinha”. Então, mas assim, nem fiquei sabendo o sexo do bebê e tal, porque tava com uma malformação, mas eu acho que o médico não quis me contar mesmo pra... pra não dar mais sentido praquilo. Basicamente assim... que aconteceu.

**E como que foi pra você assim ... eu vejo que se emociona ainda... (ela já estava com o olho cheio de lágrimas)**

F- Assim, eu fiquei bem frustrada... eu passei 11 meses tentando engravidar... [voz tremida]

**Sim...**

F- Achei que não ia chorar [fala baixinho], (incompreensível). Mas... É... Levei um susto quando engravidei, tanto que o médico disse “não, você demorou... Você... Tua probabilidade de engravidar é baixa, você passou 11 meses pra engravidar, então assim, relaxa que você não vai engravidar agora”. De repente eu já tava grávida de volta assim. Então... Mas eu lembro que foi uma época assim que por mais que falasse “eu to bem”... a ...a minha cadela teve cria e eu fiquei com raiva dela. Assim tipo “ah até a cadela tá tendo um...”. Aí a ... a mãe do meu enteado também teve bebê e já era o quarto filho dela assim, e ela não é um exemplo de mãe naquela época, hoje ela é, sabe... eu ficava assim: “poxa, ela já tem três filhos, vai ter o quarto, não cuida direito e eu...”. Sabe? Ficava me sentindo assim meio... assim... injustiçada. Não, não era uma coisa consciente, foi uma coisa que depois eu fui percebendo “puxa, a cadela teve filha, a mãe do enteado teve filho, e eu...”, às vezes (incompreensível) ainda falava que tava grávida e o pessoal “por que não eu?”. Mas isso logo que eu fiquei grávida de volta e... Eu engravidei no mesmo dia da vizinha do lado. Assim, tanto é que assim, eu fiquei três meses grávida... [pausa]. Perdi o bebê, três meses depois eu engravidei, é... a Virgínia é exatamente seis meses mais nova que o menino. Ele é de nove de janeiro, ela é de nove de junho assim. E olha como é que foi uma situação que ela não queria engravidar e eu queria. Então eu ficava poxa, sabe... “A vizinha que nem queria engravidar e engravidou e tá lá com o bebê e eu...”. Não é uma coisa que eu queria fazer, mas era o que acabava assim... Eu lembro quando nasceu os cachorrinhos eu falava “mas que droga! Olhe ali, por que... que ela pode e eu não pode?!” Porque foi uma gravidez que eu... que eu queria muito assim, então por isso que custou bastante...

### **Incompreensível**

F- Aham. Mas enfim, eu to com a minha lindinha agora lá que...

### **Você falou que foi pouco tempo porque daí logo veio a ... veio a Virgínia já né?**

F- É que foi assim, entre eu perder o bebê e eu engravidar de volta foi rápido. Três meses assim. E daí acho que foi quando mais eu parei de ter raiva dos outros que tinham... que tavam tendo filhos assim. Quando eu... sabe de ver assim... não... de achar merecedora, de falar assim “poxa mas ela... será que ela merecia tanto quanto eu?”. Aí, mas assim, veio a Virgínia e acalmou pra caramba. E eu tive que me mostrar forte na época porque a minha irmã quase teve um troço quando eu perdi o bebê assim... Eu sinto que foi pior pra ela do que pra mim assim sabe... Ela num... num lidou bem com aquilo assim, então eu tive que levar a minha irmã pra casa, ela só chorava, ela... ela passou mal na rua quando minha mãe ligou pra ela e falou que eu tinha perdido o bebê... Eu tive que levar ela lá pra casa e mostrar o quanto eu tava bem pra... Não tava tão bem assim [voz tremida], mas pra ela assim... contou... porque ela ficou bem mais mobilizada [voz tremida]... E não... e assim... foi quando eu descobri que minha irmã se importava bastante, porque até então... tava aí tipo assim... ela ficou bem mal mesmo. E daí minha mãe também (incompreensível), também eu já vejo, porque isso com certeza me fez forte, eu já tinha a Raquel e poderia não ter nenhum. O médico falou “ah você nunca vai [voz tremida], provavelmente nunca vai engravidar...” [pausa]. Eu tava engravidando uma segunda vez, mas eu já tinha uma filha então eu...

### **Teu médico sabia que você já tinha outra filha?**

F- Sabia, meu médico de sempre é o mesmo que disse que eu não poderia engravidar, depois eu tive a Raquel, depois eu... porque eu tive uma endometriose bem forte, né... tinha cisto no ovário, assim precisei fazer tratamento, tanto é que eu tive a Raquel super cedo porque ele falou assim “seu momento de engravidar na vida é agora, ou você tenta

agora ou lá pra frente vai ser muito mais difícil e não que agora vai ser fácil”. E daí nessa eu engravidei da Raquel.. Entre a Raquel e a Virgínia são... [fica pensando] são seis anos de diferença. Mas assim, é porque eu evitei também, porque quando eu tentei... depois de 11 meses eu consegui engravidar. Então eu não esperava a Virgínia três meses depois ali de volta... Pergunte o que você precisa [risos].

**Enfim... percebi que você se emociona também ao falar...**

F- Sim

**Que sentimento que vem assim pra você quando você lembra dessa história?**

F- Então Luiza, é... eu achei que não me mobilizasse tanto... agora que eu to trazendo pra você assim porque é... éé... eu acho que meio que eu substituí assim... logo a Virgínia veio e eu... pensei “não, vamo pra frente”. E hoje eu to falando disso e tá mexendo. Eu... eu não esperava... talvez se eu esperasse eu num... não estaria aqui [voz tremida].

**É algo bem forte né?**

F- É mas eu não sei dizer assim, não sei nomear isso. Só deu vontade de chorar [voz de choro].

**Então pode chorar, fica à vontade...**

F- E... e é isso. E eu pensei muito pouco nisso depois assim, mas foi uma substituição... quando eu perdi o bebê, eu não quis nada do bebê, tanto que eu tinha ganhado as (incompreensível), depois eu perdi, porque eu fiquei grávida logo em seguida assim, mas... [longa pausa]... que era uma coisa que eu queria muito assim... “Não, tá na hora de eu ter outro filho”... e a Raquel e as questões filosóficas dela a vida inteira né... e ela aquela coisinha miúda assim “não, porque a culpa é minha, porque Deus tá me punindo” e... “não, veja bem, não é isso, mas se Deus levou é porque não tinha... condição de estar bem...”. Diz que tinha uma má-formação bem grande no bebê... [pausa], aí eu tive um

sangramento bem leve assim, fui pro hospital aí já tinha perdido. Aí... não achei que seria assim, foi no susto mesmo...

**Tava tipo em casa assim?**

F- É. Eu engravidei no fim do ano, viajei nas férias e tudo tranquilo e tal, uma gravidez normal, assim, éé... tinha menos cólica do que eu tive com a Raquel, eu tinha bastante enjojo, tinha... meu sintoma de gravidez é os peitos ficarem gigantes assim sabe... tava... Aí um dia tava em casa à tarde e fui no banheiro e assim, foi sangramentozinho bem, bem leve mesmo... aí... fui no médico, fiz o exame e daí... no dia seguinte já fui pra... pra tirar. Bem... assim... inesperado mesmo, não era algo assim... não aconteceu um grande evento pra... [pausa]... Aí assim, na gravidez da Virgínia depois tive vários sangramentos, porque meu corpo não tava pronto pra engravidar de volta. Aí tive que, assim, não é fazer repouso, mas eu não podia fazer muito esforço, teve... e teve todo um cuidado com a segunda gravidez, porque... foi... o médico falou assim “você não precisa nem se cuidar! Você não pode engravidar agora, você já tem dificuldade”. E daí eu tava.... bem tranquila... não cuidei e graças a deus, porque né... [risos] veio na hora certa. Aí mas assim, é um episódio que... sério, eu guardei dentro daqueles três meses, tá voltando agora, assim falando com você. Não... eu deixei... não pensei mais no assunto mesmo. É uma coisa que eu falo com naturalidade pras pessoas assim às vezes “não, eu tive um aborto...”, mas não... [pausa].

**Posso te perguntar uma coisa?**

F- Pode

**Esses três meses que você falou e que você falou que agora tá voltando assim na fala... é o que?**

F- É os três meses entre eu ter perdido o bebê e eu ter engravidado da Virgínia. Porque assim... que depois que eu engravidei da Virgínia (incompreensível) eu falei “ah, foda-se

que eu perdi o bebê, tá aqui de volta”. Eu não... E assim eu sei que a Virgínia não veio pra substituir o bebê que eu perdi, mas assim... veio pra substituir minha vontade de ser mãe de novo [voz tremida]. Então é isso, e agora não quero mais, fechou a fábrica [risos].  
Chega... chega...

**A Virgínia tá com quantos anos?**

F- Tá com 8

**Tá com 8? Nossa a Raquel tá grandinha... meu Deus, que absurdo! [risos].**

F- É... [risos], é uma adolescente! Mas não é...

**Mas ela continua miudinha?**

F- É, ela ainda tá meio criança assim, eu sei que de uma hora pra outra ela vai passar de fase, mas ela ainda é [retrai o corpo] “e o coração como vai?”, “tsc, ainda não” [risos].  
Daí, e assim, e o temperamento de adolescente é desde sempre. Então... E a Virgínia é... é um doce... A Virgínia e Raquel são pessoas completamente diferentes assim, a Raquel é “pá”, a Virgínia é... [pausa longa]. Que mais?

**Como é pra você trazer tudo isso à tona agora?**

F- Não sei... eu acho que eu vou descobrir daqui uns dias assim, não... que assim... eu acho que não é algo que me incomoda tanto assim... se fosse algo que me incomodasse tanto... eu teria pensado nisso mais vezes assim... eu acho que agora ainda não sei ... eu nunca mais tinha falado disso... [pausa] e eu não sabia que me mobilizava tanto assim mesmo... pra mim tava... bem mais tranquilo... Mas... eu to num momento difícil, meu vô faleceu na semana passada, tem toda uma questão... aí assim, você traz tudo junto, não tem como você não tá mais...

**(incompreensível)**

F- E é isso... aí fiquei preocupada... tá dentro da tua... eu li, depois eu falei “será que eu interpretei errado?”. Eu to dentro do tempo do teu público de pesquisa né?

**Sim, sim**

F- Mas você vai querer aprofundar mais mesmo... Ai, eu fui pro meu pai, do hospital eu fui pra... no hospital que a gente ia assim, eu lembro que... eu não porque eu sempre durmo nessas horas assim, fico tão... eu fiquei esperando pra fazer curetagem uma hora, aí assim... dormi, daí eu já tinha perdido o bebê... então eu relaxei de um jeito que... eu tava mais preocupada com a minha fome... não sei se isso é fuga ou que que é, mas na hora foi o que... [pausa] foi assim.

**Você chegou a ter que fazer algum procedimento?**

F- Sim, tive que fazer curetagem... é... é, tinha um problema com o bebê mesmo, o meu corpo tava... normal, provavelmente não ia... expulsar espontaneamente, foi... teve que tirar mesmo [silêncio]. Esse olhar de terapeuta me mata [risos]. (incompreensível). Tipo, fica esperando um etc. [risos]

**Não... Eu to te dando espaço... é meio que... às vezes eu não gosto de perguntar taanta coisa, porque...**

F- Eu acho que funciona melhor com a pergunta

**É muito de... de ouvir muito de você mesmo, como que foi pra você, como que foi a tua experiência, como que foi pra você passar por tudo isso sabe?**

F- É, e eu jogo pra minha irmã, pra minha filha, né? Pra minha mãe...

**É mas daí você já tá falando várias coisas né... como que também as pessoas à tua volta foram lidando... que você teve que ser forte, você falou até a ... (incompreensível) “eu tive que dizer que tava bem, mas eu não tava tão bem assim”**

F- É, mas foi, eu tive que falar assim “vem na minha casa, passa à tarde comigo, veja que eu to bem...”, assim, porque, ela ficou pior que eu... ela tava mesmo, porque assim, eu acho que, eu acho que eu me apegava muito assim no “eu já sou mãe”. Eu fico pensando, se eu tivesse perdido o primeiro filho e eu ia me... me desmontar... aí eu ficava sempre



justificando “não, eu já tenho uma filha, eu já sou mãe”... eu vou... e eu preciso ser uma mãe boa pra essa filha, eu não vou me despencar aqui que tem uma criança que depende de mim. Então... foi isso, chorei, chorei, mas não foi aquela coisa assim “ah acabou o meu mundo”.

### **Tinha a Raquel ali...**

F- Sim. E ela se desestruturou de um jeito que... assim, não adiantava eu também estar tão desestruturada pra não... não conseguir acolher aquilo... porque ela ficou... ela se sentiu a grande culpada do mundo disso de ter acontecido. E eu precisava mostrar pra ela que não, e não ia ser me despencando que eu ia levar isso pra ela.

### **Entendi...**

F- Assim, meu marido foi super bacana... do jeito dele seco de ser, eu... aquela pessoa que não ia ficar abraçando e falando “vem cá que...”, mas me deu suporte, conversou bastante com a Raquel na época... é... meu enteado parece que não sentiu tanto quanto a Raquel.. Tô pensando isso agora porque assim eu não lembro de ter acolhido tanto ele nesse sentido, sabe? Ele morava comigo... não, nessa época ele tava com a mãe, que tava tendo uma irmãzinha também... eles tavam em outro processo. Mas o que eu lembro mais é da minha irmã e da Raquel e eu tendo que...

### **Segurar as pontas...**

F- Aham. E dessas coisas assim “ah por que que a cachorra tem filho, por que a vizinha que não queria engravidar tem filho, por que que essa mãe já tá no quarto e não queria ter essa criança e eu não... não posso...”. Era inevitável ficar comparando assim... não... foi uma coisa eu percebi depois que [voz tremida]... a cachorra eu não percebi depois, porque eu lembro que assim, eu senti muito quando eu via os filhotes nascendo aquilo me pegou bastante... quando eu vi assim que as cachorrinhas tavam nascendo assim, eu... sabe assim a raiva “até essa cadela tá tendo filho e eu não...” [risos]. É. Mas assim, veio muito rápido

assim... a outra gravidez. Acho que por isso que eu não elaborei tanto esse processo... fico no... E passou. E hoje que eu fui chorar de volta desde que eu engravidei. Nunca mais...

**Quando você fala... eu sei que já perguntei, você falou... eu perguntei que sentimentos que vem né... você falou “ah não sei, não tem nome”, mas você consegue mais ou menos me descrever que você sente assim?**

F- Não sei, não sei mesmo assim... eu me emociono mesmo... eu não... [pausa], eu não sei... eu tentei falar perda mas não é... assim, porque eu sempre trago nessa perda uma substituição... e... assim, eu fiquei assustada de ter me emocionado desse jeito porque isso nunca mais tinha acontecido. Passou. E eu sou o tipo de pessoa que entra no automático mesmo pra (incompreensível)

**“Só vai”**

F- É, vai que funciona. Não estou apta pra fazer terapia neste momento

**Não está ou está?**

F- Não, me deixa, [risos], deixa eu [risos]... que eu sei que vou me dar trabalho, deixa o meu trabalho comigo pra depois

**Entendi [risos]**

F- É...

**Mas às vezes dá pra continuar e trabalhar...**

F- Então, mas não sei se eu quero agora... hum... assim, parece que não dá tempo. Se eu tiver que lidar com isso não vou conseguir lidar com outras coisas. Tá muito cheio, tá muito cheio de coisas. Entra no automático e vai pra frente, tá que tá cansativo, mas... pelo menos tá indo. Vou pegar as responsabilidades e continuar assim, porque eu acho que se eu entrar numa terapia agora eu... vou ter que...

**Eu entendo, porque antes de eu entrar eu tinha uma resistência de tipo...**

F- Ah eu já fiz terapia, já recebi alta... preciso de novo, mas deixa pra depois... não... não to a fim nesse momento... entra nesse processo a morte do meu vô, voltou pro corpo, porque a cabeça... sabe, tive uma hipermenstruação que fui parar no hospital com sintoma de hemorragia e tudo, mas... eu to bem. Eu to bem.

**Nossa!**

F- É... Assim, porque eu sei que ele precisava, que ele tinha que descansar. Mas... eu e minhas justificativas pra “eu to bem” né... mas assim, ele precisava descansar, ele tava sofrendo demais, ele tava pedindo morrer assim, considero que assim, foi bom... Dói. Chorei no dia, no dia seguinte “vamos continuar a vida”. Segunda-feira passada que eu fui pro hospital com sintomas de hemorragia, porque foi uma menstruação assim, jorrava, eu tava na aula, começou a formigar até... o cérebro assim, passei segunda e terça de cama, quarta-feira vim pra aula, quinta-feira enxaqueca, sexta enxaqueca, sábado enxaqueca... e assim... E a terapia não tem tempo...

**E você ainda tá aqui comigo hoje, falando dessas coisas...**

[risos- parte incompreensível]

F- Mas é assim, (incompreensível) pode continuar...

**Retomar com você... ali do termo né? [faço menção ao TCLE que lemos juntas anteriormente]**

F- Aham

**É perceptível que acho que mexe com bastante coisa, inclusive...**

F- Descobri que tá mexendo agora

**Tudo bem, a gente não precisa mexer em nada mais do que já veio hoje, mas... se você for pra casa, passar uns dias, você quiser pelo menos assim, não mexer mais, mas vir, falar alguma coisa, só que eu acolha... que eu acolha isso, não fazer terapia nem nada... mas ter um espaço só pra chorar, ou pra falar de novo do que você já**

**falou... você tem direito... eu to aqui... pode ser comigo, ou pode ser com outra pessoa... se você se sentir mais confortável que seja com outra também, tá bom?**

**Deixar isso muito claro pra você**

F- Obrigada

**Aqui tem espaço pra você ser acolhida, não necessariamente mexer em mais coisa, mas se quiser vir, chorar ou ficar quietinha, ou só contar da Raquel e da Virgínia, também... às vezes isso acalma também... falar das outras coisas... é isso, tá bom?**

F- Uhum. Da entrevista mais alguma coisa que você esperava?

**Então, eu não sei, eu acho que é mais ou menos isso... tem alguma coisa a mais que você gostaria de falar... algo que eu não perguntei... que você acha que seja importante, que seja relevante...**

F- Assim, mas... fiquei pensando se o que eu trouxe foi suficiente pra você também

**Eu acho que é bem especial o que você trouxe assim**

F- Então tá... contribuí né?

**Como é que você tá se sentindo?**

F- Que eu tenho um monte de coisa pra fazer em casa, que eu vou voltar pra casa e vou ó... eu to nesse processo mesmo de fazer um monte de coisa pra... uma é porque tem que né, e a outra é porque assim, entrei de férias... (incompreensível)

**Que?**

F- Entrei de férias me deu angústia, porque eu tinha muito tempo...

**Ah te deu angústia [risos]**

F- Me deu angústia [risos]. Sim, tempo pra pensar... por isso que eu não quero pensar [risos]

**Entendi...**

F- Então é isso...

**E a entrevista a gente pode fechar aqui?**

F- Uhum, se tá suficiente pra você tudo bem, se eu lembrar de alguma coisa depois, se quiser te falar te falo, mas tem... não tem nada.

**Isso que você trouxe são coisas bem importantes assim, disso, do que você passou, do sentimento, da raiva você falou né? Sentia da cadela, da vizinha, de não sei quem...**

F- É porque depois que eu falei pra você, daí eu fiquei pensando, que que é uma coisa que eu acho que é legal que aconteceu mesmo assim... e eu lembro que eu sentia isso muito assim... porque... um sentimento de injustiça assim... “por que foi ela e não fui eu?”, e de merecimento sabe? Hoje eu pensando nisso eu... não tem porquê eu merecer mais que outra pessoa, mas no momento era “ah mas... eu mereço mais porque eu queria, eu mereço mais porque isso, eu mereço mais porque aquilo...”

**E acho que são sentimentos bem mistos também né?**

F- Aham

**Parece sentir isso, mas também tem que dar conta da Raquel da tua irmã e tudo né?**

F- É, mas a minha irmã depois que ela passou uma tarde comigo, assim... pelo menos ela não expressou mais sabe? Tanto... onde ela tava quando aconteceu isso? Eu acho que ela tava no fim do mestrado também, ela também não tinha tanto tempo assim, depois desse dia ela não estressou mais tanto. Ela fala “ah... (incompreensível). Eu não ia imaginar nunca que ela ia ter aquele tipo de sentimento, me assustou assim, eu não... que a mãe também... como que ela foi falar isso pra menina dentro do ônibus, que passei mal e não sei o que, e eu não sabia que ela tava tão envolvida assim, e a gente ficou bem mais unida depois disso, que era assim... a gente era adolescente que se criou junto no mesmo quarto então assim, tinha uma coisa de competição, só dois anos de diferença e... depois que eu casei, a gente ficou mais amiga, mas eu acho que depois desse momento assim a gente

ficou bem mais... porque, assim, eu não esperava que ela fosse se importar daquele jeito comigo e com o que aconteceu. Daí a partir dali assim eu acho que criou um laço diferente

**Uhum, acabou unindo vocês...**

F- Aham, e é isso...

**Isso te emociona também?**

F- Coisa que eu não sabia também? Sim. [voz tremida]. Mas hoje eu vejo pouco ela, ela mora longe (incompreensível) não sei se tem mais... nem sei como chegou, como você puxou [risos]

**[risos] Eu acho que foi sozinho**

F- [risos]

**Acho que é isso, e eu fiquei só assim... desse sentimento que vem, que é difícil de descrever né, de ter nome assim...**

F- Eu não sei te dizer mesmo assim, daquele assim... tipo, esse da minha irmã é felicidade mesmo, mas esse que veio de eu trazer o processo, de estar chorando hoje, não tem nome pra isso... não sei...

**No dia assim, no dia que você soube... teve o sangramento, que você foi pro... pro hospital, você falou que... depois que fizeram curetagem e aí você dormiu assim...**

F- Não, eu dormi antes esperando o procedimento. Eu fiquei bastante tempo, a gente fica em jejum e não sei o que e... me exauriu de um jeito que... não sei... aí eu lembro que quando eu acordei, eu queria comer, só queria saber de comer assim... mais nada.

**E você lembra tipo... que sentimentos que foram na hora que você acordou e enfim?**

F- Era muito fome só e... não tem... que que era, acho que eu não quero lembrar também. Não lembro.

**Tá bom**

F- Não lembro mesmo, eu lembro que eu tinha muita preocupação com a Raquel nesse sentido, porque assim... essa minha vontade de engravidar vem um pouco dela também “quando é que eu vou ter um irmãozinho? Quando é que vou ter um irmãozinho? Quando é vou ter um irmãozinho?”. E daí assim eu acho que minha preocupação era mais assim de tentar acolher ela do que... mas eu acho, não tenho certeza. Não lembro bem no momento como que foi.

**E esses três meses antes de você engravidar de novo também tinha bastante dessa preocupação com a Raquel?**

F- Sempre preocupação com os filhos né? Não seria eu...

**Mas sim, ela também te demandava bastante... não podia ser muito diferente....**

F- É, eu tava lá pra ela né? Tinha que... e ela sempre com esses questionamentos sobre vida e sobre a... antes ela já fazia isso, a Raquel é “ah por que que tive que nascer se eu vou ter que morrer?”. Ela era... tinha esses questionamentos assim. E eu lembro que na época que eu perdi o bebê, isso vinha demais e assim, até a própria cobrança assim “ah, ó lá, tá vendo, podia ser eu! Eu não ia precisar morrer”, e eu “não filha, veja bem, olha como você é importante, você...”. Mas acontece assim, eu nunca consegui falar pra Raquel algo que... que é... assim, correspondesse à resposta que ela tanto procura da vida. Porque eu acho que não tem também né? Assim, eu sempre acabava, “você tá aqui porque a mamãe te ama, porque... você veio pra ser feliz... e isso tá bom” e... ela é existencialista até o... [risos]

**Vai questionar até né... [risos]**

F- Não, ela era um toco quando ela começou com isso. E vai ter que encontrar sozinha, eu não posso dar essas respostas pra ela... não tem. E daí nessa época que o bebê morreu ela ficava bastante assim, esses questionamentos, isso assim “tá vendo, ó... nascer...”. Porque ela é mais negativa assim “se eu não tivesse aqui também você não ia sofrer”. Aí

eu falava “não, muito pelo contrário, porque você tá aqui que a mamãe tá bem”... coisas do tipo assim. Que ela ia... e eu no hospital, eu me importava muito com ela, ainda tinha essa questão “ah o bebê morreu porque eu queria uma menina e tinha um menino”. Então e... criança tem um pensamento bem mágico né... e eu acho que foi onde mais pegou na época, minha preocupação com ela assim e esses... esses sentimentos de raiva eram coisas assim, não era o que eu tinha o tempo todo, mas que aconteciam em determinadas situações assim... vinha. Depois eu não ficava sentido aquilo, mas era o tempo...

**Era o que dava no momento...**

F- Sim, assim, nada vai recuperar minha perda, então não adianta eu... mas eu sentia. [pausa]. Eu acho que você é primeira pessoa que eu falo isso... desses assim “até a porcaria da cadela teve filho e eu...” [pausa]

**Obrigada pela confiança... obrigada mesmo**

F- Porque assim são sentimentos que eu nem gosto de ter, mas eu tinha mesmo...

**Era o que dava pro momento?**

F- Sim [voz de choro]

**Não tinha muito né como você olhar e ficar feliz...**

F- Né? Mas então, daí depois que eu engravidei assim, eu... eu não pensei mais no assunto mesmo, foi um... assim ah “pra que ficar sofrendo por uma perda assim, se eu queria ser mãe e eu to tendo essa oportunidade?”... Até hoje eu não tinha mais... tinha passado. Não sabia que doía [fala mais baixo]

**Dói? Você falou não sabia que o que?**

F- Que doía. Assim, é... eu acho que sim. Porque isso que eu tá se passando aqui... eu acho que é dor... aquilo que eu não sabia chamar eu acho que é isso... [silêncio longo]. Eu não sabia. [silêncio]

**Obrigada por compartilhar comigo... imagino que não deve estar sendo fácil.**



F- Eu acho que é momento agora... depois... passa. Mas assim, é porque eu trouxe... eu... sempre fugi de trazer essas coisas pra mim mesma [silêncio e suspiro].

## **Entrevista II: Clarice**

**Entrevistadora – Então tá bom... Então Clarice, como que foi para você perder seu filho, enfim, você pode me contar como foi essa sua experiência?**

Clarice – Eu perdi dois na verdade né? Não foi um só... Mas foram gestações, hum... Eu acho que até, quando você estava selecionando, eu colhi (sic) que foram dois, que eu acho que é, um foi com oito semanas e o outro foi com 11 semanas, né?

**Ah, é verdade, você colocou que foram duas né?**

C- Isso né... Assim, com pouco tempo, mas... Parece que é como se fosse um...

**Uma com 11 e outra com...**

C – Com oito...

**Com oito...**

C -Semanas né... Mas assim, por mais que fosse “pequenininho”, já era pra mim... na cabeça já era assim... Foi um sofrimento bastante grande... né? O Primeiro é especial, porque sempre é um susto né? Porque eu já tinha um filho...né?... Aí eu tinha que fazer o mestrado, né? Aí quando eu acabei o mestrado a gente resolveu ter o segundo filho, né? E aí eu e engravidei. Eu engravido com muita facilidade, assim lá em casa tá saindo, tá grávido. Estamos grávidos [risos]. Aí então o primeiro, eu tive que fazer curetagem, né?... Aí dali a um... depois que passou o aborto, a médica disse assim ó: dá uma pausa de uns seis meses, um pouquinho mais de tempo. Daí eu dei a pausa, engravidei de volta super rápido... E aí esse foi espontâneo, embora eu tenha é, ficado em repouso, e coisa assim, acabou sendo aborto espontâneo. Assim os do.. os dois foram muito doloridos... eu sofri

bastante assim né... mas o segundo, foi mais... [pausa] foi menos dolorido, digamos assim. Eu sofri bastante também, mas também assim, depois que eu saí do médico que eu tinha feito a... a ecografia, que percebeu que já tinha saído o feto e coisa assim... eu fui... pra um parque, chorei monte com meu marido, e respirei fundo e... Passou. Né? mas do primeiro eu ainda fiquei um... um bom tempo ainda assim... ainda meio chocada, triste e coisa assim né... Mas os dois foram... foram bem doloridos. Eu já sou chorona por natureza né? então... e foram situações... Ninguém gosta, ninguém quer, ainda mais quando você quer, quando você almeja, uma gravidez, você tá feliz com aquela gravidez, e... de repente não tá mais ali. Né? Então, assim, de um modo bem resumido foi assim que... o que aconteceu.

### **Quando que foi que aconteceu?**

C - Foi em... dois mil e... o primeiro foi em 2007 ...e o segundo foi em 2008... né.... E aí em 2009 eu engravidei de volta. Mas daí o que aconteceu, depois do segundo, a minha médica sugeriu: olha, vamos logo investigar o que está acontecendo. Então daí eu fui pra um especialista. Fiz vários exames, meu marido também, assim... a conclusão que se chegou... não tinha nada assim... de concreto, mas meu organismo estava rejeitando as gestações. Então quando eu engravidei pela terceira vez daí... aí... aí eu...eu tomei um remédio, durante os 3 primeiros meses de gestação, pra que meu corpo não reagisse a gestação, aí deu certo. Né? daí... Daí nasceu o meu segundo. E aí quando eu estava pensando em fechar a fábrica, o terceiro se enfiou...né? Então eu tenho três filhos... assim eu tive cinco gestações e tenho três filhos... É... Resumidamente essa é a história.

### **Entendi... e... enfim, eu sei que esse é o resumo né?**

C – Sim... agora fique à vontade aí.

**Assim, vou perguntar algo bem...é ...pessoal assim mesmo... fique muito à vontade, né? Como é que... você falou que... o primeiro... Foram diferentes, que o primeiro você foi no parque e chorou...**

C – não, no segundo. No segundo. No primeiro, porque no primeiro eu tive que a fazer a curetagem, né? O que aconteceu, no primeiro eu tava... né? eu tava de gestação, fiz... fiz uma ecografia, tava tudo ok....aí eu fui viajar. Viagem de carro, perto assim né? Fui ao banheiro e percebi um sangramento, bem leve. Né? Aí quando eu voltei... é o sangramento continuou mas era beem... assim era... aquelas manchinhas na calcinha, assim sabe? Mas aí eu falei com minha obstetra, e ela pediu pra fazer uma ecografia... de novo. Daí eu fui na ecografia, daí nessa ecografia... [pausa] a... a moça que trabalha lá ela falou assim: Olha, seu saco gestacional está 50% descolado, né? Então assim, o coração ainda bate, ainda e tudo mais... mas... é repouso absoluto. Então eu fiquei repouso absoluto, durante... uma semana. Em que eu alt... alternava, né? A esperança de que, não, vai dar tudo certo. Eu vou repousar, e vai ... e vai dar tudo certo. E uma tristeza enorme de, de repente, de poder... de poder perder né? Aí depois dessa uma semana de repouso, uma nova ecografia e aí que já mostrou que daí o feto já... [pausa] já não tinha mais se desenvolvido, o coração já não batia mais, né? Mas que ele tava ali parado e aí...tive que ir pra... pro hospital fazer a curetagem, daí... né? Aí assim, foi um momento bem assim... bem complicado mesmo assim. Eu não conseguia parar de chorar, do momento que eu saí... da ecografia... até o procedimento cirúrgico em si, né? Eu meio que chorei direto, né? E depois do procedimento também. Né? Eu tava lá no... no pós... Pós operatório né? Que você fica um pouquinho de repouso depois também, né? E... tinha saído ali de perto uma mulher que tinha... que... que queria abortar. Né, e minha médica até falava assim: “é umas querendo tanto e outras não querem mais”. Então, a primeira vez foi assim... foi bastante sofrido, tanto é que [respira] eu fiquei de atestado, depois ainda... uns quatro, cinco dias

depois também assim... mas assim, voltar ao trabalho depois acabou fazen... fazendo bem né. E eu já tinha um filho, o Paulo tava com cinco anos naquela época... né... então isso ajudou bastante né. Mas assim o processo inteiro foi bastante dolorido. Isso foi em 2007... né... Aí a segunda gravidez né... tava indo tud... tudo ok... até que começou um sangramento de volta e um sangramento mas mui-muito mais intenso dessa vez. Então de volta daí eu fiquei de repouso, mas aí teve um dia como se eu tivesse naquele dia pico de menstruação assim né... Daí a médica falou assim: “vai fazer a eco mas eu acho que... [pausa/ que... você não conseguiu segurar de volta”. Aí eu fui fazer ecografia... aí na ecografia já tinha mostrado que nem tinha mais o feto no útero também. E eu lembro que fiz... E assim, eu fui num desses locais que é ecografia pra mulher né... e um monte de mulher grávida à minha volta assim né... [risos] e ao mesmo tempo assim chorei muito também durante a eco... o mé... o médico foi super querido, super carinhoso assim né... aí eu só falei assim, eu lembro que eu só falei assim pro meu marido, só falei assim: “eu só... eu só quero tentar sair meio escondidinha... porque eu não quero que nenhuma mulher que está aqui veja né... ou se assuste comigo saindo desse jeito”... que geralmente local de ecografia é local de alegria né... as pessoas estão indo lá pra ver os seus bebês bem... e tudo mais... aí sai alguém com a cara desse tamanho inchada chorando... que perdeu o neném... não é uma mensagem positiva pra deixar pras outras mães. Então também o médico me ajudou a sair pelo outro lado lá... e pronto. Então... foi isso.

**E como que foi é... assim pra você quando você teve a notícia... por exemplo de ir na eco e ver que num caso não tinha mais batimento... no outro...**

C- Já não tinha nem mais o feto? Foi ruim, porque assim... tu perdeu. Teu bebê. Né... teu bebê, que dali algum tempo estaria nos teus braços... o bebê que, né, que você estava esperando... que você estava feliz né! Porque eram gravidezes desejadas né... nós queríamos engravidar né... Então assim... é aquela sensação de [pausa]... de vazio...



misturada com por que que isso tá acontecendo... que tá acontecendo comigo... será que nunca mais vou poder ter... ter um filho né... então assim... é uma mistura que é muito grande de emoções assim, mas muito assim de porque que isso tá acontecendo?! Né... aí você mistura questões físicas... com questões religiosas, com questões assim... você fica... né... mulher é uma coisa louca né, a cabeça da gente pensa milhões de coisas... [risos]. Então você fica pensando né um monte de coisa, mas quando eu perdi o segundo... eu pensei assim... antes mesmo da médica falar... eu pensei assim, eu preciso investigar isso pra saber o que que tá acontecendo... né... porque... não é normal, não é comum... Porque geralmente a gente sabe de notícias de aborto, geralmente na primeira gestação né... [pausa] E engraçado... depois que você perde um bebê você passa a descobrir que várias pessoas a sua volta já passaram por essa situação né... É o tipo de coisa que as mulheres não contam muito né... que elas já perderam um bebê... que já tiveram um aborto e coisa assim né... Então, depois da primeira vez eu descobri um monte de gente do meu local de trabalho ou de pessoas... não amigos próximos, mas assim, conhecidos né... que já tinham passado por aquela situação também. Mas a cabeça dá uma pirada né, porque né... por que? Por que comigo? Né... é... que que tem errado no meu organismo... Será que nunca mais vou poder engravidar? Né... então passa esse monte de pergunta. E eu que sou super questionadora e quero saber... e quero entender o porquê das coisas e tudo mais... mas né... então, então ficou assim, aquele monte de interrogação na... na frente... e aquela coisa assim “puxa, será que não mais poder ter filhos?”, “será que não tem saída?”, “será que não tem... será que tem cura isso que eu tenho... o que é que tá acontecendo no meu corpo né?”. Então assim, era essa a grande... eram essas as perguntas que vinham de fortes pra mim né... Por que, será que não vou poder mais ter... tanto é que a minha (incompreensível) foi depois com um médico, tomando remédio pro corpo não rejeitar a gestação.

**Nossa... muito questionamento que vem né, assim, muitos questionamentos...**

C- Bastante né...

**Uns questionamentos bem fortes...**

C- É, e a gente fica né... já é cheio de caraminhola na cabeça da gente... então fica perguntando um monte de coisa assim... o que que tá... o que que tá acontecendo né... será que é comigo né? Porque quando eu fui fazer os exames depois, meu marido também fez vários exames né, pra descartar qualquer problema genético que tivesse mas... eu pensava assim, “puxa mas eu tive o primeiro filho, né? Eu tava saudável até então... Então... por que que agora não?”. Eu até entenderia se eu não tivesse tido o primeiro filho, mas puxa vida... eu tive [ênfase no “tive”] o primeiro filho, uma gestação que foi super tranquila, uma gestação ótima, quer dizer, tinha enjojo, aquela coisa, mas assim... foi uma gestação normal para os padrões de uma gestação né?. Então assim, por que agora não? O que que mudou tanto no meu corp... pra não... pra agora não poder... é... ter essas gestações... ou seguir pra frente... Tinha esse fator também né, de... por que o primeiro eu tive e o segundo... e agora eu não to mais conseguindo ter... Né... e indo no médico e investigando um monte e... normal, normal, normal, normal, normal... normal, normal... nenhum problema genético, nenhum problema isso e aquilo, né... e a solução que o médico deu foi assim ó: “vamos te dar um corticoide, pra baixar tua imunidade e teu corpo não reagir nesta situação”. Deu certo. Sem ter um diagnóstico certo, sério, assim, mas um (incompreensível) médico que acabou dando certo... Né... daí quando eu engravidei do meu terceiro que foi... esse foi um susto né... queria tantas outras gravidezes e o terceiro não tava planejado [risos], aí eu fui de volta no médico, falei assim ó: “olha, não quero correr o risco, já que estou grávida, embora seja no susto e coisa e assim, eu não quero correr o risco de perder... né... não vou esperar pra ver se meu organismo vai reagir ou não vai reagir, eu já quero tomar o remédio já pra não... não correr risco”... porque eu

acho que eu não teria estrutura emocional pra... pra perder uma terceira gestação... né eu não queria passar por tudo aquilo de volta.

**Quando você fala “não queria passar por tudo aquilo de volta” é tudo aquilo o que vem pra você... assim?**

C- Toda aquela angústia, me vem (incompreensível) uma angústia muito grande... quando você tá naquela expectativa de “puxa... estou grávida, mas posso correr o risco de perder o bebê”. É muito angustiante, é muito... dói demais... dói demais... né? Eu sentia já um amor assim por aqueles bebês que (incompreensível) muito grande... eu acredito que desde o momento da concepção, né? Já é um... já é algo que está sentindo o teu amor... o teu carinho... que está se sentindo bem-vindo e tudo o mais né. Então assim, é muito angustiante você perder... Que tem mulheres que são muito tranquilas né, elas né, conseguem... conseguem dissociar isso né? Eu não! Eu acredito que se eu conversar com o bebê na barriga, o bebê vai estar sentindo alguma coisa... ele não entender, mas ele vai entender o sentimento e a energia daquilo que eu to conversando com ele, ou pelo o que eu tô passando e coisa assim. E... e esse ponto pra mim... então assim... pensar que eu podia estar perdendo né... é... era... era muito assim... eu não queria passar por angústia de volta né... de será que essa gravidez vai continuar ou não vai... será que vou perder? Eu já amo esse serzinho que está aqui, então assim, não quero que ele vá embora né... então assim... pensar em passar novamente por um processo é... [pausa] de aborto... foi muito dolorido. Pra mim pelo menos assim, era uma coisa assim... inconcebível é uma palavra que é muito forte... mas era realmente uma coisa assim “não! Não quero passar por isso de novo!”. Doeu demais as outras vezes... então não quero passar por isso de novo. [Pausa]. Então... era isso... Não queria realmente assim... não, bebê tá aqui e vamo cuidar dele... né, que já que é pra vir... então que vinha né.

[vibra o celular de Clarice]

C- Só um minuto... maridos dão um trabalho. Tenho 3 filhos homens, tento educá-los para serem homens melhores para as mulheres no futuro! [risos] Eu reclamo do meu marido, mas preciso criar meus filhos para que não sejam iguais [risos].

**Nossa, 3 homens!**

C- 3 homens, falo assim, Jesus! O que preciso aprender com essa coleção de homens na minha casa né? [risos]

**E... deixa eu te perguntar uma coisinha... você falou... muito forte isso que você falou de que desde o momento da concepção, pra você, aquilo já era um bebê, você já conversava com ele na barriga... como é que era essa relação assim tua?**

C- Ah já era um serzinho que tava ali conversando comigo, né... Então, é... isso não tem a ver com nenhuma concepção religiosa nem nada, é uma concepção minha de sentimento: “ok, estou grávida, oi bebê! Você está aqui, que bom que você está aqui, eu sou sua mãe, teu pai tá aqui por perto, né, então nós vamos começar a viver uma vida bem legal a partir de agora”. Pra mim, na minha concepção, e isso independente realmente do que qualquer religião fale. Pra mim, eu, Clarice, já entendo assim que estou grávida, oi bebê. Vamos saber logo quem é você que está vindo, escolher seu nome pra mamãe poder te chamar pelo nome. Né, então pra mim sempre foi assim. Né, então não era assim: “estou com um bando de células que está se multiplicando no meu organismo, então em algum momento isso aí vai tomar uma forma”. Não, pra mim já é um serzinho que estava ali.

**Você falou... chegou a escolher algum nome, assim, pra eles?**

C- Não... ah sim... A gente tinha assim... A gente já sabia... quando eu engravidei do primeiro, se fosse menina e menino a gente já sabia o nome né. Do segundo... então como do primeiro foi menino, o nome da menina já veio derivando... então do menino a gente não tinha escolhido ainda, porque tinha sido muito assim, eu tinha acabado de defender o



mestrado. Então sabe quando você vai tentando voltar a sua vida ao normal, né, e eu fiz o mestrado em São Paulo, foi assim, bastante corrido. E foi assim, eu descobri a gestação e perdi dali a duas semanas já então. Então não tinha dado nem... nem tempo de começar a curtir efetivamente a gestação né.

### **Esse foi o primeiro?**

C- O primeiro

### **Você descobriu e perdeu duas semanas depois?**

C- Foi rápido, mas foi dolorido. Então por que? Porque eu soube que estava grávida, a alegria e felicidade tinha sido grande, gigante, imensa, né, e foi um grande susto pra gente, né? A segunda gestação demorou um pouquinho mais... Eu só não consigo lembrar direito os tempos assim né, a segunda gestação demorou um pouquinho mais, maaas... foi intenso também [pausa]. Cada uma de um jeitinho, assim como cada filho é de um jeito, cada uma das perdas também foi... foi de um jeito.

### **E você consegue me falar um pouquinho como é que é cada perda pra você?**

C- Eu acho que a primeira foi um choque muito grande né. Na segunda vez, já tinha aquela coisa assim: puts, será? Né? Eu perdi a anterior, será que vai estar tudo bem? Então assim... a insegurança era grande da segunda vez que eu perdi, né? A primeira vez que perdi não, “estou grávida, estou bem, a outra gestação foi bem então essa vai bem também” Então foi um choque, né, e eu acreditava que ficar deitada em repouso iria melhorar né... iria dar tudo certo... Então foi um choque muito grande, né. Na segunda gestação, quando eu descobri que estava grávida, me deu até uma neura assim de ir ao banheiro a todo momento pra ver se não tinha sangramento na minha calcinha. E isso aconteceu depois na outra gestação do segundo filho né, e do terceiro também. E foi uma coisa que me acompanhou... eu ia ao banheiro a todo momento meio neurótica assim, pra ver se não tinha sangramento na... na calcinha, né... entende... Daí... Então assim, o

segundo... a segunda perda ela não foi um choque tão grande quanto a primeira, mas existia uma ansiedade muito grande de: “será que vai acontecer de novo?”. E aconteceu. E o outro, né... e do meu segundo filho, mesmo eu... eu tendo a segurança de que eu estava tomando um remédio, que ia me ajudar a... a segurar a gestação... também tinha a ansiedade... E o meu segundo filho ele era danado! Porque ele não se mexia na barriga depois... Então assim, foi uma gravidez muito ansiosa, a dele, porque... ele não se mexia, então ele passava três, quatro dias super quietos... eu pedia pro meu marido: “me leve no hospital, eu quero ouvir o coração dele batendo!”. Daí eu ia pro hospital, ouvia o coraçãozinho... tudo bem. Né, então a gestação do meu... a minha quarta gestação que foi do meu segundo filho né, ela foi bastante... foi muito carregada de emoção e de... é... de ansiedade. Daí eu ficava o tempo todo assim: “filho, a mãe não quer passar essa ansiedade pra você”, mas né... porque eu tinha esse medo né? Embora eu estivesse com o remédio... como a gente não tinha tido o diagnóstico “ah não, é isso que acontece”... Porque um diagnóstico você tem todas... aquela coisa que é super objetiva né? “Diagnóstico é isso, remédio é aquele, pode acontecer isso, isso e aquilo”. Mas como não havia um diagnóstico, mas sim um palpite do médico... então... isso não trazia um segurança né? Então assim, a primeira perda foi um choque, a segunda foi muito baseada na ansiedade, no “será que vai acontecer de novo?”. Né... então, essa foi a diferença das duas assim... A dor foi grande nas duas né, mas com motivações um pouco diferentes...

**E essa dor, como é que foi? Você consegue me falar um pouquinho?**

C- [se mexe na cadeira] Se eu começar a falar dessa dor, eu vou chorar, entendeu? [risos]

**Mas você pode chorar Clarice, fique muito à vontade...**

C- Tá bom...

**Se você se sentir à vontade...**

C- Não, não, assim... eu to super à vontade... fique bem tranquila assim... Cara... É... É uma dor de um vazio, é uma dor de... como é que a gente explica... como é que a gente bota palavra numa coisa que é tão... tão [ênfase no “tão”] forte... tão [ênfase no “tão”] profunda... e tão [ênfase no “tão”] íntima assim... sabe? Né, eu... eu acho que a gente não consegue achar uma palavra que acabe explicando assim... Eu só consigo dizer que assim... [respira] que é muito sofrido... É muito sofrido assim, sabe? Eu acho que se eu não tivesse tido os dois filhos que eu tive depois... possivelmente eu estaria... teria um pedaço de sofrimento até hoje assim sabe... Porque né não, agora tem. Os bebês vieram, eu tive filhos depois e coisa assim... acho que isso ajudou muito nesse processo de cura dessa dor né... “Opa, não, tive filhos depois”. Inclusive um foi no susto e tudo mais né. Maas... é uma coisa assim que é muito arrebatadora, mas assim que eu lembro que depois que eu perdi o segundo a gente foi num batizado, eu peguei o bebê no colo e aquilo me doía... me doía assim sabe... não era uma dor condenatória, mas era uma dor assim puxa queria tanto poder ter de volta um bebezinho no meu colo né... queria né... né, por que? Por que que tá... sempre nesse “por que que isso tá acontecendo, por que isso aconteceu comigo, será que vou poder ter filhos de volta?”. E coisa assim... né. Claro, é uma coisa que conversando com o meu marido é assim, que se a gente tivesse algum problema pra engravidar de volta, possivelmente a gente partiria pra uma adoção, alguma coisa assim... Mas enquanto isso não se resolvia direito na cabeça de tentar entender o que acontecia assim, era dolorido pegar um bebê no colo né? De chegar e pegar assim, puxa... queria ter um bebê de volta no meu colo, eu queria... Porque o amor de ter um bebê no seu colo assim... você ali cuidando assim... é um amor tão louco, é um amor tão... inexplicável... né... é meio viciante até, eu acho né... embora assim... dá um trabalho do cão... todas as gestações meu peito partiu... eles trocaram o dia pela noite e coisa assim, mas nada disso conseguia quebrar aquela mágica... que é de você estar com aquele ser no teu colo e saber



que você tá colocando um ser... né... aquela criança no mundo né... pro mundo... e tudo mais... Então eu falava assim... “puxa, por que eu isso tá acontecendo? Né? Por que... por que que eu não vou poder sentir isso de novo? Né? Que é uma coisa tão boa e tão inebriante você ter um bebê no seu colo que é uma coisa assim, que só...”. Não vou falar assim que todas as mães sentem da mesma forma, porque cada uma tem o seu jeito de sentir, mas pra mim era assim, era uma sensação assim inebriante, do amor mais puro e verdadeiro. Sempre foi assim pra mim. Né... e assim, nunca me achei uma mãe maravilhosa, mãe perfeita... pelo contrário, sou uma mãe que dá muita bronca nos filhos, que briga muito pra botá-los na linha... três piás, não é muito fácil e coisa assim né! Quando eu era solteira eu achava que não queria casar e não queria ter filho, de repente to ali com filho no colo, então assim, é um amor que é muito inexplicável... e eu falava assim: “puxa, eu quero sentir isso de volta”. Quase como uma drogui... uma drogazinha assim, eu quero sentir isso... isso de novo né? Então a dor era muito nessa assim... essa dor de um vazio de um... de você não... assim, um vazio... e de não entender porque que isso tá acontecendo. Né, então foram... É complicado tentar achar uma palavra correta assim né? Então... é... [se ajeita na poltrona] e eu acho que essa dor só foi curada porque... eu tive os outros dois, [pausa] né... então assim... eu digo assim “ah puxa você sofreu tanto, mas agora você tá curada?” “Sim”. Hoje eu considero assim que eu estou curada, eu não olho pra trás e penso assim “ah meu Deus, eu perdi a...”. Eu acho que se eu não tivesse tido os dois, eu sim, olharia pra trás e... ainda me ressentiria muito né? Mas como eu tive os outros dois, foi... curativo pra mim né? Porque não, depois puxa eu consegui, tive os filhos, senti de volta aquele amor louco, aquela coisa toda né, então eu acho que ter os filhos depois... foi muito... de cura mesmo... de... de ter tapado aquela cicatriz e tudo mais... Então hoje, se perguntar assim, “ah, você está curada daquela dor?” “Estou. Mas eu só to curada porque tive os filhos”. Né... eu tenho certeza que se eu não tivesse

tido seria uma dor ainda... aberta. Eu não sei que tamanho que ela teria hoje né... depois de tanto tempo, né... Mas seria um dor que me conhecendo... eu sei que ela ainda estaria aqui comigo.

### **Latente...**

C- É... latente... Mas hoje ela tá... curadinha. Curadinha né. Mas até:... [pausa mais longa] até eu conseguir ter... até nascer o meu segundo filho... não estava curada. Que a sensação assim de que... posso perdê-lo a qualquer momento, não sei o que acontece com o meu corpo, né, eu não quero perder esse bebê de novo, então assim ainda era bastante evidente. E até com minha a gravidez do terceiro também, porque eu tive medo de perdê-lo também. Então acho que a laqueadura pra fechar a fábrica que daí acho que acabou curando por completo. Daí acho que fechou um ciclo né... de ter os filhos e de amadurecer e dizer não, chega, daí assim depois quando teve o segundo a ideia já era ter fechado a fábrica... Daí... deu arte né?! [risos] Fizemos arte e acabamos com o terceiro [risos]. Daí acho que o ciclo acabou fechando. Eu acho que se eu engravidasse hoje, por exemplo... por exemplo, eu tenho laqueadura, mas a fertilidade da minha casa é tão grande que a gente pensa assim, será que os bichos não podem pular, se perder no caminho e coisa assim, né, então acho que se eu acabasse engravidando hoje, acho que essa ferida de medo de perder o bebê, acho que ela voltaria. Né, então possivelmente eu iria correndo atrás do médico de volta “olha, me dê o remédio, porque eu não quero correr... correr o risco de perder... eu não quero passar de volta todo o processo de dor... de perder o bebê”. Mas à princípio, acho que já não corro mais esse risco [risos] né, com a laqueadura e tudo mais. Aí já não tenho mais... tô com quarenta e dois anos, né, não seria nem uma gravidez... depois de tantas gestações também né... o útero já não tá inteirinho e tudo mais, então não seria muito seguro, né, nem muito responsável engravidar agora também né... Então fisicamente a fábrica está fechada. Pronto, era isso que precisava?

**Bem forte isso também de que você falou, de que a cura veio também com esses dois filhos e também com a laqueadura...**

C- Uhum

**Que isso parece que fechou um ciclo...**

C- Isso

**E que hoje essa dor pra você... você sente que ela está cicatrizada...**

C- Sim, hoje eu sinto que ela está cicatrizada. Acho que quando eu paro e penso... acho que... “a laqueadura foi o ponto final nessa cura?” Sim porque hoje eu sei que fisicamente eu não... é, eu não tenho mais a chance de engravidar. Embora dê umas doideras na cabeça ainda fique “ai Jesus será que não tem mesmo chance?”. Mas eu sei que se eu não tivesse feito a laqueadura e ainda tivesse chance de engravidar... [pausa] a ferida se reabriria, que se eu engravidasse eu iria de volta entrar naquela pira de assim “puxa preciso cuidar para não perder”, né, então com certeza eu não deixaria a gestação correr sozi... livremente, não, eu iria no médico correndo com certeza e pediria “eu não quero esperar pra ver se meu organismo vai reagir ou não a gravidez, já me dê o remédio porque eu não quero perder”. Né, então assim, a laqueadura acho que foi o ponto final de eu realmente fechar o processo, porque não vou entrar nesse ciclo de dor de volta... Não. Não tem essa chance de... de voltar a acontecer. Então acho que se for pra racionalizar a coisa então acho que a laqueadura foi o ponto final nesse ciclo...

**Racionalizar... por que?**

C- Ah digo assim, de... se a gente for colocar num diagrama, o começo da dor, o meio da dor, o fim da dor e coisa assim, então assim... Racionalmente né, acho que se a gente for delimitar um ponto... no tempo... onde a cura fechou o seu ciclo... acho que foi com a laqueadura. Nunca tinha parado pra fazer essa reflexão, mas conversando aqui agora, não, realmente, é... a laqueadura foi o ponto final desse ciclo né... Porque... é... possivelmente,

a minha cabeça fale assim pra mim: “essa dor com certeza não volta mais”, né, porque não tem mais chance de engravidar de novo, né... então acho que isso foi todo...foi todo um ciclo né... que acabou... se fechando daí...

**Sim... Posso te fazer uma pergunta?**

C- Fica à vontade

**Emocionalmente, hoje, como que você vê essas perdas, essa dor? Como é que tá pra você?**

C- [breve silêncio] Acho assim... toda dor faz a gente crescer... né... Só que essas dores, desses dois assim sabe... dessas duas perdas assim... eu... eu penso, nossa... puxa, no que que elas me fizeram crescer? De repente elas me fizeram cada vez mais me reafirmar a vontade que eu tinha de ter mais um filho, né... Então assim, eu olho pra trás hoje e eu não me condeno em momento algum pela dor que eu sofri... Sabe, “nossa fiz escândalo demais... ah sofri demais, não precisava...” Não. Eu acho que eu sofri o que eu tinha que sofrer na medida certa... né... e isso ninguém tira de mim, nem eu vou tirar isso de mim entende? Então assim, é... não me condeno em momento algum pela dor que eu sofri ou por ter passado pelo o que eu passei, né... Então é... eu olho pra trás hoje e não vejo assim “ai que garota boba que sofreu”, não. Eu acho que sofri o que tinha que sofrer... na medida né... assim... não foi nada exagerado, acho que eu sofri pelo amor que eu tinha daquela... naquele período né... pelo que eu tava sentindo... e não foi nada descabido, eu acho que foi na medida correta do que deveria ter passado né... Então assim, hoje eu to bem, hoje eu olho pra trás em relação a isso e claro, né... dá aquela assim... quem eram esses serezinhos que estavam vindo? né... por que aconteceu esse processo todo e tudo mais, né... mas já não é uma coisa que... que é muito recorrente e coisa assim... claro que quando eu to conversando com alguém e né as pessoas falam: “Nossa, você tem três filhos!”, porque hoje em dia é um E.T. quem tem três filhos!



**[risos]**

C- É verdade! Assim, quando o pessoal... quantos filhos você tem? Eu falo três, o pessoal arregala o olho desse tamanho né! E quando as pessoas descobrem que além dos três, eu tive mais duas gestações... “nossa!!”, acho que foi todo um processo muito... muito natural assim né. Então hoje eu não... não... não tenho aquela coisa de ficar lembrando... “ah meu deus eu perdi duas gestações”, não, eu perdi. E isso me fez chegar até aqui... né... isso me fez ter mais vontade ainda de ter o segundo... E quando ganhei o terceiro, por mais que tenha sido no susto, eu lutei para ter ele, né... fui atrás do médico de volta e coisa assim... Então hoje eu olho pra trás com muita serenidade, sem cobrança nenhuma, sem pesar também... acho que foi um... foi algo que aconteceu na minha vida. Né... então não é algo hoje que me incomode... “ah meu deus, aconteceu isso, aconteceu aquilo”. Não, tá (incompreensível) estável. Então é a história que fez ser quem eu sou hoje, um pouco mais louca aqui, uma mãe mais briguenta ali [risos].

**Com um pouquinho de neura [risos]**

C- Ah eu acho que um pouquinho a mais de neura [risos], mas tudo bem assim. Então assim... eu olho com tranquilidade pra trás assim... né... passei por tudo o que tinha que passar... e é isso.

**Então, tá bom. Eu acho que é isso... você quer complementar alguma coisa... alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria muito de falar?**

C- Não... tá ótimo, consegui falar tudo... da ansiedade, das gestações, do choque que foi né... a primeira perda... né... a segunda que foi aquela coisa assim, que eu fui pro parque, respirei fundo e [pausa], ok, vida que segue e tudo mais né. Mas uma vontade louca de saber o que tava acontecendo né, então assim... a recuperação na segunda né, minha recuperação emocional na segunda foi muito mais rápida do que na primeira, assim... eu me imbuí de uma decisão: “ok. Perdi. ok. Agora nós vamos investigar. Vambora”.



Entende... então é... é... E eu lembro que quando eu fiz os exames, o médico falou assim: “olha, nós vamos fazer o seguinte... a gente não tem diagnóstico... não... eu tenho uma suspeita, então assim, nós estamos em outubro, então assim, tá vindo as férias aí, aí você descansa, daqui uns dois, três meses você volta a tentar engravidar”. Isso em outubro. Em novembro eu tava grávida [risos]. Né... então, essa coisa assim, essa coisa, essa decisão de investigar e “vamo embora”, vamos em frente. A primeira gravidez não... eu me arrastei mais pra levantar, era tudo muito novo... o choque tinha sido muito grande, né... então... aí a segunda gravidez parece que você fica um pouco mais escaldado né... eu sempre fui muito prática. Então vamos ser prática agora. Vamos descobrir o que tá acontecendo, né... Mas acho que eu coloquei todas as... todas as partes pra você. Quero saber se foi útil pra você...

**Posso perguntar mais uma coisa?**

C- Pode

**Como é que foi assim, nas duas vezes, você teve as perdas... teu entorno... na tua família, como é que o pessoal lidou com isso?**

C- Todo mundo me dando assim um super apoio, todo mundo perto, o meu marido... O meu marido ele falava assim, na segunda vez em especial, ele falou assim: “olha... eu to triste [pausa]... porque a gente quer ter esse filho junto... [pausa]” ele falou “mas eu sou homem... o filho não tá dentro de mim pra eu conseguir sentir com toda essa profundidade que você tá sentindo” Ele chorou comigo, ele me deu apoio, foi o tempo inteiro assim sempre, né... A gente tem uma relação muito boa, né? Mas ele... e foi até legal eu acho que da parte dele assim de tentar clarear-clarificar, porque às vezes a gente quer que o marido sofra a mesma coisa que a gente e não porque é você ali com o teu sentimento muitas vezes né? Então assim... ele sofreu, mas né, ele até me pediu perdão, disse assim “desculpa, eu não consigo sentir toda essa profundidade que você tá sentindo”, né... “eu

to sofrendo aqui, mas...”. Mas assim, me dando apoio total, o tempo todo, minha família também o tempo todo... então assim, sempre foi uma coisa assim muito tranquila também em casa tanto com o marido, quanto com a família em tá apoiando, em tá pensando positivo... em tá ajudando.

**E como que foi pra você ouvir essa fala dele assim... de que tudo bem tava sofrendo, mas que ele não sabia a profundidade daquilo que você tava sentindo?**

C- Foi bom... foi bom porque geralmente a gente... nós mulheres... a gente quer que mais que os homens sejam como a gente, que tenham a mesma perspectiva que a gente, a mesma profundidade... então pra mim... é... não me doeu quando ele falou aquilo, mas foi mais importante ainda porque ele falou assim “eu respeito tudo isso que você tá sentindo”, ele falou assim “eu to sofrendo muito mais por ver você...[pausa] triste e... e arrasada assim... do que pelo sentimento de tá perdendo um bebê... um filho... e coisa assim”. Então... aquilo me tranquilizou... no sentido de que, não, “eu tenho alguém aqui que está no meu lado... né... ele está preocupado comigo... ele tá me dando apoio” e coisa assim né? Então, tanto que é que tinha que comprar remédio... eu tinha que ficar em casa deitada... ele vinha, ele sentava, perguntava como é que eu tava, e coisa assim né... Passava a mão na barriga também e tudo mais, né... mas assim... me deu aquele sentido assim: não, eu tenho realmente um companheiro aqui comigo né... alguém que tá respeitando a minha dor... né? Porque a gente ouve casos de marido que às vezes não tá nem aí... e que não acompanha a mulher... Não, eu tinha um companheiro comigo ali. Então assim, foi legal porque... porque também era importante saber como ele tava se sentindo né... então ele falou assim “ó... eu to triste, mas eu to muito mais triste e arrasado por ver você assim”. Então... foi... foi assim com ele...

**Um pouco daquilo que você falou também quando eu perguntei dessa dor... você falou que era tão íntima...**

C- É muito íntima, é muito íntima assim, porque é... é... é ali né, é você ali com o teu corpo, é aqueles... aquela conexão que a mulher faz durante a gestação, não todas, mas a grande maioria que faz durante a gestação e coisa assim né? Quando a gente teve o primeiro filho, o meu marido falou assim... claro ele acompanhou a gestação, era um barato, ele conseguiu ouvir o coração batendo, mas isso só... então foi aquela gestação de filme assim sabe? Tudo legal, perfeito, maravilhoso e não sei o que né... Mas ele falou assim, ele falou assim... “eu só me senti pai mesmo [ênfase no “mesmo”]... quando o Paulo saiu de dentro você e eu peguei ele no colo, todo ensanguentado e coisa e assim...”. Ele falou assim: “pra mim... pra nós homens...”, porque homem é muito da... do racional né, de ver, de pegar, de tocar, ele falava assim: “eu amava, eu gostava, mas eu só fui saber o que era o amor que eu tinha por aquela criança a hora que ela tava no meu colo”. E isso conversando com outros amigos depois eu descobri... grande maioria falou que sente isso, a hora que tá no colo, que ele materializa. Pra mulher não! Tá ali dentro do corpo dela... Aquele ser tá dentro dela! O que ela come influencia, o que ela sente influencia, pra onde ela vai influencia, né então... é uma coisa que é muito íntima mesmo, muito... É muito louco de se entender! Então... acho que tem a ver com isso também né? Não tá dentro da barriga dele, essa ligação visceral [ênfase no “visceral”] é com a gente. Né... Só a gente que pode ter. Mas é isso... não se era isso que você precisava, se era essa a tua expectativa e tudo o mais...

**A minha expectativa era muito assim de tentar compreender realmente como foi pra você...**

C- Aham

**Como foi a tua experiência única assim...**

C- Aham... E consegui ser clara e tudo mais?

**Eu acho que sim, mas se você sentir que queria falar mais alguma coisa, explicar mais alguma coisa... O espaço é todo seu**

C- É que tem tanta coisa que a gente fala, mas acho que consegui colocar todas as questões assim, né, como que foi com a família, como que foi comigo, foi assim né... Acho que é isso. Acho que o fato de estar curada e cicatrizada parece que deixa a coisa muito mais tranquila da gente falar né? Não sei, se não tivesse curada e cicatrizada eu já tava desabando aqui e chorando e triste. Então acho que o fato de estar curada e cicatrizada ajuda bastante a gente conseguir falar com calma e tranquilidade sobre o que passou, o que aconteceu. Se me pegasse pra fazer essa entrevista antes de eu ter o segundo filho, por exemplo, eu ia estar desmanchada aqui no chão, chorando. Acho que o sentimento com certeza seria outro. Né... o sentimento de impotência, de não saber o que tá acontecendo, será que não vou mais... não mais poder ter... ter... Acho que isso tem tudo a ver com o que aconteceu na minha história depois. Então hoje eu consigo tranquilamente conversar a respeito né... Mas, mas antes com certeza não.

### **Entrevista III: Adélia**

**Entrevistadora- Então, você pode me contar um pouquinho a tua experiência?**

Adélia- Como que foi?

**Como foi perder teu filho...**

É, ela... aconteceu já tem 18 anos né, ela foi minha segunda gestação, a minha primeira filha tava com seis anos quando... oco-ocorreu a perda né? É, de um modo geral foi uma gestação um pouquinho complicada, foi um momento delicado da minha vida particular, pessoal, a gente tava passando por algumas dificuldades inclusive no casamento e... quando eu fiquei grávida dessa segunda gestação inclusive meu marido ele não aceitou

muito bem... Então já era uma gestação que tinha um certo... um certo tratamento... um... Era diferente, porque não tava sendo esperada, não planejado... E a gente tava meio... bagunçando, ela foi já do início bem complicada. Mas eu, eu assumi e tava indo bem, né, coisas do casamento, sempre tem altos e baixos. É, quando eu tava pra completar, 6 meses mais ou menos, faltavam umas três semanas pra isso acontecer, seis meses de gravidez né, eu tava brincando com a minha menina e eu caí... sentada no chão. Mas não foi nada assim... que causasse assim alguma preocupação né. Só sentei assim. Só que eu, é, eu tava vindo com um quadro de infecção urinária já há um tempo já tava tratando, tava já... Tava tudo correndo bem. Só que eu caí de manhã né, sentada assim [faz gestos apontando para o chão], levantei normal...

### **Caiu de pé?**

A- Não, sentadinha assim, sabe quando você tá brincando assim agachada e cai assim sentada, só que fez um... [faz um gesto as duas mãos batendo]. O médico me falou que foi uma pancada muito brusca. Aí isso foi de manhã, quando foi à tarde tava andando assim simplesmente começou a hemorragia. Foi muito forte... Nesse dia eu tava sozinha em casa eu com a minha filha, não sabia muito bem o que fazer naquela situação e tal, daí consegui chamar o meu irmão que era o que tava mais perto e ele me levou pro hospital. E já começou aí né, a dificuldade da coisa toda. Quando eu cheguei no Hospital A, porque na época a gente dependia do SUS né, pra atendimento... Eu cheguei na portaria da emergência lá do, da maternidade deles e tava assim, esvaindo de sangue, tinha poça de sangue no chão. Só o tempo de eu conversar com a enfermeira que eu precisava do atendimento, ela olhou pra mim e falou assim: “nós não temos vagas, você vai ter que procurar outro hospital”. “Mas eu não tenho condições de sair daqui desse jeito, né, eu não consigo mais andar” né, quando...

**Nossa...**



A- Nessa, nessa conversa, nessa discussão, se eles iam ou não me atender tava saindo um médico, eu não lembro o nome dele, ele tava saindo do plantão dele, isso foi no sábado, ele olhou aquela situação e perguntou assim “mas o que que tá acontecendo aqui?” Daí a enfermeira disse: “ah não temos vaga, ela tem que ir prum outro lugar”. Ele olhou pra mim assim: “ela não tem condições em procurar outro hospital, ela vai morrer...” aí falou assim “você vai arrumar um lugar pra ela nem que seja no centro cirúrgico ou no corredor que eu vou atender ela”. Ele voltou, aí eles conseguiram fazer, arrumaram um... um lugar, ele fez o atendimento e tal, me internou, controlou essa situação né, da hemorragia e tal, mas o atendimento lá foi assim muito bruto assim, tirando esse médico que me atendeu primeiro momento assim com bastante atenção, depois que ele foi embora, os atendimentos lá são super né assim... Muito delicado né? Uma das médicas que fez a ecografia ela olhou pra mim e falou “olha: eu acho que você não vai seguir em frente com esse bebê, porque se você num... não tiver ele agora, se até os seis meses ele não nascer, ele tá muito frágil, foi muito fragilizado, que foi uma hemorragia muito grande, um descolamento bem expressivo da placenta e o coraçãozinho dele está... assim, tá batendo, mas num ritmo diferente, ele pode ter sentido, então isso pode provocar um parto prematuro né... antes dos 6 meses”.

**Você tava com quantas semanas mais ou menos aí?**

A- São, pra seis meses dá 24 mais ou menos né, umas 3 semanas antes... então eu tava com 21 semanas mais ou menos. Mais ou menos isso, mais ou menos 21, porque eu perdi com 23 semanas. Aí tá, fiquei lá no hospital em observação e tal, fui em embora pra casa, mas daí já traumatizei né do SUS, não quis mais voltar pro SUS, daí a gente foi procurar outro hospital... Um outro médico pra fazer o atendimento, a gente foi no Hospital B. Aí comecei a fazer os exames lá e tal e, a princípio, tava indo tudo bem. Mas entre... entre o fato... e a última ecografia foi no Hospital A, daí foi agendada uma outra dentro do

Hospital B pra... duas semanas depois, que era o tempo que o médico que... que tinha que ser... Aí nesse período não senti mais nada, tava tudo bem, tudo certinho, aparentemente tudo correndo bem. Duas semanas depois, dá mais ou menos 15 dias, tava... era um domingo à noite, tava normal, fui deitar assim na cama... e aí quando foi mais ou menos perto de meia noite senti uma vontade de ir no banheiro, uma cólica, e quando eu cheguei no banheiro pra... pra ver o que que é, a bolsa estourou e aí comecei a sentir muita dor, muita dor, muita dor, muita dor, aliás... eu senti mais dor na perda desse bebê do que nos partos normais que eu fiz dos meus outros filhos... Era uma dor assim... muito forte. Daí a gente saiu correndo e tal né pro hospital, eu não sabia o que tava acontecendo, eu fiquei meio em pânico, aí a gente chegou lá no Hospital B, já me internaram rapidamente né? E... aí na hora do exame o médico: “eu to sentindo muita muita dor” [fala para o médico], aí ele falou assim “eu não posso fazer nada pra tirar tua dor enquanto a gente não souber o que tá acontecendo com o bebê...”. Aí quando a gente fez exame o bebê tinha ficado preso no canal. Né? E... e... porque ele já tava mo-morto [gaguejando]. Ele já tinha ficado em óbito já fazia mais de uma semana. Daí ele olhou assim: “olha, é, não sei como você tá viva, porque um feto em óbito há mais de uma semana dentro do corpo de uma mulher isso poderia ter virado uma infecção generalizada... você já podia ter morrido, sem saber do que” [choro]. Aí ele falou assim “olha, mesmo assim eu não consigo, você vai ter que ficar acordada, porque esse procedimento não tem como fazer com você anestesiada”, que era o procedimento de retirar o bebê né. [silêncio curto]. Essa acho que é a parte mais difícil. Porque conforme ele puxava o bebê eu escutava todos os estalinhos dos ossinhos dele. E... [pausa] demorou aquilo uma eternidade pra acontecer...[choro-pausa]. Eu acho que é uma violência, talvez necessária, porque não tinha outra forma, né, mas eu sabia que tava acontecendo tudo aquilo, foi muito dolorido. Eu passei... eu acho que uns dois anos escutando esse barulho. Escutando aquela frase e lembrando daquele momento...

[choro] Foram dois anos pra entender porque que tinha acontecido comigo, [pausa], porque afinal de contas eu não tinha feito nada de errado pra ter acontecido aquilo, né? [choro]

A- Aí, depois que ele fez a retirada do, do feto né, do bebê, aí a gente vai pro centro cirúrgico e aí a gente toma aquela anestesia... geral, foram mais de cinco horas de procedimento, [voz de choro] pra fazer toda a limpeza né do útero [respira]. Aí quando eu acordei... eu já tava num quarto... jogada num canto assim, um quarto onde tinha outras mulheres com seus bebês [pausa]... né? E eu tava lá sem saber porque que eu tava lá, sem saber porque tinha acontecido tudo aquilo... Porque a impressão que eu tinha é que eu tinha assim um buraco enorme no mundo... no... sabe quando você não se encontra, quando você não consegue entender. Eu não conseguia, eu tava num canto assim no quarto, tava encostada na parede, eu não conseguia, só conseguia ficar virada praquela parede, porque... [respiro] eu não conseguia ver aquelas... assim... olhar praquelas mãos que tavam lá com seus bebês e porque eu tava ali, e elas comentavam. Sabe? [voz trêmula]. O que tinha acontecido, por que que eu tava ali e onde que tava o meu bebê e eu não conseguia responder. Porque eu tava me sentindo assim sozinha num deserto... Como se tivesse arrancado a minha alma. Esse sentimento de arrancar a alma demorou... uns meses assim dentro de mim apesar assim da gente... saber que tem que levantar e... eu tinha um filho e a vida não podia parar né? Mas esse sentimento de vazio eu acho que ficou dentro de mim aí uns seis, oito meses. Até eu começar a trabalhar e... e aceitar que agora era uma realidade e... [pausa] de uma certa forma... eu tinha um anjo agora no céu... que eu não conheci direito [choro].

A- E foram, digamos assim, dois anos é... pra... colocar isso num, numa caixinha e não... não me fazer sofrer né... E esses, esses dois anos coincidem com a chegada do Germano, que você conhece, que é meu segundo filho, o terceiro... que a gente sempre considera a



terceira gestação. E... aí quando eu fiquei grávida dele, aquela sensação de estar sozinha no deserto, ela voltou... porque daí eu ficava pensando “será que vai acontecer tudo de novo”. Aí que criei assim um mecanismo meio que de defesa pra não ficar alimentando isso na minha cabeça né, “esse bebê que vai tá aqui, esse bebê... vai crescer aqui e tal...” E eu, pra eu não ficar... porque assim desse segundo bebê eu já tinha comprado coisas pro enxoval, né... eu já tinha pecinha de roupa... já tava começando (incompreensível) as coisas, daí eu doeí tudo depois do que aconteceu. E daí dessa gravidez eu... não consegui comprar absolutamente nada [pausa]. Então minha mãe queria comprar, “mãe, não quero, não quero, não quero, não compre, não, porque eu não quero agora”. Eu só consegui comprar o primeiro... parzinho... de sapatinho, quando eu completei seis meses de gravidez e eu fiz ecografia e foi confirmado que tava tudo ok e que não ia acontecer né... não existia um risco de perda né... de novo como aquela... Então assim, eu demorei praticamente dois anos e seis meses assim pra realmente superar né... e entender tudo o que aconteceu. E não escutar mais aquela... aquele momento e aquele som né... daquele... daquela sala, daquele centro de cirurgia assim... que foi o mais difícil pra mim. Então quando eu falo assim que a dor que eu tive pra perder esse bebê foi muito maior que um parto normal, sim foi muito maior... né?

**Essa dor você diz essa dor física e...**

A- Física e psicológica, né, assim de dentro da gente né. Mas foi uma dor física muito maior. Eu, eu tive dois partos normais e eu não senti tanta dor como foi pra... perder esse bebê. Que meus partos normais são muito rápidos, assim, Luiza, acontecem assim em menos de duas horas e os bebês já, eles nascem em casa... [risos] se eu não correr... muito. E... hoje assim, a gente tem um sentimento de que teve uma partezinha da gente em algum lugar... Às vezes a gente trabalha o lado espiritual, disso tudo né? A nossa família acredita que tem um outro lado né? Que a vida não é só esse plano, existem outros. E a gente sabe

que ela tá nesse outro plano já, e ela é realmente, ela... cuida da nossa família [voz um pouco de choro]. Então, uma amiga na época, nuns dos primeiros dias que tava mais difícil, ela falou assim, que eu tinha que entender que ela era um anjo que veio... [voz emocionada] e ela tinha uma missão, né? E que a missão dela era justamente essa, porque depois que tudo isso aconteceu, é... o meu marido... voltou a ficar muito mais próximo assim sabe? A gente acabou reconstruindo... né... o casamento que tava meio fragilizado... [pausa, voz emocionada], depois desse (incompreensível), desse fato. Daí aquela frase que a gente só entende as mensagens quando a gente olha pra trás, isso é verdade, porque... ela veio pra isso [voz levemente emocionada]. Pra juntar de novo, pra gente ter a família que tem hoje, porque senão não teria, teria acabado [voz emocionada]. Porque... eu já tava decidida a separar, eu já tinha tirado a aliança, tava decidida a assumir aquele bebê sozinha. Então... hoje, [voz de choro] eu acredito que foi momento necessário pra ter o que eu tenho hoje. Pra ter os meus dois filhos, que vieram depois, pra ter a família que a gente tem... isso conforta né? Só o tempo né, pra... fazer a gente entender tudo isso [Pausa]. É... mas quando você fez o convite lá na internet e eu pensei em aceitar... Não foi nem muito pensando em mim assim, mas pensando nas outras mulheres que tão aí, de como elas são tratadas dentro dos ambientes. Tanto no ambiente do hospital público como no ambiente do hospital particular. Né, naquele... momento que a gente tá no centro cirúrgico a gente num, num... não questiona porque eles têm que fazer aquilo porque é necessário às vezes. Pra gente poder sobreviver e eles tinham pouco tempo... pra não acontecer nada pior e eu [ênfase no “eu”] não entrar em óbito, né? Mas o que p... pós esse momento, você tá no quarto, você poderia ter um outro quarto. Não um quarto onde você tá sendo julgada ou questionada, porque que você tá ali, o que aconteceu com você...

**Você se sentia julgada assim?**

A- De certa forma né... porque eu não queria ficar dando explicações de porque eu tava daquele jeito porque eu tava ali, o que que tinha acontecido comigo. Era um momento que eu queria ficar talvez sozinha... Ou talvez com alguém que me desse... que não falasse nada, só me desse carinho. Porque na verdade, depois do que acontece... essa perca (sic) do bebê, as pessoas... pra elas não faz diferença. E isso até dentro da tua casa, assim da tua família. É alguma coisa que aconteceu e passou [pausa]. Ninguém sabe o que você tá sentindo... né... que você tá tendo que trabalhar aquilo diariamente... né. Então assim o primeiro dia né que você né tá ainda no hospital eu acho que você poderia ter um tratamento diferente, sabe? De alguém começar... tentar... te... colocar na realidade, no chão, porque aquilo que eu te falei, era como se o mundo fosse um vazio, um deserto, assim, eu não sabia pra onde ir. Né? Porque foi tudo muito rápido... e inesperado. E daí você chega em casa e as pessoas ficam te tratando como se você fosse doente, mas você não tá doente! né... você perdeu... alguma coisa que era tua... que era importante, que você sentia, e daí você não tem mais.

**E como é que foi pra você assim, perder a tua filha? Era uma filha né que você falou?**

A- [Pausa] É... é como eu te falei, na verdade é um... É uma coisa que fica, fica um burquinho aqui sabe? É um... porque eu não tive nem a oportunidade de ver o rosto dela né? Na verdade, a sensação que eu tenho dela é só aquela que eu sentia dentro de mim. Então, é uma coisa muito mais eu acho que... até interior da gente, né... íntimo assim, porque não, não existiu ela fisicamente... né, então a gente fica só imaginando como seria e tals né? Na verdade, até isso, eu procurei não ficar imaginando como seria pra não ... alimentar muito... essa sensação de perda. Então eu preferi imaginar que ela é aquela... aquela sensação, aquela energia que tá dentro de mim, um pedacinho da minha alma que... foi pra um outro lugar.

**Que forte isso...**

A- É. Mas é assim que eu sinto e... isso me fez ficar diferente, me fez ficar mais forte, mais madura pra encarar todos os desafios que a gente tem daí pra frente. Mas até hoje a gente.... eu.... né? Todo mundo lá em casa sabe, os meninos que perguntam sabem que a gente teve essa perda... Mas eu acho que só eu... só eu sinto [ênfase no “sinto”] [pausa]. Pros outros é um fato... que aconteceu, enfim... e... só eu sinto [ênfase no “sinto”]. O vaziazinho, aquele buraco que ficou... e tá guardado numa caixinha né... E aí assim, tem a caixinha que é a do sentimento bom e a caixinha que é a... a do... que procuro não abrir que é a do, da lembrança, de como foi do que aconteceu. Dessa eu, eu prefiro não ficar lembrando, né, porque é muito... dolorido...

**Sim... Essa que você trouxe um pouco hoje...**

A- Sim

**E não é fácil falar sobre isso...**

A- Não, não é. Eu fico pensando se assim pra mim, que não, não né... e eu já tinha um filha, então né... mas e aquelas que é o primeiro filho... né... e perdem de primeira assim... eu acho que deve ser um buraco muito maior assim... e... ah é essa a história... não sei se tem mais alguma coisa que você queira que eu fale...

**Posso perguntar uma curiosidade só?**

A- Pode.

**É, você já tinha dado nome pra ela... ou não?**

A- Não. Não, porque...

**Só sabia que era menina?**

A- Na verdade não tinha muito certeza, isso era meio uma intuição assim sabe, mas a gente não chegou a dar nome nada. Mas assim... a gente convers... a gente conversando assim e... e... tempos depois assim se fosse pra ser... seria Cora.

**É?**

A- É. Isso é um negócio assim, meio impensado assim, sabe.

**Isso depois?**

A- Depois, depois assim, que a coisa já ti... já tinha... saído no nível do sofrimento assim, sabe. Depois que o Germano já tinha vindo e tal, a gente... pensou assim num nome.

**É?**

A- É [risos]

**E como é que foi isso? De pensar num nome pra ela... tanto tempo depois...**

A- Na verdade, assim, como a gente acredita muito nessa questão de que... existem outros planos, espirituais, a gente tem alguns amigos que têm... essa... desenvolvido o lado... mais mediúnico assim, sabe... E logo depois quando meu sogro morreu, a gente recebeu a visita de um amigo que nunca tinha ido na minha casa. E a gente também não sabia que a esposa dele tinha... esse lado mais... médium né... Aí a gente tava lá no jantar assim, de repente eu vi que ela ficou incomodada, incomodada, incomodada assim, não conseguia nem comer né? Mas eu não falei nada. Daí eu vi que ele, ela falou alguma coisa no ouvido dele, pediu pra chamar meu marido. Daí que sei lá, falaram. O marido não me falou nada na hora. Aí eles foram embora, quando foi deitar ele disse assim “olha, é, sabe o que... você viu que eles me chamaram num canto?”. Falei “sim, o que que aconteceu?”. “Então, eles vieram me dizer... que meu pai tava sentado ali no sofá junto com a gente e a nossa filha tava com ele...” [pausa]. E daí ele falou assim, “e eles falaram que ela se chama Cora”. Eles falaram sem saber que esse era um nome que eu tinha pensado... aí o marido... aí eu falei “mas como assim Cora?” [risos]. Sabe, então assim, ficou muito... foi muito emocionante isso, porque assim, não era um casal de amigos que sabia da história. Eles não sabiam que eu tinha perdido um bebê. Aliás, poucas pessoas sabem desse fato, né? E daí a gente ficou muito mexido com isso de saber... que ela tá ali próxima... que ela realmente é um anjo... que ela teve uma missão, que a missão dela é (incompreensível)

não é? Então assim... É claro que isso, não tem muito a ver com isso assim, com a psicologia, mas a gente acredita e eu acho que tem esse outro lado.

**Claro, se você acredita...**

A- E... saber que ela tá presente nesse outro plano me deu um... um certo alívio sabe? [voz mais fina]. Da culpa que eu sentia de ter feito alguma coisa errada, de ter caído... sabe assim? Porque por mais que eu tivesse trabalhado, esperado e isso... a lembrança de que eu sofri essa perda sempre me pesava um pouquinho, né? Então quando esse, esse fato aconteceu, desse casal ter ido lá e... falado isso... no dia seguinte assim parecia que eu tinha assim... aberto uma porta de um jardim assim sabe? Parece que tinha resolvido aquela... aquele nozinho que tava lá... preso... que de certa forma a gente não perdeu né? Então... é... Não sei explicar como é que funciona isso, sei que a gente sente isso né? [risos].

**Você sente isso bem forte né?**

A- Aham [risos]. Bem forte mesmo [ela estava emocionada nesse momento]

**Bem emocionante**

A- E aí assim... eu acho que isso é um... são marcas que ficam na mulher que a gente não tem como... ignorar... esquecer definitivamente. E tudo aconteceu fisicamente e (incompreensível).

**É muito forte isso que você falou que não tinha uma imagem assim... mas que você sentia, então você tem o sentimento...**

A- Exatamente [voz embargada]. Quando você for mãe, você vai entender isso [respira e ri]. É uma conexão... não é só físico, sabe? Quando a gente gera é... um ser humano dentro da gente, a gente tem um outro tipo de conexão... que é diferente... a energia, né... é... não tem como você ignorar... sabe. Então assim, é por isso que a gente sofre quando filho cai [risos], é por isso que a gente sofre quando ficam longe. Porque a gente tá conectado. Não

fisicamente. Não, é uma coisa de alma, de energia... de você já sen-... você já tem ele dentro de você... você já se comunica com ele nesse momento né, porque as sensações que a gente tem... são compartilhando. Né? Então você não tem como ignorar que você não vai sentir nada... você não tem... a conexão é mais forte...

**Mas pra você é isso?**

A- É isso

**E você sente essa conexão desde o princípio assim?**

A- Desde o princípio. Desde o princípio... quando... até quando eu não... eu não... tenho certeza de que eu to grávida, eu já “eu to grávida”. Daí [risos].

**Como assim? [risos]**

A- [Risos]. Tá certo que atrasa lá e tal, mas você sempre fica aquela dúvida né, mas quando eu fico grávida e atrasa a menstruação, é praticamente uma certeza assim, sabe?

**Em todas as gestações aconteceu isso assim...**

A- Na primeira não foi tanto, porque eu acho que eu era muito nova ali, muito imatura... pra ter certeza e... e... e na época que eu fiquei grávida... as coisas eram mais assim rígidas né... ainda, ainda as famílias ainda eram mais fechadas pra... pra essas coisas. Então eu demorei a eu me aceitar que estava grávida por medo sabe... de ser julgada sabe, de arrumar confusão com pai e mãe. E realmente foi né... Pensa um “vamos causar na família: vou ficar grávida [risos] com 17 anos” [risos]. Foi mais ou menos o que aconteceu. Então assim, era muito nova, não tinha... ainda muito... não sabia bem como eram as coisas... e fui... pega de surpresa... Mas, a hora que passou essa confusão da, da notícia, daí que você já começa a sentir mesmo né... aí você já tá conectada... aí você tira uma barreira que tava incomodando que é “como é que as coisas iam acontecer”, aí você já tá conectada né... com teu bebê... Você já conversa... e coisa assim, você já se comunica...

**Então acho que é isso... Você quer falar alguma coisa? Quer complementar?**

**Aproveite, o tempo é todo seu [risos].**

A- [risos]. Ah eu acho que assim, se você conseguir envolver no teu trabalho que realmente possa ajudar essas outras mães, né, a ter um tratamento um pouco mais aconchegante nesse pós-trauma que é... e pensando naquelas que também não tem... mães de primeira viagem, que tão tendo o primeiro filho, que são muito novas né... eu acho que a geração de mulheres de hoje elas ainda não... elas ainda tão indo assim sem ser preparadas pra maternidade.. na minha opinião assim, que eu vejo, elas são meio pegadas de surpresa por mais que elas esperem, esperem, esperem ser mães, mas na hora que elas são elas não sabem o que fazer [risos]. Mesmo as mais velhas assim, que optam por ter filhos mais velhos. Aí eu fico pensando nessas mães assim... que sofrem esse tipo de perda... parece que... elas precisam de ter um aconchego... de ter... sabe, não ir lá pro mesmo quarto com as outras mães com seus bebezinhos.

**Isso foi bem marcante pra você né?**

A- Uhum. É, a primeira fase lá do atendimento no Hospital A eu nem... num... é... foi traumático, foi. Mas foi uma situação que a gente vive até hoje da questão da precariedade do sistema público né de saúde. Mas no dia que eu perdi mesmo de fato... eu acho que isso é relevante sim sabe. A mãe não precisa tá compartilhando desse momento com outras mães que estão com seu bebê. Você acabou de perder o teu, [fala baixinho] né? [pausa]. E no meu terceiro filho... eu tive...uma situação, não foi tão traumática quanto a perda desse bebê né? Mas o Peter nasceu prematuro... Nesse dia, [respira] no nascimento do Peter eu tive de certa forma um... um afloramento desse sentimento de perda né? Porque ele... porque a gente fez uma cesárea, não podia ter ele de parto normal... então ele nasceu prematuro... e... uma hora depois do nascimento ele teve uma parada respiratória e foi pra UTI... [voz um pouco trêmula] [silêncio] e daí eles não sabiam como



me falar isso, né, porque... [pausa] a minha mãe lembrou né... que já tive... já perdi um bebê e agora de repente... eu tenho mais um bebê que tava correndo risco de vida né. Aí quando ela chegou e me falou junto com meu marido... Era como se eu tivesse tomado anestesia [voz um pouco trêmula] no cérebro assim sabe? Quando você ouve aquilo e instantaneamente eu parei de pensar [pausa]. Daí eu falava assim: “Como assim? meu bebê não... como assim? Correndo risco de vida...”. Sabe? E daí aquele, aquela sensação de tá no deserto, de novo e eu não podendo fazer nada né... e eu só... e nasceu de manhã e eu só fui conseguir ver ele meia noite na... na UTI neonatal. Aí a hora que eu vi ele lá e tal e assim aí passou né? Daí a gente fica com toda aquela apreensão. Mas eu saí do hospital sem ele [pausa]. Né? E eu tava no quarto... dividindo o quarto com outras duas mães que tiveram seu bebê... e de novo aquela sensação de “por que que ela tá sem bebê?”. Não tão forte quanto da primeira vez né? Mas é um cuidado que, sabe, a mãe que é mãe, assim recente, não tem que ficar... “vamo por ela num outro quarto” né, porque machuca, dói... As outras mães recebendo visita com seu bebezinho, sabe, com toda aquela felicidade e você tá ali com o teu coração... na mão, porque você não sabe. Você não tem certeza que o teu bebezinho vai sair de lá, porque ain... Ninguém te deu certeza que ele vai ficar bom, que não vai acontecer nada... Né, então, são cuidados que talvez as unidades... as maternidades pudessem trabalhar isso de um forma diferente.

**Mas é um momento tão delicado né?**

A- Exatamente, então assim... Perder... como foi assim... né, a segunda gestação foi muito dolorido... foi ruim... foi péssimo tá naquele lugar... eu queria fugir daquele quarto... Mas depois com o Peter foi um... um... um *remember* daquela situação, sabe? Porque eu tava lá, não podia fazer nada, de novo as pessoas que, sabe assim, não quero falar o que que acontecendo, sabe, eu quero saber, sabe? [voz emocionada]. (Incompreensível) Quero saber se meu filho vai sair de lá... se eu vou sair com ele. Né... então são cuidados que eu

acho que é... vocês como psicólogos podem tá trabalhando dentro das unidades... pra melhorar esse... é... essa falha... quando mães mais precisam nesse momento de dificuldade. Porque realmente não é fácil. Né? Você ter a sensação de perda de um filho né... acho que tanto... mesm... é... deve ser o mesmo quando acontece já... mais tempo, já crescido, adulto... acho que a mesma sensação. Sabe... acho que é um... um buraco que tem (incompreensível) sei lá, sem fim, infinito. Independe de quando aconteça... Não tem como fechar ele... A gente guarda né... coloca num cantinho assim, você trabalha isso dentro, mas não tem como “ah não isso aqui você esquece”. Não tem como esquecer.

**Tanto que já faz 18 anos né?**

A- 18 anos...

**E é algo que ainda te emociona... que ainda dói...**

A- Exatamente! É... Né... é algo que me faz escutar todo aquele momento que... né... eu escuto o médico falando, eu escuto... aqu-aquele barulho... eu... eu sinto o gelado da sala... eu sinto o cheiro da sala... do centro cirúrgico.

**O que esse momento significa assim pra você?**

A- Ah é como se eu tivesse assim num precipício assim em alta velocidade. Caindo. E foi... [respira], tão intenso, tão rápido e tão assim que, tão assim sem controle... a gente não tem controle nenhum daquilo né. [pausa]. Eu queria sumir, eu queria não tá ali, que queria fazer alguma coisa praquilo não ser verdade, então assim... os sentimentos... a... a... é explosivos assim, tem dia que tudo tem raiva, tem tristeza, tem saudade, tem dor, tem... tem tudo assim sabe?

**Tem saudade também?**

A- Tem saudade. Porque... tudo aquilo que você espera e... eu acho que te dá saudade. E naquele momento era como se tivesse num funil indo pra um precipício assim... você tá rodando assim sabe? A mi-mil por hora assim... você não consegue se segurar em nada.

Até aquele momento da anestesia eu, eu, eu, eu lembro, assim, do vazio que é... quando você toma anestesia geral né? Como se tivesse desligado e ligado assim né? Né, você não tem controle desse tempo que você ficou desligada... Na minha cabeça ele existe. Esse tempo... que eu fiquei lá desligada e tal. Sabe assim, tipo como se fosse uma... uma tarja negra assim sabe? Tá registrado.

**Esse tempo que é da anestesia?**

A- É, desse procedimento que eles fazem a curetagem né... que foi mais de cinco horas que eu fiquei. Eu já tomei outras anestésias gerais né, aí você desliga e liga né... você num...

**Você não tem noção do tempo que passou, é isso que você quer dizer?**

A- Isso. Nessa... ela tá registrada. Como se fosse assim... tarja preta assim sabe? Numa linha de tempo assim... um buraco negro...

**Um buraco negro...**

A- Que não foi apagado... porque... foi muito marcante... sabe?

**Entendi...**

A- Então realmente é um... é... acho que esse trabalho que você tá tentando fazer tem uma... tem uma relevância. Porque a gente realmente faz um esforço enorme pra... superar isso. Ee... não esquecer. Superar, e levantar e... ir pra frente... seguir em frente.

**É... você falou não esquecer, né...**

A- Não esquece, você guarda, você acomoda isso dentro do... do teu eu interior ali...

**O que que é esse teu superar? Pra você assim, que que é isso?**

A- Pra mim? É levantar no outro dia, com a cabeça erguida, olhar que a vida continua... sorrir pras pessoas porque ninguém tem culpa daquilo e... seguir em frente... voltar a crescer ee... olhar pra tua filha que tá ali do lado e... ser uma (incompreensível). Isso é seguir em frente.

**Você falou que até hoje também tem caixinha assim...?**

A- Caixinhas. É, são várias caixinhas... [risos]

**Esse superar ele vê até hoje então? Como é que é isso?**

A- Mm... assim... quando eu guardei minha caixinha... quando o Germano nasceu... que nem eu te falei assim, eu acho que ali eu consegui realmente superar né, não esquecer. Eu coloquei numa caixinha que tá fechada... e quando... se eu quero abrir... eu abro e revivo todos esses sentimentos que foi o que aconteceu aqui.

**Entendi...**

A- Né, então assim... quando eu sair daqui eu sei que eu tenho que fechar essa caixinha e, e olhar pro lado de fora né... e seguir a vida... Né, eu tenho a minha família, os meus filhos, como é... como é importante eles estarem ali comigo e a gente viver... Mas eu... é um sentimento que é só meu... Única e exclusivamente meu. Né... é... Então é é... o superar é isso. Você poder fechar essa caixinha de volta, colocar ela lá no cantinho que você tem dentro de você e... continuar sorrindo, vivendo, curtindo, crescendo, trabalhando... sendo feliz e agradecendo porque... [pausa] eu poderia ter ido junto com ela. Né... o médico foi muito claro... porque... é porque minha missão não era... pra ter terminado ali... Né, então ele falou assim, ó... “você teve uma segunda chance”. Então eu não tenho que ficar me enfiando, remoendo, deprimida a vida inteira por conta disso né... é uma dor que tem que trabalhar... assim como a dor da perda de um ente querido e tal... você tem o tempo do luto né... e você trabalha isso. Nesse caso, meu luto teve dois anos e seis meses... e daí eu consegui guardar ele dentro... né... e seguir em frente... Até porque quando fiquei grávida do Germano eu tomei um... um... não tinha planejado ficar grávida então foi uma surpresa. (incompreensível) [risos]. Porque eu acho que se eu fosse pra planejar ter um outro filho depois desse acontecimento, talvez eu demorasse muito mais tempo... Então, são as coisas assim, meio que tá na hora dela encerrar esse assunto e daí

mandaram o Germano pra mim. Então assim, foi um luto que foi meu, somente meu... dentro de mim e eu trabalhei isso e eu superei isso... e aí fica... como eu falei, essa saudade né... de alguma coisa que é só sentimento. É isso assim acho que... meu depoimento nesse sentido.

**Nossa, muito emocionante assim...**

A- É, porque... são 18 anos e pra mim ele continua exatamente igual quando eu tiro da caixinha.

**Uhum... quando você abre a caixinha tá igual...**

A- Uhum. Mas também assim... que nem eu te falei... não me faz mal... sabe assim, não sofro mais por isso... e eu entendo assim que foi algo que... que tinha que ser... Mas não precisa ser tão dolorido nesses primeiros momentos... precisa ter um tratamento diferente.

**Sim, sim...**

A- Tá bom?

**Você quer complementar alguma coisa?**

A- Não, acho que é isso... da minha parte... não sei se você tá mais curiosa, quer mais alguma coisa [risos]

**Eu na verdade queria agradecer... assim, por você ter vindo, pela tua confiança em mim pra poder abrir a sua caixinha.**

A- Imagina, eu acho que o trabalho de vocês assim, não se é só seu ou se tem mais gente envolvida assim eu acho que... eu fiquei bem encantada quando vi o convite. Né... saber que existe... que isso pode ser melhorado né, que isso não foi uma coisa só minha, né que isso realmente acontece com várias mulheres e que existe... que tem gente que tá buscando deixar isso de uma maneira melhor né?

#### **Entrevista IV: Judith**

**Então tá bom me conta um pouquinho primeiro quantos anos você tem, o que que você faz...**

J: Tenho trinta anos sou advogada moro em araucária sou casada há quatro anos ... humm ... tenho agora o João ... tive o Caetano [risos]

**[risos]**

J: Moro em [região metropolitana de Curitiba] desde que nasci né... Minha família é toda de lá meu marido mo/a família dele é da [outra cidade] então a gente tá sempre tudo pertinho... tudo próximo.

**O João agora tá com quanto?**

J: Seis meses...

**Seis meses...**

J: Seis meses...

**E quando que foi que aconteceu do Caetano?**

J: O Caetano foi em agosto de 2016. Foi uma gestação muito esperada... desde que eu casei aquela coisa né eu quero um bebê eu quero engravidar... e daí o meu marido “não... espere um pouco... vamo curtir um pouco o casamento”. E aí final de 2015 eu descobri que eu estava grávida... dia 30 de dezembro de 2015... Virada de ano e tudo mais... foi aquela emoção... E foi uma gestação muito tranquila.. foi uma gestação:..... fiz todos os exames:.... tudo certinho... tudo sem qualquer alteração eu não tive nenhum sintoma... então assim então foi assim uma gestação...

**Bem tranquila?**

J: SUPER tranquila... tanto em exames tudo nunca apontou nenhum problema... nunca apontou nada... E aí aquela expectativa... No dia 18 de agosto de 2016 eu fiz uma ecografia no final da tarde às 16 horas daquele dia tudo normal. Naquele dia o médico mostrou “olha ele tem cabelo... olha os pézinhos... mostrou as mãozinhas”... Então assim tava tudo normal... No dia 19 eu tinha uma consulta já agendada... uma consulta de:: rotina pra levar os exames pra levar os exames pra minha médica... eu já estava de 38 semanas... Nas/No dia 19 ele tava com 38 semanas e um dia... E eu levei os exames pra minha médica ver... verificar também lá em [cidade que mora]... E ela foi tentar ouvir o coraçãozinho dele...E ela não conseguiu... Naquela hora eu não quis acreditar que estivesse acontecendo alguma coisa ... Né... ela tentou ouvir tentou tentou a gente ficou um vinte minutos ali ela tentando e nada... E aí ela me deu um encaminhamento pra/pro [maternidade], a maternidade que eu ia fazer o meu parto e não “vai pra lá vai correndo pra lá” até meu marido falou assim “a gente pode almoçar?” como a gente tava na correria a gente não tinha almoçado... ela falou “não... eu quero que vocês vão direto pra lá” [pausa]. Quando ela falou isso meu marido já se tocou “tem alguma coisa muito errada acontecendo”... só que eu/parece que eu não queria acreditar que tivesse alguma coisa de errado acontecendo... Então eu saí de [cidade que mora]... meu marido veio sério... agitado né... a gente chegou na maternidade... fui atendida não consegui ouvir o coraçãozinho dele... veio acho que duas três médicas ali em cima em volta tentando ouvir e nada... (incompreensível) me falou a gente vai ter que fazer uma ecografia só que a médica da eco só chega às três da tarde... isso era meio dia a hora que a gente chegou lá... e eu fiquei até às três da tarde... então naquela angústia, naquela coisa “que que aconteceu? que que está acontecendo?” e eu sentia mexer mas era umas contrações que eu já estava tendo... e eu não sabia mãe de primeira viagem então não tinha noção... eu não senti nada... não tive nenhum sintoma... sangramento... eu não caí... eu não/nada...

Minha pressão foi sempre normal... E aí na ecografia que foi o momento assim que quando:: colocaram a imagem da minha barriga eu já vi que tinha alguma coisa muito errada porque a imagem era totalmente diferente... do que eu já/tinha visto por exemplo no dia anterior né... e a imagem parada [voz de choro]... e a médica simplesmente só falou “olha... eu sinto muito”

**Nossa...**

J: E... na hora foi assim... eu falo “como se o chão abrisse... o chão se abrisse... e eu caí no buraco” [voz de choro] aquela hora eu não queria acreditar... fui até o último momento “não... isso não é verdade... isso não tá acontecendo... como assim? eu passei uma gestação super tranquila... e tá que a minha profissão ela é bem estressante... então assim... tive momentos de estresse mas né:: nada fora do comum...E como falei a pressão tudo normal não tive nenhum problema e aí chega assim ah::: simplesmente a médica “olha, sinto muito mas:: não tem mais batimentos”. Né... [voz de choro] Isso era umas três...

**Como foi a hora que você recebeu essa notícia?**

J: Eu não queria acreditar... eu não queria assim [voz de choro]... eu só olhei pro meu marido e como eu falei... parece que o chão se abriu... parece que eu caí naquela hora... E::: eu lembro que eu chorei chorei chorei muito assim desesperadamente eu chorei [voz de choro]... e::: meu marido também... né a gente... foi uma situação assim/um sentimento como se o mundo parasse como se tudo em volta parasse. Você não quer/Eu não queria acreditar... [voz de choro]. Eu não queria acreditar que aquilo estava acontecendo...né... que/não tinha... se eu tivesse... acho creio eu que se eu tivesse qualquer problema durante a gestação... seria mais fácil naquela hora... ah não olha eu tinha pressão alta aconteceu alguma coisa na pressão... mas não eu não tive nada... eu vi um dia e um dia antes eu tinha visto ele...



**Sim.. tinha acabado de fazer o exame né...**

J: Eu tinha acabado de fazer o exame e estava tudo normal... né... e faltava duas semanas pra data prevista do parto que era primeiro de setembro... Então assim... eu digo parece que o mundo parou... parece que o chão se abriu... parece que eu caí naquela hora... Foi... [voz de choro] foi um momento assim que... de lembrar daquela imagem parada... ficou por muito tempo assim... ainda está na minha mente mente... mas muito tempo... por exemplo de eu não conseguir fazer uma ecografia porque eu... sem chorar porque eu olhava e lembrava da cena que eu vi... Sabe, da cena... do do coraçãozinho sem pulsar... do bebê paradinho... dali a gente/nós fomos encaminhados... nós tivemos um apoio muito grande do hospital... Então assim foi muito bacana é:: eu estava numa sala com uma sala com uma mãe que estava tendo bebê... ela já estava em preparação pro parto... então:: me deixaram junto com ela no mesmo/na mesma sala só que diante da situação eles me colocaram num quarto separado... então eu não fiquei com nenhuma mãe com bebê que eu sei que muitas vezes ocorre.. então assim eles foram bem sensíveis nessa parte... então me colocaram em separado... me colocaram num quarto sozinha.. meu marido ficou junto comigo o tempo todo não saiu do meu lado.

**E isso pra você foi bem importante?**

J: Foi... foi bem importante porque naquele momento de início que eu estava com aquela mãe ali em trabalho de parto do meu lado ... assim o sentimento é tá ela vai ter... às vezes pode soar egoísta pode soar de uma forma diferente mas tá ela vai ter o bebê dela e o meu? e o meu né? Aí a médica veio explicou perguntou se eu queria parto normal ou cesárea... de início por questão de recuperação eu pedi parto normal... Só que aí eu não aguentei porque eu pensei... eu vou passar todo/as... todas as dores eu vou passar... vou passar por tudo e depois eu não vou ter o meu bebê.. com vida... embora a recuperação fosse de... certa forma melhor... então eu fui até um certo ponto eles aplicando medicação

pra poder é... entrar em trabalho de parto porque eu estava tendo contrações mas não era/eu não tive dilatação eu não tive nada... Então... eu fui até... cerca de nove horas da noite mais ou menos e isso era três horas... das três às nove da noite tentando ter por parto normal...

**Sim...**

J: Só:: que aí chegou a minha mãe chegou e falou “não.. você não vai sofrer... eu já perdi meu neto eu não vou perder você” né... E foi quando eu pedi que fizessem a cesárea... mas assim a todo momento ao mesmo tempo que... eu estava ali como se eu estivesse nas nuvens... como se eu não tivesse ali... como se o mundo tivesse parado... eu não queria acreditar.. falei “não... eu vou ir eu vou pra sala de parto ele vai nascer ele vai chorar e não vai ser assim... isso não tá acontecendo comigo”... e eu sentia as contrações... então era como se não é ele que tá mexendo... tem alguma coisa errada... era o que eu pensava sabe a todo momento...

**Parece que era muito difícil de entender o que tava acontecendo**

J: Sim..

**Como saber né...**

J: É... difícil digerir aquela notícia naquele momento... Porque é/foi uma rasteira como eu falo foi uma rasteira foi um buraco que se abriu... foi... nisso já veio minha família então... minha mãe foi até lá... meu irmão minha cunhada enfim... pessoas ali do meu convívio foram né... pra dar um apoio eu não sei assim... eu estava naquele momento que:: lógico eu queria tá com eles mas ao mesmo tempo:: né:: até pra chorar tinha alguém em cima de mim ali né... Então assim... foi uma situação/lógico recebi o carinho de todo mundo mas ao mesmo tempo não tinha liberdade de eu chorar... explodir... sei lá... deu eu né... E::: aí nós fomos pra/pro parto... isso era umas nove e pouquinho da noite já... é... os médicos como eu falei foram muito atenciosos isso é... tem que reconhecer o

(incompreensível) pessoal do hospital todos os médicos enfermeiros e tudo mais... e:: aí me perguntaram “tá você quer ver? você quer ficar né.. é:: consciente, tal?” eu falei não... Eu não vou suportar... eu não vou/ao mesmo tempo que eu achava não ele vai nascer com vida eu tinha aquele lado não... eu não vou suportar ver o meu filho... que eu esperei que eu imaginei... chorar... de ouvir o chorinho [voz de choro]... e [voz de choro]... eu não vou suportar (incompreensível).

### **Te emociona falar disso né?**

J: Sim.. muito... e::: aí eu não vi... meu marido acompanhou porque o meu marido querida ver tá? o que que aconteceu né? Tinha por exemplo circular de cordão alguma coisa assim... meu marido queria ver ele não acreditava também... e eu não vi eu não vi ele... eu só voltei da anestesia e eu ouvi as duas enfermeiras comentando o quanto ele era bonito... Nossa que bebê lindo... e eu acordei e eu apaguei... isso eu fui acordar não sei quantas horas depois... que eu voltei da anestesia e tudo mais [fungando]... e::: já fui pro quarto... e aquela noite assim... foi... foi uma das noites... piores que eu tive... porque mesmo eu estando num quarto separado eu ouvia os outros bebês chorando... né [fungando]... eu não estava vendo mas eu estava ouvindo... e:: e aí leite que desceu do meu peito... já naquele/já em seguida... as dores da cesárea enfim [voz de choro]... tudo isso é... aquela/aos/período/ as duas noites que eu passei no hospital foram bem complicadas... de de ouvir... sair de braços vazio... Parece que você assim... a gente imagina até cena de filme saindo no corredor de braços vazios... vendo os outros bebês [voz de choro]... e foi assim que a gente saiu eu meu marido minha mãe e meu irmão quando eu tive alta... só que antes disso eu tava naquela não eu não quero ver ele não quero ver porque:: tá morto... eu não queria... teve uma enfermeira lá do hospital falou assim olha... é::: ela contou a história dela que ela passou por uma perda gestacional... e ela falou assim “eu não vi o meu filho mas é o maior arrependimento da minha vida...

[voz de choro] eu não ter visto ele [voz de choro]... então eu creio que você deveria ir... conhecer ele... ver (incompreensível)”... e:: isso me fez/tá refletir... realmente como que eu vou/meu filho vai ser enterrado eu não ver não vou conhecer não vou saber como que ele era se ele tinha o meu rosto ou se ele tinha o rosto do meu marido se ele... né... e:: aí isso foi numa sexta que eu perdi que foi feita a cesárea no sábado eu fui até o necrotério do hospital pra conhecer ele... Então ela tirou ele tava com a roupinha do hospital [voz de choro]... e era perfeito... fisicamente... perfeito... e::: eu pude ver... eu pude pegar... eu pude me despedir dele embora eu tenho/saiba que/pelo menos é o que eu acredito que ali é só um corpinho... é só... não era ele em si ali né... [fungando] era o corpinho dele mas eu pude me despedir dele... pude ver como que ele era [voz de choro] o semblante dele [voz de choro]... colocamos uma roupinha que ele tinha levado... tudo certinho [voz de choro]... só que eu desabei... nessa hora que... eu não consegui... permanecer eu vi peguei acariciei mas eu não consegui ficar muito tempo [voz de choro]... realmente eu desabei...

### **Qual que era o sentimento que vinha na hora?**

J: Eu queria ele vivo [voz de choro]... é um sentimento/ aquela hora você sente raiva você sente... tristeza ... você sente/você se pergunta “tá, por quê Deus? por quê? por quê que eu cuidei tanto eu pedi tanto foi um filho tão esperado um filho tão desejado... e por quê isso?” você se faz muitos por ques [fungando]... o que eu fiz de errado por que eu não senti antes... porque depois eu fiquei sabendo que o coração dele parou às dez horas da manhã daquele dia... e eu não senti nada de diferente... e aí eu me culpava...tá... por quê?... por quê que eu não senti algo diferente? e eu senti ele mexer por exemplo de madrugada... na manhã daquele eu não senti... só que... eu não imaginava... não ele tá grande não tem espaço... né tá mexendo menos mãe de primeira viagem não tinha noção nenhuma... e::: então eu imaginava que não... ele está mexendo menos por causa disso...

só que depois vinha tá por que que eu não corri pro hospital não sentindo ele mexer por que que eu não fui antes... um sentimento de culpa um sentimento de raiva um sentimento de tristeza é meio que assim uma mistura... De tudo...

### **Sentimentos bem fortes né...**

J: Eu levei por/por muito tempo depois da perda o sentimento de culpa... por que que eu não cuide antes... por que que eu não fiz diferente... por que que eu não fui naquela manhã no médico quando eu não senti ele mexer ele tava demorando mexer [fungando]... então assim eu levei muito tempo isso até::: digerir toda a situação... e ver não eu fiz um dia antes tinha visto ele tava tudo bem não tinha como... não tinha como fazer diferente... então assim a parte de conhecer... só que ele já tava roxinho... ele já tava geladinho... meu marido conhecer ele assim que ele nasceu... eu não sei hoje qual seria o sentimento se eu visse ele logo após nascer... mesmo que sem vida mas ainda quentinho ainda corado... ainda... acredito que os sentimentos de raiva tristeza de... seriam os mesmos...né... mas eu/não sei o meu medo foi de não suportar de ver de pegar ele assim pós parto mesmo..

### **Sim... Sim... Então como foi pra você perder o teu filho?**

J: Assim... Eu digo que é a pior dor do mundo... porque você não perde/é o filho mas é o teu futuro... é/são os planos que você perde... porque como eu/é:: daí eu e meu marido comentamos muito... a gente planejava a gente tinha/brincava muito a não quando o Caetano:: crescer vai fazer isso... quando o Caetano... Então assim a gente planeja já o meu filho já tava na faculdade na minha cabeça... Né já tava fazendo faculdade já tava casando e já tinha netos a gente/querendo ou não durante a gestação assim você faz todos esses planos.. então assim foi como... eu perdi o futuro... naquele momento o meu/a minha/não conseguia ver... não conseguia ver uma luz no fim do túnel naquele momento...

**Sim...**

J: Eu fiz acompanhamento psicológico na época... por iniciativa do meu marido/na verdade eu já fazia acompanhamento psicológico antes... é... parei semanas antes da/do ocorrido porque já estava bem... final da gestação e tudo mais então eu só parei por causa disso... mas eu voltei foi o que me ajudou muito... o acompanhamento psicológico eu ia duas vezes por semana... então assim sempre eu tive/como eu já conhecia a psicóloga que me acompanhou... então assim... já tinha né o conhecimento... foi o que me ajudou bastante mas assim... o chegar em casa por exemplo... tudo pronto... roupas mala da maternidade tudo a gente tinha comprado uma cômoda tava na sala a cômoda porque não tinha dado nem tempo de organizar então tinha entregue e tava lá... foi:: foi um baque muito grande... o pós (incompreensível) a perda o enterrar o enterro você ter que...

**Chegou a participar do enterro?**

J: Participei... é... sai da maternidade direito... tive que ir escolher o caixãozinho... então situações assim que aí meu marido tinha outras coisas pra resolver então eu tive que fazer isso não tinha como né... fazer liberação aqui em Curitiba porque como nós somos de [cidade que mora] então tinha que fazer liberação no Cemitério Municipal de Curitiba pra poder ir pra [cidade que mora]... tudo isso eu tive/teve/tive que fazer isso saindo da maternidade eu tive alta e tive que resolver tudo isso... fizemos o enterro.. fizemos o.. é:: algumas pessoas que souberam/foi tudo muito rápido não foi nada assim... foi questões de horas vamos dizer assim o corpinho chegou às quatro às cinco ele foi enterrado foi questão de uma hora uma hora e pouquinho que:: a gente pode ali algumas pessoas mais próximas pode se despedir... conhecer ele né... Mas é muito difícil você ver aquele caixãozinho miNÚSCULO com aquele bebezinho... são os teus planos... são/como eu falei é um futuro... tantos/tantas tá ele poderia ser o quê... um atleta... um:: médico... um:: não sei tanta coisa que ele poderia ser... e:: o pós assim como eu falei chegar em

casa ver tudo arrumado porque tava praticamente tudo pronto... eu levei cerca de um dois meses pra ABRIR o quarto dele... eu deixei tudo fechado não tinha coragem de entrar e não tinha coragem/coloquei a cômoda lá fechei e não tive coragem de mexer... é:: fiz uso de medicação na época porque... eu não conseguia dormir eu acordava de madrugada... e:: eu não/eu via o meu marido dormindo mas eu não conseguia/eu acordava ele porque a sensação de ficar sozinha me deixava aterrorizada... eu senti muitas vezes vontade de sair correndo... vontade de sair andando... Falei assim não... vou sair sem rumo... [voz de choro]

### **Você se sentiu sem rumo?**

J: Eu senti eu olhava assim às vezes pela janela e falava/pensava não eu vou sair... eu vou sair caminhando... ou eu vou pegando um ônibus vo indo vo indo até onde... ai de repente eu parava pra pensar “tá e a minha família, e minha mãe?” né... mas vontade eu sentia vontade de/só que eu sabia ao mesmo tempo que a dor não ia sumir...

### **Sim...**

J: A dor/por mais que eu tivesse ido/em casa ou em qualquer outro lugar a dor ia me acompanhar... mas eu senti.. senti várias vezes assim... minha mãe nunca me/nunca/não queria me deixar sozinha só que isso me sufocou bastante porque eu queria chorar... eu precisava chorar entendi que eu tinha que viver o meu luto que eu tinha que... que que chorar era o meu momento aquele ali era de chorar era de desabafar era de... enfim... só que as pessoas não querem/as pessoas não sabem lidar com... muitas vezes as pessoas não sabem lidar com a pessoa que perdeu...Muito menos uma pessoa que perdeu um bebê... o que assim eu percebi/eu fugia dos meus vizinhos eu fugia das pessoas conhecidas porque eu... tinha medo que elas viessem me perguntar “e o bebê como é que vai?” e:: eu ter que explicar tudo eu não queria então por muito tempo eu me escondi... eu não queria ver pessoas conhecidas eu não queria ver os meus vizinhos porque as

peessoas me viram com a barriga e vendo sem a barriga a primeira pergunta é “cadê o bebê? como é que está?” eu tive que passar isso quando eu voltei a trabalhar... então muitos clientes muitas pessoas que me conheciam chegavam “ah e o bebê?”

### **Você chegou a ter licença?**

J: Eu fiquei... setembro e outubro... eu fiquei na verdade dois meses e pouquinho em casa eu resolvi voltar antes até por questão de ocupar a cabeça... questão de:: na verdade dei um rumo na minha vida sai de um emprego que eu tava... então pedi demissão não esperei nem a licença já pedi demissão saí então assim eu falei não eu vou mudar a minha vida a gente não sabe... o dia de amanhã... sabe... passei a refletir muito sobre isso... eu falei a gente tá aqui de repente num piscar de olhos você pode não tá... né... muita coisa assim você é:: e eu passei a refletir muitos é:: muitas coisas por exemplo... a minha fé... minha fé em Deus foi super abalada... eu pensava tá... um Deus tão grande que eu sirvo... me fez isso levou meu filho como assim? Princípios coisas que você pensa de vida... não eu levei sempre tudo tão certo sempre tão correto... e olhava assim às vezes é:: depois eu parei que eu entendi mas aquele momento tudo tão tumultuado os pensamentos às vezes via assim uma mãe com aquelas escadinhas de quatro cinco filhos andando na rua pensava... porque que que ela tem quatro cinco filhos e eu que queria ter um não tenho? Sabe naquele momento eu tava com os sentimentos tão abalados hoje eu já não penso assim mas naquele momento eu pensava tá olha lá com cinco não tem condições de criar e eu que teria pelo menos como dar pelo menos o mínimo necessário para o meu filho eu não tenho ele aqui... então eu pensava muitas vezes assim e eu eu mesmo notícias eu não conseguia ver o jornal... notícias principalmente com criança com bebês... não conseguia ver meninos... quando eu via bebezinho menino é:: eu passava mal... iss/não me sentia bem... menina não me era um problema se eu visse uma bebezinha menina... não não tinha nenhum problema... mas se fosse menino...



### **Impactava bastante?**

J: Sim... Então assim é:: você meio que sai... não sei abala tudo... tua crença teus princípios tudo que você acredita...

### **A forma como você vê a vida...**

J: A forma como vê a vida naquele momento os três primeiros meses foram os meses os piores assim de eu não conseguir comer de eu não conseguir dormir de eu... me sentir sufocada muitas vezes pela minha própria família que eu sabia que queria me proteger mas não sabia lidar... as pessoas não sabe lidar com o teu luto não saber lidar muitas vezes ouvi assim ah mas ainda bem que você não chegou a nem a ver e nem amamentar ele... aquilo pra mim tipo era como se poxa mas era meu filho eu não amamentei mas É meu filho... muitas vezes a pessoa chegar eu sei que às vezes as pessoas querem tentar ajudar mas não sabem como “ah mas você é nova logo tem outro”... não é substituível NUNCA... só que muitas eu ouvi muitas vezes isso “não logo você tem outro” “ah que bom que você não viu ele falar pela primeira vez que bom que você não amamentou que bom que você não viu ele andar”... tá isso não faz diferença no meu amor meu sentimento de mãe... só que as pessoas não sabem lidar com... com... perda gestacional [fungando]

### **Parece que você tá falando que as pessoas não reconhecem né o sentimento que você tinha por esse bebê...**

J: Não reconhecem como se:: é:: tendo/hoje tendo por exemplo o João... eu vejo que as lembranças são diferentes mas o amor o amor é o mesmo... você vai ter uma mãe que perde um filho lá com seus quatro cinco anos ela vai ter lembranças diferentes do filho... mas o amor de mãe... independente lá de tá lá com:: quatro semanas de gestação ou tá sei lá tá com vinte trinta anos uma pessoa... mas enfim o sentimento é o mesmo só que muitas pessoas parece que não reconhecem isso como se é::... não não há simplesmente a perdeu

logo você tem outro... é substituível... muitas pessoas é:: é:: como não sabiam lidar comigo também fugiam de mim... muitas pessoas eu via que me evitavam...

**Então o que você tá me dizendo é que parece que as relações sociais também ficavam bem complicadas pra você...**

J: Sim... abalou bastante... num primeiro momento eu que fugia das pessoas eu não queria ter contato eu não queria ver pessoas conhecidas eu não queria conversar é:: muitas me mandavam mensagem queriam saber como é que eu tava me ligavam não eu não quero falar eu não quero responder mensagem eu não quero ter ligação eu não quero ver ninguém... foi assim um sentimento de isolamento me isolei nos primeiros dias... nos primeiros meses uns dois três meses porque depois eu/que eu voltei a trabalhar as coisas foram se engrenando de uma forma diferente mas assim os primeiros três meses foram... eu me isolei realmente abalada tudo... tanto da minha parte que não queria ver como das pessoas que também por muitos não saber lidar comigo preferiam fugir... outros que vinham falar comigo mas que acabavam falando coisas que me deixavam triste... ao invés de me ajudar acabavam piorando a situação... né e assim... o/tudo isso serviu de uma forma tá se colocar no lugar do outro... isso amadureceu muito a visão a empatia você... de por exemplo eu não sab/eu NUNCA imagiNEI passar por uma situação dessa e nunca imaginei tá o sentimento de uma mãe que passava por isso que passou por uma perda... que teve uma perda seja com menos semanas com mais semanas enfim com um bebezinho pequeno... nunca imaginei porque eu nunca tinha perdido alguém tão próximo assim...Né foi o primeiro vamos dizer assim... baque realmente que eu levei a rasteira que eu levei...

**E como que foi pra você depois? Você falou que depois você voltou pro trabalho as coisas começaram a mudar um pouco**

J: Uhum... eu voltei nas primeiras semanas que... por exemplo pessoas que não sabiam do ocorrido chegava e me perguntava e o bebê já tá grande? E aí eu tinha que explicar que aconteceu olha isso isso e isso... nos primeiros que eu tive que falar foi bem difíceis assim a sensação... de responder olha meu filho morreu... né... então:: muitos muitos me perguntavam isso porque acompanharam tavam ali comigo durante os nove meses praticamente vendo a barriga crescer então vinham e questionavam... só que depois disso quando eu voltei eu falei não eu vou dar um:: eu vou virar a minha vida eu vou mudar... eu vou... eu tava/eu estava infeliz no meu trabalho eu falei não eu não quero mais ficar aqui...eu não vou continuar eu vou mudar eu vou... e foi aí que eu pedi demissão... eu fiquei mais um mês e pedi demissão... e::: enfrentar tudo isso assim como eu falei eu tomei medicação calmante nos primeiros meses até pra conseguir dormir pra conseguir é:: o final do ano daquele ano de dois mil e dezesseis foi... foi uma virada de ano foi a pior virada porque eu lembrei tudo né como se eu tivesse revivido tudo que eu passei no dia dezenove de agosto no dia que eu recebi a notícia da perda... todo dia dezenove até hoje eu não:: é um dia que eu passo praticamente o dia todo lembrando é como se eu revivesse... quando fez um ano foi...foi.. um dia muito ruim porque parece que revivi... tudo o que eu passei naquele dia... e no dia que eu perdi foi um dia chuvoso tava uma chuva imensa e no dia dezenove do ano passado a mesma coisa então assim parece que o clima ajudou tudo ajudou para que voltasse aquele dia... e hoje assim.. lógico lembrar... lembrar dói... lembrar... é:: só que ao mesmo tempo é bom falar... do do Caetano... é eu passei por uma situação difícil quando eu engravidei e era outro menino porque muitas vezes eu chamava meu bebê de Caetano... então assim foi bem difícil porque eu começava a chamar ele de Caetano e daí quando eu me tocava eu começava a chorar... mas o João chamava por Caetano... teve um período que eu me sentia poxa... não é é outro só que depois eu... /não as pessoas/teve muitas pessoas que

não esqueceram do Caetano tem muitas pessoas que ainda lembram dele então eu tenho que me sentir feliz porque a memória dele não foi apagada... têm muitas pessoas que ainda lembram dele... hoje isso não acontece mais então depois de seis meses a coisa já mudou mas:: assim enfrentar relembrar... eu guardei todas as coisas eu não me desfiz de nada do que a gente tinha comprado tudo azul os móveis roupas enfim... só os produtos de higiene na época que eu doe... questão de validade e tudo mais mas o restante eu guardei e hoje eu uso tudo... como eu falo o meu bebê arco íris [risadas]... hoje eu uso tudo nele... mas:: é uma situação que eu nunca imaginei como eu falo é a pior dor do mundo

**E como é que foi quando você descobriu que tava grávida do João, como é que foi... estar grávida de novo após essa perda?**

J: Foi:: um... quando eu descobri na verdade eu não estava esperando foi uma surpresa mesmo de... vamos dizer assim não foi algo a não eu vou engravidar agora... não até porque minha médica tinha pedido um ano né... de de intervalo só que com sete meses eu acabei engravidando... E:: foi no dia das mães de dois mil/do ano passado... foi um dia assim que eu chorei muito eu tinha a minha mãe ali do meu lado... mas ao mesmo tempo eu queria o meu filho do meu lado... então assim vendo as mães comemorando redes sociais tudo mais foto com filho foto com não sei o que é:: bebês da época que nasceram no mesmo período que era pro Caetano nascer... meu marido teve uma filha de dezoito anos na época que também estava grávida e ela teve o bebê dela no dia dez de agosto... no dia dezenove de agosto nós estávamos grávidas juntas e assim... é:: no começo eu não consegui enfrentar o filho dela... né... hoje já vai fazer dois aninhos então eu já consigo ver de forma diferente... mas na época foi bem difícil

**É um menino?**

J: É um menino também... então assim tudo isso foi bem difícil então enfrentar a... os bebês que nasceram naquela data/no mês próximo então já né com suas mães comemorando dia das mães o dia das mães do ano passado foi bem ruim assim pra mim só que eu não sabia que eu já estava grávida no dia das mães do ano passado... e eu comecei a passar mal comecei a passar mal... resolvi fazer o exame e O positivo e aí aquele início de sentimentos... uma revolução de sentimentos... tá eu tô traindo a memória do meu filho... primeira coisa que veio tipo tá... eu quero ser mãe novamente era o que eu pensava eu quero ter um novo filho... mas:: e tá e o que o Caetano tá pensando de tudo isso? Era o que vinha na minha cabeça, eu tô traindo a memória dele... É como se eu tivesse... é:: não... tô esquecendo ele...

### **Um conflito...**

J: Um conflito de sentimentos você/eu tava feliz... por um lado mas por outro lado eu pensava tá mas não é certo isso... era o que eu pensava na época... quando eu descobri que era um menino eu tinha em mente não é uma menina é uma menina é uma menina né... e eu acho que eu queria talvez que... o meu sonho sempre foi ser mãe de menino... eu nunca me imaginei mãe de menina... só que quando eu descobri que tava grávida eu pensei não eu quero uma menina porque aí não vai ficar aquela coisa aí é substituição... eu vou comprar roupas novas eu vou mudar de azul pro rosa eu vou fazer tudo diferente... e:: eu tava naquela não é uma menina... e aí eu fiz o exame de sexagem fetal tava com... dez semanas eu já descobri o que que era... quando a gent/quando eu abri o resultado um menino... foi um novo... um novo:: abaLO vamos dizer assim porque a o meu sonho é ser mãe de menino... é o meu sonho um menino... mas ao mesmo tempo tá mas e agora... e eu lembro (incompreensível) a primeira vez que eu confundi eu fui falar o nome do João e falei Caetano... eu lembro do momento eu lembro da cena e eu lembro o quanto eu chorei... o quanto eu me desesperei porque aí eu pensava eu estou traindo a memória do

Caetano e eu não tô dando o amor que o João merece... Então era o que vinha minha cabeça... foi em maio... mais ou menos até agosto... agosto setembro foram meses bem difíceis no sentido... tudo me dava medo... não... vai acontecer de novo... aí eu não tô sentindo mexer... até um aparelhinho pra ouvir o coração eu comprei pra poder ficar ouvindo é:: então todo dia ali pelo menos duas três vezes por dia eu tava lá mexendo pra ouvir o coração... só que teve/tinha momento que por ser pequenininho e tudo mais o aparelho não ser um aparelho profissional e tudo mais eu não conseguia ouvir... e isso me desesperava... aí meu marido tinha que me acalmar assim o apoio do meu marido durante esse processo todo foi bem importante pra mim... eu digo ele foi o meu alicerce ele que se manteve forte todo o tempo pra que eu pudesse me manter forte pra que eu não desmoronasse... então o apoio dele durante todo esse tempo foi... de extrema importância... sei que muitos casamentos acabam depois de perdas... então assim... depois de perdas gestacionais e perdas de filho enfim acho que em qualquer idade... teve momentos de abalo sim no nosso casamento... de conversas duras da parte dele no sentido tá se não fosse por mim talvez a gente não tivesse perdido o Caetano ... ele se culpava também... por me fazer sofrer... tudo aquilo... e eu colocava não independente se é/fosse com ele o pai do meu filho ou outro quem sabe eu passaria por isso a mesma coisa não é que ele é o pai do meu filho por isso que... que eu perdi... hum:: né... mas ele foi o meu alicerce embora tenha momentos que eu tive que puxar ele dizer não... não é bem assim que as coisas funcionam... mas foi ele que sempre me deu apoio... mas assim até agosto a dificuldade de não conseguir ouvir às vezes não sentia mexer... né foi bem difícil a partir disso a coisa já/sentia mexer então... tive um acompanhamento muito bom é:: um especialista (incompreensível) de alto risco porque aí eu fui encaminhada pro alto risco né... por/pela perda... porque assim fizemos todos os exames pós... pós perda... e até hoje eu não sei o que aconteceu... ele não tinha nada de anormal eu não tive nada durante

a gestação fiz exames de trombofilia e outras coisas que poderiam ser causas da perda e eu não descobri... isso é uma coisa que me... até hoje assim é:: uma coisinha que machuca porque você não saber você não ter respostas.... o que aconteceu? se eu soubesse eu talvez... fosse melhor pra poder digerir toda essa situação... mas eu não sei... eu não sei o que houve ele era perfeito... enfim... e até hoje eu não sei... e aí... a nova gestação com trinta e cinco semanas eu não senti o João mexer... com trinta e quatro semanas... final de dezembro do ano passado... a data previsão do parto era final de janeiro... e eu não senti mexer... vamo pra maternidade... fui correndo pra maternidade aquela espera aquela sala de espera a mesma do do Caetano... aquela sensação angustiante de você não eu não tô sentindo mexer o que está acontecendo? né... eu passei o dia inteiro eu comia gelada alguma coisa assim ele sempre se mexia aquele dia ele não se mexeu... não eu falei tem alguma coisa de errado... aquela sala de espera... você revive revive praticamente tudo que eu passei lá na perda no dia da perda no... eu tive que passar novamente com a nova gestação... de tá lá de não conseguir ouvir... só que quando eu entrei a médica foi e conseguiu ouvir o coraçãozinho... fui encaminhada pra fazer acompanhamento os batimentos dele estavam muito elevados estavam muito altos os batimentos e:: eu não/só fiquei sabendo depois mas se tivesse vaga de UTI neonatal naquele mesmo dia ele já/o meu médico já faria o parto... só que ele não quis me preocupar eu só fiquei sabendo disso depois... ele tentou vaga de UTI neonatal em outras maternidades de Curitiba mas não conseguiu também... enquanto isso eu fiquei internada alguns dias... fiquei quatro dias até o parto... eu fiquei internada uma::/com médicos ali todo momento acompanhando os batimentos... verificando a minha glicemia... enfim fazendo vários exames de/prá acompanhamento porque a gente como não sabia o que tinha acontecido com o Caetano... e:: aí com trinta e cinco semanas o meu médico (incompreensível) acho não não tem como esperar mais vamo fazer a gente não sabe o

que aconteceu não vamos correr o risco de seguir adiante... e aí prematuro... né... aquele medo... e aí uma UTI neonatal... foi (incompreensível)/ precisa... conseguiram vaga pra deixar de reserva caso precisasse... graças a deus ele nasceu e não precisou de UTI MESMO sendo prematuro então foi tudo bem ocorreu tudo certinho deu tudo... é::... a maternidade em si... a maternidade [mesma maternidade em que fez a cesárea do Caetano]... é:: como se:: eu tivesse repaginado aquele local... dado um novo sentido porque muitas vezes eu passava em frente antes do João e... não tinha como reviver tudo o que eu passei ali... e o sentimento era de tristeza... era de... de chorar... era de... enfim... é:: um sentimento ruim em relação aquele local... o físico ali... após a a vinda do João parece que mudou tudo... assim... a saída da maternidade eu meu marido e meu neném eu não saí mais de braços vazios daquele local... né... então foi como se eu acho que resig.. resignificar [risadas]... foi mais ou menos isso assim dá um novo significado pra tudo aquilo ali que eu tinha vivido naquele local... e:: não é esquecer porque não vou esquecer nunca... é uma coisa que não tem como... né... mas é:: hoje em dia eu tenho... uma nova visão... eu tenho a quem... uma pessoinha que ocupa vinte e quatro horas do meu dia ali [risadas]... então assim hoje eu já consigo ver de uma forma diferente lógico como eu falei então assim eu até aceitei participar e tudo mais porque eu sei o quanto uma ajuda psicológica... faz a diferença porque eu tive esse amparo... de uma psicóloga... então eu sei o quanto isso me ajudou... durante esse período... eu só parei de fazer na verdade no ano passado... que eu acabei não olha tô bem tô melhor então vou tentar agora seguir com as minhas próprias pernas... mas assim eu sei o quanto foi importante esse acompanhamento... a preparação dos próprio hospital dos próprios é:: médicos enfermeiros enfim... meu tratamento... eu não sei se isso fez diferença ou não mas por exemplo quando eu estava lá com o Caetano eu tinha uma cor diferente de pulseirinha eu não se isso era uma identificação por exemplo de um natimorto pra que nenhum



funcionário chegasse e perguntasse ah e como é que vai o bebê? uma coisa nesse sentido então eu tive isso... coisa que/eu entrei em muitos grupos de mães nesses facebook e tudo mais eu entrei porque na época eu precisava... não eu quero é:: será que isso aconteceu só comigo? eu não tinha noção tipo aí quantas mães que isso acontece... eu não tinha essa visão... e eu precisava ver né... eu precisava ouvir/ver que isso não era só comigo... de certa forma soa meio que egoísta tipo não você quer ver que não é só com você mas aquela época eu precisava... não não fui/eu não fui a única que passei por isso... né... então eu entrei em muitos grupos de mães... conheci um grupo é:: que é o grupo de (incompreensível) que acho que é do Rio de Janeiro se não me engano... que tem livro inclusive com várias histórias também... então assim aquilo... ler aquelas histórias de mães né as histórias de superação dessa fase complicada... aquilo tudo me ajudou e eu passei a ver... não é:: eu tive um amparo que muitas não tiveram... seja na questão seja dos profissionais que estavam comigo na hora da perda porque muitas/muitos relatos eu via não... de chegar e sofrer violência... obstétrica... de sofrer... psicológica até mesmo enfim... várias situações que eu não passei porque eu tive profissionais que estavam preparados pra lidar com aquela situação... então o quanto isso é importante... e pra mim pelo menos fez muita diferença...

**E como é que é pra você falar hoje sobre isso né... sobre a tua experiência... relembrar toda essa situação?**

J: Emociona... pode ver [risadas] porque... revive.. é como se revivesse tudo... até depois que a gente marcou e até mesmo já tinha deixado marcado pra hoje e tal... então assim muitas vezes eu passava num lugar a na:: na:: na escola de natação que eu acabei tava fazendo hidroginástica quando eu estava grávida... você vem na mente não olha aqui do Caetano eu fiz hidroginástica naquela época né... então coisas assim você acaba revivendo muita coisa... e:: como eu falei é bom falar porque é meu filho... muitas

peessoas não querem falar mas:: ele é meu filho... ele é:: é uma parte minha... é:: enfim é um pedacinho meu... tanto que me perguntam a no começo me perguntavam quantos filhos você tem? dois... né... na época quando me perguntavam eu nunca falei não eu não tenho filho... não eu tenho um mas tá na céu... então assim sempre respondi e tenho dois filhos...

**Ele tem um lugar... né... dele...**

J: Sim... é o lugarzinho dele... isso nunca ninguém vai ocupar independente se eu tiver mais filhos não sei se... isso vai acontecer ou não... mas enfim... é o lugarzinho dele... ele é o meu primeiro filho é o meu primogênito é... enfim... é o lugarzinho dele... eu não tenho fotos dele... mas eu tenho na minha memória como que ele era a carinha dele o rostinho as mãozinhas os pézinhos... é:: eu não pude viver muita coisa com ele foram os nove meses de gestação apenas... mas ele é meu filho... né... é o meu filho é isso nada vai mudar... então reviver assim... emociona mas:: ao mesmo tempo é bom falar dele

**Então tá bom o que eu acho que eu tinha que perguntar era mais isso... mas se tiver alguma coisa que eu não perguntei que você queria me contar ou alguma coisa que você queira complementar fique bem à vontade.**

J: Uhum... acho que seria isso mesmo que... como eu falei o que eu precisava na época de ver que outras mães passaram por isso... que ao mesmo tempo eu falava que egoísta da minha parte mas ao mesmo tempo... não eu precisava ver que tinha/que isso ocorria fora... porque eu nunca tinha ouvido falar... eu nunca tinha me atentado pra uma situação dessa... eu tava tão focada na gestação no bebê no futuro nos planos que é uma coisa que nunca passa na cabeça né... então é... você voltar a si... isso foi bem importante vamos dizer assim... quando você para e coloca os seus sentimentos no lugar... você né... é:: isso foi bem importante como eu falei quando eu voltei a trabalhar que aí muita coisa mudou muita situação... nós mudarmos de casa de apartamento também logo em

seguida... porque assim eu vivi a minha gestação no apartamento que a gente morava... então tudo ali tinha lembranças... o quarto... tudo tudo tudo... cada detalhe daquele apartamento em que a gente morou tinha... um detalhe... nós em janeiro do ano seguinte foi em agosto que a gente/que eu perdi em janeiro a gente mudou... então assim... mudança de casa... mudança de endereço... assim parecia que eu precisava... mudar as coisas pra que eu me sentisse melhor... mudei de emprego como eu falei... é:: uma forma que eu encontrei de viver o meu luto... e eu passei pela fase da raiva eu sentia raiva né.. é::: enfim me sentia/me senti culpada depois entendi que não... não foi culpa minha mas muitas vezes eu me senti no começo... então mas eu entendi que eu precisava viver o meu luto... eu precisava... é::: desabafar... eu precisava... expor... eu precisava... não sei... de uma forma é::... expor os meus sentimentos... chorar...

### **Expressar...**

J: Expressar os meus sentimentos chorar desabafar... coisas só que muita gente ficava preocupada aí vai tar entrando em depressão... não porque tem que cuidar... porque isso... entendo que tem que cuidar mas muitas vezes as pessoas não tão preparadas pra dar liberdade pra mãe que perdeu o filho de... expressar tudo isso... de viver aquela fase... que ela precisa... e eu vejo que as pessoas não estão preparadas... as pessoas não têm... na verdade assim... meio que questão cultural de falar sobre a morte... a gente não tem o costume de falar embora seja uma coisa que vai acontecer né... independente de religião... fora isso... mas vamos dizer assim cada um tem a crença enfim... mas independente disso é uma coisa que vai acontecer pra todo mundo... mas a gente não tem aquela coisa de enfrentar a morte...

### **Sim... e ainda mais daí a gente falando de um bebê né... que espera tanta vida**

J: Sim a ordem... fugiu da ordem natural... a ordem era o Caetano me enterrar... a gente teria aquilo na cabeça não o filho vai enterrar o pai uma ordem natural das coisas... daí

de repente você se pega enterrando o seu filho... fugiu totalmente da ordem... na tua cabeça é... não tá certo isso... e foi assim... acho que... o que eu... vivi... o que eu ainda vivo... como eu falei todo dia dezenove. É bem complicado porque eu conto os meses... né.. é difícil por exemplo com lembranças a no facebook né... ontem mesmo tinha uma ecografia que eu tinha feito lá em dois mil e dezesseis tinha a carinha dele lá na ecografia 3D... então assim.. são lembranças que vem... hoje eu já consigo enfrentar de uma outra forma... mas no primeiro ano... da da perda e tudo mais... rever todas essas lembranças que a o facebook mostrava lá... era bem difícil... assim de de..

### **Passar as datas também né... ano novo... primeiro dia das mães...**

J: Primeiro dia das mães... ano novo... né... dia dos pais... porque não sabia como lidar com o meu marido em relação ao bebê... é tudo isso... assim as datas comemorativas... o final do ano... um ano de de falecimento... um ano da perda porque foi realmente um dia bem difícil... não sei como vai ser por exemplo agora com dois anos... né porque é:: eu tenho um serzinho ali pra cuidar... mas isso não paga o que eu vivi... como que eu vou lidar? eu não sei... é meio que um dia de cada vez assim... é um::... dia de cada vez... e você nunca sabe... no início também é assim muitos altos e baixos... numa hora você tá bem numa hora você não tá... uma hora você... a não... e aí quem te vê sorrindo a não já superou... não é isso você tá seguindo a sua vida mas não quer dizer que você tá sorrindo ou porque você voltou a trabalhar como foi no meu caso que voltei com três meses do ocorrido... eu não fiquei toda licença... não já superou... não... não é isso... as pessoas não sabe o que acontece dentro de você... as pessoas não sabem o que você passa... elas não conhecem a tua história... e muitas vezes acabam te julgando pelo que vêem pela aparência... pelo... a não tá sorrindo tá super/já tá tudo bem... não era assim...

### **Você se sentiu julgada às vezes?**

J: Sim... muitas vezes...

**Acho que é bem complicado as pessoas não sabem lidar muito bem com o luto em geral e não entendem que é essa oscilação mesmo de sentimento e dias...**

J: É o dia bom o dia ruim... dois dias bons e outro dia assim... é altos e baixos... um dia você acorda bem outro dia você acorda... é:: péssima porque você não dormiu a noite porque ficou pensando no/relembrando tudo o que aconteceu... o que você deixou de viver e tudo mais... é meio que na perda que eu não vi o meu filho chorar... você fica pensando tá como seria? como seria o chorinho dele? como seria ele andando? como seria né? então tudo isso você não viveu você perdeu... parte ali do futuro do que você tinha imaginado... a tua referência de futuro foi tirada... e assim... de uma hora pra outra de uma forma... é:: sem um prévio aviso você não pode se preparar... você... no meu caso por exemplo que não tive nada antes que... né... justificasse ou que... amenizasse aquilo... te desse resposta... eu não tive uma resposta... e não tenho uma resposta ainda... mas é o saber lidar... é o saber lidar até com as pessoas... e isso a/pelo menos comigo foi assim... mesmo essas pessoas que vieram e falaram coisas que na época eu... me senti mal me senti triste... mas o saber lidar elas não sabem lidar com o luto né... então... o até saber lidar com elas... pelo menos isso comigo foi transformador nesse sentido... saber lidar com as pessoas... foi nesse sentido [risadas].

**Então tá bom J. eu acho que é isso...**

J: Espero poder te ajudar de alguma forma... [risadas]

**Com certeza, eu agradeço de coração por você ter topado o convite muito obrigada por se dispor a falar e contar da sua experiência... né... como você falou aí tem um lado que é bom mas mexe muita coisa também né eu sei disso... então agradeço de verdade por você ter vindo por ter se disponibilizado... ainda mais com um pequenininho aí fora... [risadas] muito, muito obrigada.**

J: Eu que agradeço.

**Entrevista V: Jarid****Jarid, me fala um pouquinho quantos anos você tem... com que você trabalha?**

Olha, eu tenho 30 anos, faço 31 no próximo mês. Sou técnica de enfermagem, trabalho atualmente no centro clínico hospitalar da \*\*\*\*\* . Tenho dez anos de profissão, eu trabalhei a minha vida toda em UTI geral e atualmente trabalho com idosos da parte clínica e cirúrgica com cuidados integrais com eles.

**E é casada?**

Sou casada, não tenho nenhum outro filho, só o bebê que perdi. Fiquei separada e a gente tá retornando faz... Vai fazer um mês agora. A gente separou durante o processo do luto. Foi bem difícil...

**E quando que foi que você perdeu o teu filho?**

Eu perdi o Abel... eu descobri no dia 13 de março de 2017, o parto foi no dia 14 de Março né?

**Fez um ano agora?**

Fez um ano agora...

**Um ano e dois meses.**

Um ano e dois meses. Bem recente...

**Pois é.**

Né? Foi com 38 semanas de gestação... que mais você quer saber?

**E como foi para você perder o teu filho?**

Ah é um baque né? Porque você não imagina que você vai passar por isso né? Na verdade, você lê que acontece essas coisas, mas você não acredita que vai acontecer com você. Então, para mim, eu achava que tava assim tudo bem, até então era uma gestação tranquila sem nenhum problema, sem risco nenhum... E de repente do dia para noite você não sente

o teu bebê mexer, fica preocupada, vai no médico e não tem mais batimentos cardíacos. Então foi um baque, foi muito, muito, muito difícil. Foi como se eu tivesse sido amputada assim. Eu sempre falo que parece que faltou um pedaço teu, porque era uma gravidez planejada, desejada, tudo pronto e de repente você sai do hospital de braço vazio né? Não tem nada, a única coisa que você tem é uma certidão de óbito. Então para mim foi muito difícil, foi um processo que... É doloroso até hoje, eu tenho ainda uns altos e baixos tem dias que tô bem... Tem dias que lembro de alguma coisa e fica triste, chora porque é normal né?

**Sim...**

Mas não foi nem um pouco fácil, não é fácil. Acho que é a pior dor que qualquer ser humano pode experimentar é perder um filho. Você tá preparado para tudo nessa vida. Você se prepara para o ciclo natural da vida que é crescer, nascer e crescer, viver e chegar à vida adulta, à idade mais velha e morrer, mas não o contrário né? Então, é um choque muito grande, difícil de aceitar no começo. Mas você aprende né? Não tem outra saída. Ou você aprende a viver com isso ou você vai passar o resto da vida chorando. Então não vale a pena assim né? Tem que procurar outros meios e seguir em frente.

**E como é que foi para você procurar outros meios assim?**

Ah, no começo foi difícil! Porque assim, como eu sou da área de saúde, eu sabia que sozinha não ia conseguir e eu via que tava meio que surtando, chorava dia e noite, não aceitava e daí você briga com Deus, e questionava muito Deus... Por ser religiosa, o pessoal fica (incompreensível). Daí você escuta uns absurdos também, por exemplo, eu escutei “como que eu fui deixar isso acontecer se eu tô na área de saúde, sou uma técnica de enfermagem, como que eu não percebi que meu filho estava morto dentro de mim?”. E daí você também fica doida, você fala “meu Deus realmente, que incompetente que eu sou... Eu trabalho com vida e não vi isso, não vi que tinha alguma coisa errada”. Mas

enfim, para mim buscar outros meios eu fui procurar [psicoterapia voltado para o luto], porque sabia que eu precisava de uma ajuda de algum psicólogo de alguém que entendesse que me mostrasse que eu não tava louca, que era tudo normal que eu tava sentindo. Porque você pensa que você tá entrando em depressão, que você tá doida, que você não vai mais conseguir viver e só que eu não queria qualquer psicólogo... Eu pensava assim que é um assunto assim tão complexo que não dá não dá para qualquer um chegar e conversar comigo. Quem não estudou sobre isso não vai entender o que eu tô falando, não vai saber o que falar para mim vai me falar os jargões que todo mundo fala isso já cansei de escutar. E daí eu encontrei [psicoterapia voltado para o luto], na internet -que é uma santa né que a gente acha tudo - e fui procurar as meninas lá, as psicólogas, e daí elas têm um grupo de apoio e foi uma benção pra minha vida. Porque eu vi assim que eu não era a única. Você se sente muito sozinha, pensa que é só com você...

### **Você se sentia muito sozinha?**

... que acontece. Aham. Você vê na internet os casos, mas pensava assim “mas não pode, eu não conheço ninguém, não vi ninguém que aconteceu a mesma coisa que eu”. Daí eu cheguei lá e me deparei com mais seis mulheres que tinham passado pela mesma situação. Daí aquilo foi de uma certa forma um conforto, porque eu pensei eu não sou a única, eu não tô sozinha. E eu via elas falar as coisas delas e eu pensava assim “Ah então também elas se sentem assim”, tipo “não é errado” sentimentos que eu tinha, por exemplo, que eu não conseguia ver mulher grávida. Eu me sentia mal. Não desejava mal para elas, mas eu ficava com ciúmes, uma inveja dentro de mim, de porque que conseguiu ela. Os outros conseguem e eu não. Eu via que elas tinham os mesmos sentimentos que eu, então para mim isso foi importante, poder ver isso. E a parte do processo do luto que a psicóloga explica que o luto... Eu chegava e falava assim “não, mas ontem eu tava tão bem... Hoje eu chorei o dia inteiro”. E ela falava “é normal, é normal, é assim, assim assado”, e



explicando e tudo. E isso me ajudou muito a compreender assim e aceitar que é assim: “Calma, é devagar, é doloroso, é difícil”, mas é o dia a dia e você tem que ir enfrentando cada coisa que vai acontecer no seu dia a dia. São situações terríveis que a gente passa, escuta coisas absurdas que você jamais imagina escutar, mas você aprende a lidar com elas. Cada um tem uma forma... Eu via assim as meninas, algumas eram mais fechadas quando alguém magoava elas, elas ficavam quietas, choravam. Eu sou bocuda, então respondia “É, porque não sei o que! É assim, assim que não sei o quê!” [gesticula com energia]. É meu jeito de lidar com as coisas. Então cada uma tinha uma maneira de lidar, mas foi muito, muito importante para mim ter participado do grupo com as meninas ter conhecido elas e depois a gente criou um vínculo de amizade que a gente tem até hoje e daí a gente criou o grupo de apoio na internet daqui de Curitiba que a gente viu que não tinha nenhum formado por Mães que passaram por isso. Então para mim assim, eu falo que se não fosse por elas, pela [clínica de psicologia voltada para o luto], e pelo grupo que a gente criou na internet, eu... eu acho que não teria conseguido não... Teria sido muito difícil... A gente deu muito suporte uma para outra assim. E até hoje a gente vê assim que quando uma tá mais pra baixo: “que que foi? que que aconteceu?”. As angústias... A maioria tá tentando engravidar novamente... Então todo aquele peso de “Ah será que eu vou conseguir? Será que dessa vez vai dar certo?”. Foi muito bom assim, ajuda bastante...

### **Elas ajudam bastante...**

Bastante [riso], bastante. Elas são fundamentais assim. Eu falo que de todas as minhas desgraças de 2017, um presente grande foi... Foi ter conhecido elas. Me ajudaram muito.

### **Que bom...**

[risos]

Você falou desses sentimentos todos que vinham assim no começo. Que sentimentos que eram?

Ai, raiva, a culpa é o principal, é o que sempre vem, é o primeiro sentimento que você sente é o de culpa.

**É?**

É, porque você pensa assim, meu corpo foi feito para gerar e automaticamente para você proteger aquele bebê. Se alguma coisa não deu certo então, eu falhei. Então você vai sentir culpada, eu me sentia muito culpada e às vezes o sentimento de culpa ainda bate... Um ano depois... Mas aí eu penso, “ai meu Deus se eu tivesse feito tal coisa, se aquele dia que eu fui no médico eu tivesse brigado eu podia ter feito a cesárea e tal”. A culpa é o principal que a gente vai carregar para sempre, porque parece que teu corpo te traiu de alguma forma... E depois é a raiva, a raiva de Deus, briga com Deus, eu falava que não acreditava mais em Deus, que não queria saber mais de Deus, que Deus não me ajudou. Que Ele ajuda tanta gente, porque que comigo não deu certo? E a inveja você sente... Inveja dos outros, você vê outra família feliz com seus filhos “porque que comigo não deu certo?”. Mas não é uma inveja assim ruim. É uma inveja é uma pena de você mesmo porque você pensa assim eu sou um nada né porque para os outros dá certo comigo não dá. Que mais que eu sentia? Raiva, ah inconformismo! Acho que você sempre para o resto da vida é... inconformada. É difícil aceitar assim, você fala que... eu sempre digo, os outros falam assim você vai superar... Você não supera uma perda dessa. Você aprende a ressignificar e aí a viver a dessa maneira. Superar não supera, você vai passar o resto da vida carregando isso. Mas tem que aprender a sobreviver a isso, não tem outra saída... E isso você vai... com o tempo né? Que você vai sentindo... porque no começo você pensa que vai morrer junto, que acabou tudo para você, você não tem mais chance de ser feliz, não tem mais chance de nada... Daí eu ainda vivi o processo de divórcio dois meses depois

que o meu bebê morreu, porque daí eu e meu marido... Devastou meu casamento assim, eu fiquei de um jeito tão transtornada e eu cobrava ele, porque homem sente de uma maneira diferente.

**Você sentia isso?**

Sentia aham, eu cobrava ele, eu queria que ele demonstrasse mais, que ele chorasse, que ele falasse, mas o homem não é assim. Hoje em dia eu sei. Ele vive da maneira diferente deles e que eu... causou lá várias brigas entre a gente e acabou que a gente separou. E agora um ano e dois meses depois, um ano depois que a gente está voltando, tentando reiniciar nossa vida de novo, mas porque eu melhorei psicologicamente, porque eu passei aceitar melhor as coisas e entendi que não adianta eu cobrar ele, que ele vai sentir de uma maneira que é diferente da minha. Para mim tudo vai ser muito mais intenso. Eu vivi as dores, eu carreguei na barriga. Pro homem é diferente. Então você aprende com o tempo. Com o tempo eu aprendi isso. Mas no começo foi bem difícil, então eu ainda falo, eu falo ainda para as meninas: ih, mais ferrada que eu não tem, eu vivi dois... o meu filho morreu e em seguida o marido foi embora de casa! Vivi os dois e tive que aprender a viver com isso e depois ainda fui mandada embora do emprego ainda. Um emprego de 4 anos. Então foi tudo junto assim, um monte de coisa... Mas você não tem o que fazer, você tem que erguer a cabeça e seguir em frente, não tem outra saída. Ou é isso ou é a morte. Eu não tenho coragem de morrer, eu quero viver bastante [risos], então tem que enfrentar, não tem outro jeito, você aprende a viver com esses sentimentos, que às vezes ainda vêm. É inevitável, às vezes... mulher grávida não tenho mais dificuldade de ver, mas bebê eu ainda tenho... Principalmente menino, porque daí eu lembro que era... meu filho poderia estar... ou, por exemplo, uma amiga minha que engravidou na mesma época, o bebê dela nasceu dois dias depois do meu. Quando eu olho e vejo foto, isso me abala, mas não me abala de uma maneira ruim, me abala assim de uma maneira que eu penso: Puxa, que

pena que não deu pra mim. Que bom que deu para ela, que bom que ela tá feliz. Mas abala, não tem como. Vai ser uma comparação que eu vou fazer o resto da vida. Toda vez que eu ver a filha dela, vou lembrar do meu filho que teria a mesma idade, é inevitável. Mas você vai aprendendo a viver, esses sentimentos vai diminuindo assim. E a culpa... Raramente eu sinto... A não ser quando vejo alguma coisa, leia na internet algum assunto, algum caso parecido com o meu... Eu penso: poxa se eu tivesse feito isso e tal seria diferente...

**Fica vindo essas perguntas assim do que poderia ter feito diferente?**

Sim. Sempre, sempre vai vir né? Não tem como não vir, né? Sempre vai vir né? Porque no meu caso eu entrei em trabalho de parto com 35 semanas, eu perdi líquido amniótico, fui para o hospital, mas eu não sabia que era trabalho de parto, porque a dor para mim era muito leve. “Ah! Quando você entrar em trabalho de parto você vai saber”. Aí eu senti aquela dorzinha, para mim era super tranquilo, mas eu fui para o hospital pra “vamos ver se tá tudo bem”. Cheguei no hospital eu tava em trabalho de parto e tava perdendo líquido amniótico sem eu sentir e o médico não quis fazer o parto na época. Ele falou que com 35 semanas era considerado prematuro e que ia segurar e daí ele fez vários medicamentos. Segurou, parou o trabalho de parto e dois dias depois me deu alta e eu fui para casa. Eu passei os outros 15 dias bem. Tava tudo ótimo, sentia o bebê mexer e daí quando foi para completar 38 semanas é que eu não senti ele mexer. E daí também né? Mãe de primeira viagem... Você pode ser da área de saúde, você pode se a pessoa mais esperta do mundo, você vai acreditar no que os outros te dizem. Você não entende o que tá acontecendo com o teu corpo e eu lembro que eu falava “eu não senti o Abel mexer hoje”. “Ah, mas é normal, no finalzinho é assim mesmo, quase não mexe”. E eu passei um dia sem ele se mexer. E eu comecei a ficar encucada: não, não é normal, não pode ser normal, por mais que não tem espaço, alguma coisa ele tinha que mexer. E daí eu falei para o meu marido

“eu quero ir pro hospital, alguma coisa não está certa”. E já aquele sentimento de angústia né? “Alguma coisa tá errada, alguma coisa tá errada”. E dito e feito. A hora que cheguei lá e foram auscultar e não escutaram o coração eu já comecei a chorar. E o médico “não, vamos fazer uma ecografia com doppler e tal”. E daí como eu entendo um pouco de ecografia né? Eu olhei lá e eu já vi que não tinha movimento nenhum. E eu falei “ele tá morto. Ele morreu!”. E assim, para mim o mais difícil foi o processo todo ali do hospital... sofri violência obstétrica, foi totalmente desumano, não fui tratada com o mínimo de respeito... Foram “n” coisinhas que aconteceram e que me traumatizaram de uma maneira enorme assim. Eu não piso mais naquele Hospital, pode ser o melhor de Curitiba, não chego lá perto. Eu não confio naquela equipe, eu não confio em ninguém que tá lá, porque foram “n” coisinhas que foram levando... Depois que o médico falou que não tinha batimentos, simplesmente me deixou parada no corredor sozinha. Eu tinha acabado de receber aquela notícia, meu marido olhando, “e eu agora vou para onde? o que que eu faço?”. Eu lembro que eu voltei na recepção do Hospital perguntar onde que eu ia, daí eu fui chamada por uma moça que me levou numa sala de um outro médico que tava me atendendo, daí eu cheguei lá e eu lembro que eu liguei para minha família, liguei para minha mãe contando... De repente, já começou a surgir gente de tudo que é lado da família no hospital e daí o médico de plantão que me atendeu, ele ligou para o meu médico. Daí o meu médico pegou e falou assim “não, então não”. Daí eu falei assim “tem que fazer o parto né? Porque ele tá morto, tem que tirar de dentro de mim”. Ele falou “não”. Eu falei “faça a cesárea logo, assim eu tiro o peso que está dentro de mim, eu quero me livrar dessa dor”. Que eu achava que se tirasse o bebê logo, ia tirar de dentro de mim. E daí ele falou “não, vamos fazer parto normal e pronto. Você não tem opção de escolha”

**Isso o seu médico falou?**

Isso meu médico, aham. E eu fiquei muito brava. Daí eu falei assim “como não tem opção de escolha?”. Meu corpo, aconteceu comigo! Eu quero. Eu quero ter o direito de tirar agora, eu quero fazer uma cirurgia para tirar agora! Daí ele falou “não, não vai. Vai fazer parto normal. Nós vamos induzir e se não der certo, daí a gente faz cesárea. Do contrário, vai ser normal”. Daí me internaram né? Na hora, já me internaram direto no setor obstétrico para me afastar da minha família e isso eu agradeço, porque tava muita gente em volta de mim, cada um falando uma coisa absurda, um pior que o outro, então eles me deixaram a noite lá para me dar um ar pra respirar longe da minha família. No centro obstétrico, eu fui muito bem recebida pela enfermeira. Ela me abraçou, ela disse que tinha passado pelo mesmo, tal, foi muito bacana. No outro dia me mandaram pro quarto. Como eu tava induzindo o parto, não é tão rápido assim né? O colo do útero tava grosso, não ia ter um parto normal nem que eu quisesse se não fosse induzido. E daí fui pro quarto e daí eles liberaram para entrar família, tal, não sei o que. Daí você escuta aqueles absurdos. Vem uma tia lá não sei da onde falar que “ai que o filho dela morreu também, mas que supera que daqui a pouco você tem outro”. São frases assim que você escuta que você fala “ai meu deus do céu, por quê?”. E eu tava assim tão estado de choque só escutava e ficava olhando pensando “o que que essas pessoas tão falando?”. E daí eu lembro que no dia veio uma psicóloga do hospital falar comigo mas a preocupação dela não era se eu estava bem, era se eu achava que o médico tinha culpa. Ela não tava preocupada comigo, eu fiquei muito brava, porque eu querendo contar como é que eu tava me sentindo, não sei o que, como estava sendo difícil para mim lidar com a minha família... Tava sendo mais difícil lidar com a minha família do que minha dor... Mas ela falava toda hora “mas você acha que o médico foi negligente?”. Porque ela escutou no corredor um boato da minha família falando que ia processar hospital. Ainda falei para o meu marido “isso uma decisão minha! Ninguém tem a ver com isso! Minha família está especulando, porque na

opinião deles foi erro médico. Mas a minha pode ser que não, eu não sei, eu não parei para pensar sobre isso ainda. Eu só quero fazer esse parto logo para mim ir embora daqui”. E a preocupação dela era essa e eu fiquei muito brava. Falei “nossa, que absurdo! Ela tá preocupada se eu vou processar hospital ou não”. E depois teve outro erro que para mim foi gravíssimo, veio uma técnica de enfermagem verificar pressão, e assim, eu acho que tem que ter um mínimo identificação no quarto, alguma coisa, para você não cometer esse tipo de erro: a menina chegou para mim falou assim “e aí tá mexendo muito?”. Falei “não querida, tá morto”. Daí ela ficou branca assim, “ai, me desculpe, não sei o quê”. Ela disse “ah eu não sou desse setor”. Eu disse “não tem problema”. Eu falei “prontuário? Você sabe ler? Leia o prontuário do paciente antes de falar com ele”. Você não chega num quarto perguntando como é que a pessoa tá, se tá tudo bem. Primeiro que se tivesse tudo bem, ela não tava no hospital. Falei “você não pergunta se o bebê tá mexendo. Você não sabe o que aconteceu”. Daí eu fiquei no mesmo setor que todas as outras grávidas escutando chorinho de neném a tarde inteira e eu lá em trabalho de parto com dor e dor... E toque vinha um atrás do outro e eu não aguentava mais e eu via que as enfermeiras que vinham fazer toque tavam em treinamento, porque não sabiam, vinham com outro pra ensinar a fazer... Aquilo tudo foi me horrorizando, me horrorizando, e daí quando eu entrei em trabalho de parto efetivo, tava uma enfermeira minha que trabalha comigo lá e eu falei pra ela, falei assim “agora eu entrei em trabalho de parto de verdade chama a enfermeira, que o médico tinha falado que hora que eu entrasse em trabalho de parto era para avisar para me levar para o centro obstétrico. E daí ninguém queria vir, tavam conversando no posto de enfermagem. Daí minha enfermeira teve que ir lá e “porra! ela entrou em trabalho de parto agora! Tem que levar ela e não sei o quê!”. Daí se espertaram e daí veio um monte de gente me levar por cento obstétrico. E daí chegou lá e toda aquela dor, dor, dor e dor, eu já tinha pedido analgesia... Meu médico me enganou, ele falou que

faria assim que eu entrasse em trabalho de parto. Ele só fez com quando tava com sete centímetros de dilatação e eu gritando... E o meu organismo é tão forte que a analgesia não pegava por mais que o médico fizesse, fizesse, fizesse... Eu continuava sentindo dor... E daí veio a hora do parto, o bebê nasceu e o Abel tava sentado. Não viram nas ecografias. Então ele nasceu, nasceu primeiro o bumbum e depois o corpo a cabeça. Isso me lacerou, me rasgou inteira, e assim, na hora você tá com tua cabeça tão conturbada... E assim, a única coisa que eu pensava era “eu quero pegar meu filho, eu quero ter ele para mim”. Era importante. Daí o médico perguntou: você quer ver? Eu falei “claro!”. Daí ele me deu no colo e eu me lembro que eu fiquei muito, muito chateada assim... e eu com meu bebê morto no colo. Primeiro que durante o trabalho de parto, eu vi assim que eu gritava e tinha uma enfermeira que virava o olho para cima. Como aquilo me irritava! Aí teve uma hora que eu falei para ela assim “se você vai ficar levantando o olho para cima, saia da minha sala!” Assim “porque eu tô fazendo força sozinha, meu filho tá morto, ele não está me ajudando para sair, eu tô tendo que fazer toda a força sozinha para sair. Se você não pode ser solidária, saia! Porque eu não sou obrigada ficar vendo você fazer cara feia por trás”. Daí ela mudou a expressão, saiu e veio outra enfermeira me atender, porque eu falei “eu não vou ficar aqui com ela”. Eu ia levantar e ir embora. Eu falei “eu não quero essa mulher aqui levantando o olho toda hora, cada vez que eu grito de dor”. Eu falei “eu tô com dor eu vou gritar!”. Eu falei “eu tô pagando por tudo isso, por esse atendimento ainda, então é um direito meu sim!”. E daí eu peguei e pedi para ver o bebê e peguei no colo, tudo, meu marido estava junto, ficou na sala de parto, assistiu o parto, pegou no colo também, só que foi tudo muito rápido. Hoje em dia eu penso assim que eu gostaria de ter ficado um tempo a mais com ele no colo. Eu queria tirar uma foto, mas eu fiquei com vergonha, porque tava um monte enfermeiro, anestesista, médico me olhando, eu fiquei com vergonha de pedir para tirar uma foto... porque eu pensei “eles vão falar que essa mulher



é doida... Tirar uma foto com uma criança morta”. Mas hoje em dia eu penso “que boba! Devia ter tirado e pronto... Era um momento meu!”. Eu queria ter uma foto dele, mas não tirei e daí eu... Eu lembro que eu olhei assim, eu pensava “Nossa, queria uma foto, queria uma foto para mim guardar”. Daí eu olhava o médico me olhando e pensava assim “ah, não vou pedir, vão falar que eu sou doida”. Daí foi coisa assim que eu fiquei dois minutos com ele no colo, já veio a técnica de enfermagem, assim: “ah, eu preciso levar”. Eu falei “só um pouquinho, só mais um pouquinho”. Eu falei “eu nunca mais vou pegar ele no colo”. Daí ela “não, eu preciso levar ele agora”. Daí eu “tá bom”. Peguei e entreguei, ela foi e eu fiquei lá com as pernas levantadas para cima. Ninguém veio me atender, a porta da minha sala aberta e os pais passando com os bebezinho para ir mostrar lá, no vidro lá da maternidade para família. E eu olhava aquilo e ficava “eu não acredito, porque que não fecharam essa porta?”. E eu fui... Eu lembro que eu fiquei eu acho que uns 20 minutos com as pernas erguida para cima lá, ninguém veio me ajeitar e nem nada. Eu lembro que falei para o meu marido “chama alguém da enfermagem pra vir aqui, porque eu não consigo mexer minhas pernas, eu preciso me ajeitar aqui” Daí ele chamou, vieram me ajeitar. Daí me mandaram pra repae e daí aquelas mãe tudo do ladinho assim com seus bebezinhos no colo vivo e eu lá parada olhando pro teto chorando. E eu pensava “eu não quero ficar aqui. Eu não quero ficar aqui. Eu não quero ficar aqui. Eu quero sair daqui”. E daí elas olhavam assim, tudo meio que lá parada olhando, meio que sabia que não tinha bebê e eu pensava “que que tão pensando?”, né? Daí eu lembro que eu pedi para enfermeira, falei assim “me leva para o quarto, porque eu não vou ficar aqui”, eu falei “eu não aguento ficar aqui. Não é justo comigo”.

### **Você tava onde?**

Na repae, no centro quando você fica pós recuperação anestésica. E daí ela pegou e me levou, ela falou “não, vamos te levar porque realmente é desumano”. Daí me levaram pro

meu quarto, ninguém foi me atender, ver se eu tava bem, nada. Eu lembro que eu levantei sozinha, fui tomar banho. Daí passei a noite com o meu marido, daí eu lembro que falei para o médico “eu quero que você venha me dar alta porque eu vou participar do enterro do meu filho sim! Se você não me der alta vou embora por conta própria”. Sou bem rebelde nesse ponto [risos]. Quando eu quero alguma coisa, eu quero e pronto! E daí eu lembro que deu, era três horas da tarde, ele falou que meio-dia vinha me dar alta e nada, nada, nada. Ah, daí me revoltei, peguei arranquei a pulseirinha, arranquei o acesso e falei “eu vou e pronto” e daí quando eu tava indo pro corredor apareceu esposa dele que era médica pra me dar alta. Aí veio e deram alta, e aí a sensação a hora que vieram... aí veio a mulher da hotelaria e aí isso nunca vou me esquecer. Quando ela veio ver, veio fazer o checkout do quarto, ver se não está faltando nada, se não tá faltando nenhuma toalha, nada... Ela olhou assim e falou assim “ah, então a mãe tá indo embora, o bebêzinho vai ficar na UTI”. Daí eu falei “não, o bebêzinho tá indo para funerária!”. Aquilo me revoltou assim, eu pensei “porra! Porque que não tem nada avisando que não [ênfase no não] tem bebê para mim, que eu vou embora... Que não tem bebê pra mim deixar internado”. Mas enfim foi... e daí me levaram pra uma salinha que é para acertar as contas médicas né? E eu sentada, de repente chegou mais duas mulheres com bebezinho no colo ganhando alta. Pensei “ai não. Não é justo”. Falei “poxa vida, não podia ter deixado elas esperar eu ter me colocado no ambiente diferente?”. E daí na hora na alta, eu saindo, e daí já veio todo aquele sentimento né? Porque você se imagina saindo da maternidade com o teu bebê no colo. Daí vieram tirar a minha pulseirinha e a dele, o cara da recepção. Daí eu lembro que eu comecei a chorar e eu falei “deixa uma para mim, deixa uma para mim”. Daí ele falou “mas porquê?”. Eu falei “porque a única lembrança que eu tenho do meu filho!! Eu quero ficar com ela!!”. Daí Ele olhou.... “Tá, desculpa”. E daí eu lembro de eu sair assim na porta para fora e a hora que eu saí, eu olhei o carro da funerária chegando. Daí eu sabia

que era para o meu bebê né? Porque eu tinha visto os documentos, meu marido tinha ido atrás... daí nossa... aquilo, aquele sentimento acabou comigo assim. Eu lembro que eu sentei na escadaria assim na maternidade, chorei, chorei, chorei, chorei, daí veio a minha mãe me abraçando e eu falava “não era para ser assim! Não era para ser assim”. E daí todo mundo já “não, vamos entrar no carro e tal e não sei o quê”. E me levaram daí que queriam que eu comesse, eu falei que eu não queria comer e eu falava “eu quero ir no cemitério direto” e daí antes disso, nesse meio tempo no quarto, meu marido e eu discutimos. Como foi ele que escolheu o caixão e tudo, ele escolheu um caixão fechado. Eu falei “eu não quero um caixão fechado! Eu vou abrir! Ele não tem defeito nenhum, ele é perfeito. Ele é uma criança normal!”. Falei “porque que eu vou esconder ele? eu quero ter a chance de ver mais uma vez”. E daí eu lembro que quando eu cheguei no cemitério aquele clima, minha família lá, tios, parte do meu marido também... Eu vi o carro da funerária chegando e eu tava bem, eu tava firme, tava tranquila, mas a hora que o cara tirou o caixão do carro colocou assim em cima... e aquele caixão desse tamanhinho, daí aquilo me apertou daí eu olhei pra ele e falei “pode abrir”. E daí ele abriu e daí aconteceu uma cena que hoje em dia eu dou risada, mas na época eu fiquei muito brava. Que era uma tia minha que era muito desesperada, que fala que é a (incompreensível) dos enterros da família... Ela se meteu na minha frente, ela não deixou eu chegar perto do caixão e daí minha mãe chegou e falou assim “dá licença que a mãe é ela”. Daí eu lembro assim que foi muito bonito. Eu peguei e deixei ele assim no caixãozinho, pedi perdão por não ter tido a capacidade de trazer ele com vida, daí a gente fez uma oração e tudo mais, daí fomos enterrar. E assim, parecia que era surreal, porque eu olhava aquilo e eu não conseguia mais chorar, eu falava “não é verdade. Não é verdade, não tá acontecendo”. Eu lembro que eu olhava assim a minha família, todo mundo chorando, e eu parada olhando para aquilo assim falava “não é de verdade, não pode ser”. Daí saímos de lá e fui para

casa e eu naquele silêncio... absoluto assim, que ninguém falava, por que não tinha mais o que falar para mim e daí chegar em casa e ver o quarto foi terrível assim. Porque daí eu olhei as bolsa que eu tinha preparado para maternidade, o quarto todo decorado. Aquilo me doeu muito. Eu lembro que a única coisa que eu fiz foi fechar a porta e eu falei eu não vou mexer aí. Não por enquanto, não tô pronta. E o quarto ficou fechado acho que 15 dias. Depois de 15 dias que eu fui lá e desmanchei tudo. Peguei, tirei tudo, tudo, tudo de lá. Desmanchei o quarto completamente. Mas no começo não queria nem olhar assim, e daí à noite, à noite né? A noite era... nos primeiros dias que batia a tristeza... Porque durante o dia eu levava assim, recebia visitas e tal, conversava sobre o assunto com todo mundo e eu queria falar, falar, falar, falar, falar, as pessoas não entendem né as pessoas acham assim que “ah, fique quietinha, melhor não tocar no assunto que você vai sofrer menos”. Mas não, eu tinha necessidade de falar pra todo mundo. Eu queria contar como que tinha sido meu parto, que que tinha acontecido, o que que eu tava sentindo. Ninguém queria ouvir. Eram poucas pessoas que tinham pra me ouvir. E durante o dia eu passava bem, mas chegava de noite, a hora que eu deitava na cama e daí vinha todo aquele sentimento de culpa de raiva. E daí eu passava a noite inteira chorando. Os quatro primeiros meses eu não dormia, eu tinha insônia, passei noites e noites em claro, e daí depois eu parei de chorar, mas eu ficava acordada assistindo TV. Daí fiquei viciada em série, ficava assistindo série uma atrás da outra pra não pensar, eu acho. Foi difícil voltar a dormir durante a noite, ter uma vida normal assim, saudável... Porque não era... Dormia muito pouco. Durante o dia eu dava umas cochiladas... passava a noite inteira acordada que nem um zumbi. Então essa fase assim foi bem difícil. Me desfazer das coisas dele não foi difícil, porque eu fiz de coração assim, eu doei tudinho. Ainda ofereci primeiro prum... pra uma prima do meu marido que estava grávida, ela não quis. Aquilo me ofendeu muito, porque ela falou que ela não queria coisa bebê morto. Eu fiquei muito

ofendida, muito ofendida. Falei “nossa, tô doando de maior bom coração as coisas que eu comprei para o meu filho e a pessoa não quer... achando que eu vou trazer má sorte e alguma coisa assim”. Mas foi bem tranquilo, eu falei assim “deixe... A hora que aparecer alguém que precise, eu vou doar”. Daí apareceu uma mulher que tinha tido neném e não tinha nada e tal e tava passando muita dificuldade e daí eu doei tudo. Tudo não. Eu guardei as roupas, as roupas novas eu guardei tudo, tem um saco e sacos de roupa que eu guardei. Mas berço, bebê conforto, carrinho, tudo, doei tudo, daí eu lembro que eu chorei muito para separar aquelas coisas que eu falava “meu Deus, tô doando tudo”. E daí sente aquele sentimento de culpa. Parece que você tá tirando do teu filho para dar para outra pessoa que você nunca viu na vida. E daí eu lembro que eu falava assim “me desculpe”, mas eu falava “você sabe que não é porque a mãe é ruim, é porque vamos ajudar outra pessoa, você não vai usar”. E daí eu... o resto eu guardei, as coisas que mais gostava eu guardei, eu decidi que se eu tiver outro filho e for menino vai usar! Que era do irmão, porque a vida é assim... A gente não usa roupa do nossos irmãos que é mais velho? Então vai ser a mesma coisa com os meus outros filhos. Mas foi muito difícil me desfazer tudo assim... E eu lembro da cara de expectativa das pessoas me vendo, quando me desfiz do quarto, quando eu desmontei... minha mãe e minhas irmãs parada na porta olhando com olho arregalado para ver como eu ia reagir. Eu tive que pedir licença tipo “vocês me dão licença, me deixa ficar sozinha?”. Eu queria chorar mas eu não queria chorar na frente delas. É muito difícil. Eu acho que o mais difícil de todo processo ali do luto, de tudo que você tem que superar e viver é enfrentar as pessoas. As pessoas são o mais difícil. Conviver com as pessoas, com as coisas que falam, assim são absurdos: “Ah, você não fez o pré-natal direito? Ah, mas porque aconteceu isso? Você não vai processar o médico? Mas você não vai isso? você não vai aquilo? Ah, na próxima gravidez vê se se cuida hein? Ah, mas alguma coisa você fez de errado! Você sempre escuta frases absurdas. Não era

pra ser. Foi a vontade de Deus”. Que Deus é esse que mata o filho dos outros? São coisas que você não quer ouvir, que você não precisa ouvir, que não vai te ajudar em nada. Eu, por exemplo, falei, eu falo, a melhor coisa que você pode dizer é “eu sinto muito”, que você não entende a dor do outro. Você não sabe o que o outro está passando, então pra que ficar vindo com frases prontas? E a cara de terror assim... porque quando morre um adulto a pessoa fala “ah não sei o quê fulano morreu”. A pessoa fala “que triste, tal coisa, lamento, mas a vida segue”. Mas quando você fala “meu filho morreu”, as pessoas arregalam o olho enorme, ficam brancas e não sabem o que falar. Daí você tem que se explicar e tirar a pessoa dessa situação desconfortável que ela tá, como se você não tivesse. E isso é terrível. Eu detesto quando os outros perguntam para mim assim “ah você tem filho?”. Daí eu sempre falo que eu tenho, porque para mim eu tenho, ele não é vivo, mas eu tenho. “- Eu tenho”. “- ai, quanto tempo ele tem?”. Daí eu falo “se ele estivesse vivo, ele teria um ano e dois meses”. Daí olha um para mim assim [arregala o olho]. “não, mas tá tudo bem, tá? eu sei lidar bem com isso”. Eu tenho que avisar as pessoas que tá tudo bem. E daí a pessoa fala “ah desculpa, não sei nem o que te dizer, eu não sei o que falar, nossa que pena, que triste”. Tudo bem gente, você não precisa ficar justificando com palavras, só não faz essa cara de terror do jeito que fique constrangido. É bem difícil lidar com as pessoas. No meu condomínio quando eu voltei do hospital tinha gente que passava falava assim “ah nasceu o bebê?”. Não sabia nada de mim, daí eu ficava quieta “é nasceu”. “Mas cadê ele? tá em casa?”. “Não, tá no cemitério”. E daí você começa a ficar de saco cheio você começa a ser grossa com as pessoas. Você começa já o primeiro que vem você... já tá da pá virada, já taca em cima da pessoa que às vezes nem tem culpa de nada. Mas às vezes eu fui grossa com os outros e depois me arrependi que eu olhava falava “Nossa, porquê que eu falei assim? Coitada da pessoa, não tem culpa também do que me aconteceu”. Mas é que você já tá com a cabeça tão cheia de tantas coisas que você

escuta, que aquele primeiro que chegou ali na frente é aquele que você acaba descontando tudo. É terrível, às vezes você não quer. Eu sempre falo com as meninas lá do grupo assim, me sinto tão constrangida, acho que isso que faz com que a gente sinta o sentimento de culpa... pelo jeito que as pessoas tratam a gente. Quando eu voltei para o trabalho foi terrível para mim, quando voltei da licença-maternidade. Porque como eu convivi os nove meses, já fazia 4 anos que eu trabalhava na empresa com as mesmas pessoas, todo mundo passava por mim olhava para mim com carinha de pena. Daí quem já era mãe não conversava comigo, porque não queria falar dos filhos perto de mim e quem era solteira tipo eu não tinha assunto, porque a minha vida era de uma mulher casada e ninguém queria me ouvir, quando eu ia tocar no assunto, alguma coisa, todo mundo se fechava, saía de perto. Então aquilo acabava comigo, eu lembro que chegava em casa chorava, chorava, chorava. Falava “eu não consigo mais ir trabalhar, eu não consigo trabalhar, porque é triste demais ir para lá”. Primeiro que todos os cantos que eu ia - eu passava mais tempo lá dentro do que na minha casa- eu lembrava da minha gestação. E depois porque as pessoas tinham mudado a maneira que me tratava. Nesse novo emprego que eu estou, faz cinco meses que eu tô nele, é totalmente diferente porque ninguém me viu grávida. Então ninguém me olha com pena. As pessoas sabem da minha história porque eu não escondo de ninguém lá, eu não tenho vergonha do que eu vivi, mas ninguém me olha com pena. Ninguém solta frases bobas para mim. Quando eu conto a pessoa fala “ah que pena, sinto muito, mas um dia você vai ter outro filho”. Eu falo “sim, com certeza”. E pronto. Agora no antigo trabalho não. Eu tocava no assunto, todo mundo já... eu via o olhar assim de canto de olho das pessoas ou alguém com o olho... eu lembro que teve uma instrumentadora que uma vez tava chorando mais do que eu. Que eu tive que consolar ela, que eu fiquei constrangida, que eu falei assim, tipo, “que que eu faço?”. Ela me olhou e disse “ah meu Deus, eu não acredito”. Ela me abraçou e chorou, chorou, chorou, eu

passsei as mãos nas costas dela, tipo, “o que que eu faço com ela”, aí eu “tá tudo bem. Tá tudo bem. Tá tudo bem. Tá tudo bem”. “- Ai, é que eu não consigo. Não me conformo”. Eu só pensava assim “nem eu... mas não estou aqui chorando, eu não posso, porque eu tô trabalhando, eu tenho que ser forte”. Mas é terrível lidar com as pessoas que te viram grávida. Agora eu falo que, nossa, me sinto muito mais feliz no novo emprego por causa disso. Eu não enfrento mais isso todos os dias, os olhares. Quando me mandaram embora é claro que eu fiquei muito triste, eu achei assim que foi uma... eu acho que eles pensaram assim que eu era uma bomba né? Porque ou eu ia me afastar por depressão ou alguma coisa ou eu ia engravidar logo em seguida e como vai ser uma gravidez de risco provavelmente num trabalhe né? Vou ficar afastada. Para eles, como empresa, é óbvio, melhor mandar embora, já passou toda a parte de estabilidade, vamos dispensar essa funcionária porque ela é uma bomba. Na época eu fiquei magoada, mas depois pensei “melhor, não preciso olhar pra cara desse pessoal todo dia”. Quem é meu amigo eu vou continuar tendo amizade, quem não é eu não preciso mais ver o olhar de pena de ninguém. E para mim foi uma ótima a entrada aí no novo emprego por causa disso... para não ter que enfrentar as pessoas que já me conheciam antes. Hoje em dia é muito mais... ah as pessoas perguntam, os pacientes perguntam assim “mas você tem filho?”. Quando eu sei que o estado do paciente é muito grave, que eu não quero abalar, aí eu falo que não... Quando eu sei que o paciente tá bem, daí eu falo que não, que eu tenho e tal, conto mais ou menos por cima como que é minha história, e eles respeitam e eu fico tranquila. Agora quando é um paciente que é mais grave eu tenho medo de abalar a pessoa de falar e a pessoa ainda passar mais mal do que tá. Daí eu fico quieta, eu falo “não, não tenho” e guardo para mim. Mas é, essas coisinhas que são difíceis de lidar no dia a dia, assim com as pessoas, porque você vai aprendendo a viver com a tua dor. Você não tem o que fazer...

**Aprende a conviver?**



Exatamente, você tem que aceitar. Difícil é... são os empecilhos do dia a dia que aparecem. As coisinhas que você escuta e aí você fala “ai meu Deus do céu”.

**A sensação que dá do que você falou assim, parece que é diferente as pessoas lidarem com a perda de um adulto e lidar com a perda de um filho ainda mais de um filho bebê...**

Exatamente, é totalmente diferente, eles tratam totalmente diferente. Até um dia eu conversei com as meninas, eu digo que é assim, imagina a seguinte situação: você vai na padaria, encontra uma vizinha, eu falo que meu pai morreu. Elas ficam triste, as pessoas ficam e tal mas elas te tratam normal como se a vida seguisse. Agora quando você fala que é o teu filho que morreu, parece que entra um bloqueio na frente e ninguém mais quer tocar no assunto. É como se não tivesse acontecido. Daí eu penso assim, se é chocante para elas, é só se por um pouquinho no meu lugar: então imagine para mim o quanto foi o chocante. Então é por isso que eu, eu falo assim que nem no *Renascer*, eu luto muito por isso, pelo reconhecimento da maternidade nossa. Porque eu não deixei de ser mãe, eu sou mãe. Porque as pessoas, elas falam “porque o dia que você tiver um filho”... Daí eu penso “eu já tive”. Eu gastei. Eu não vivi a maternidade por completo, porque eu não criei essa criança, mas eu gastei, eu não deixei de ser mãe, eu pari ela, igual a todas as outras mulheres, eu senti as mesmas dores que todas as outras mulheres e eu tive a dor dilacerante para mim de saber que ele não tava vivo, mas eu não deixei de ser mãe. Mas as pessoas só reconhecem se você tem um filho para mostrar ali para exhibir no colo para todo mundo, mas se você não tem, você não é mãe. Um dia eu ainda discuti com uma colega de trabalho porque... o meu corpo deformou depois da gestação. Daí você pensa, você já tem que lidar com toda tua dor e com esse corpo que não vai mais voltar a ser como é... E você não tem um filho para atestar. E ela teve bebê recentemente, daí ela fala assim “ah mas as pessoas têm que entender que você teve um filho, que você teve uma

gestação”. Daí eu falei assim, é eu tive uma gestação, mas eu não tenho um bebê do olho clarinho, bonitinho para mostrar porque que eu tô com a barriga mole e flácida. Eu tenho atestado de óbito, eu não vou andar com ele do lado. Então automaticamente é da sociedade julgar a gente: “olha como ela tá gorda”. Mas ninguém sabe que eu passei uma gestação. Iam saber se eu tivesse um bebê no colo. Daí a gente acabou meio que entrando em atrito e eu falei “ó, eu entendo que para você é difícil entender, que é uma situação só minha, só não vamos tocar nesse assunto porque não dá certo, não tem como conversar”. Quando a pessoa me dá liberdade para falar, eu converso numa boa. Agora quando eu vejo que a pessoa é teimosa, que é só o pensamento dela que vale, eu já desisto. Eu já digo ai não, não vale a pena, vou só me estressar à toa e não vai mudar a mente da pessoa.

### **Se desgasta...**

Exatamente acaba me desgastando à toa, então a falo, “ah deixe querida, você não entende minha visão”. Falei, “entendo a tua, Ok, ótimo que você pensa assim”. É difícil você lidar com essas coisinhas.

### **Você sente que é difícil que pessoas que não passaram por essa situação entenderem o que você vivenciou?**

Muito, a gente, eu sempre falo assim que quem não viveu, não sabe. A não ser que você seja uma pessoa que tenha muita [ênfase no muita] empatia. Você compreende, você compreende... Mas você dizer que “ah eu sei o que é isso não você não sabe você só sabe se você passar pelo mesmo da mesma maneira que eu não sei o que é por exemplo como é a Christiane Yared, que perdeu um filho no acidente trágico daquele. Eu não sei a dor que ela passou, eu imagino... Eu imagino quando pode ser difícil para ela, mas eu não sei, então só quem sabe é quem passou. Você pode se pôr no lugar, pode ter empatia de pensar como seria com você, acho que assim, você trabalhar com empatia, você não vai sentir a dor do outro, mas você vai pensar antes de você falar as coisas e isso vai ajudar não

magoar o outro. Sabe, as pessoas não, não se põem no lugar, às vezes na ânsia de falar e de ajudar, de trazer um conforto, falam coisas que só magoa. Hoje em dia eu aprendi assim, não tem consolo para as pessoas, tem coisa, tem momento, que não tem que ser falado. Então se cala... deixa... deixa a pessoa sofrer... deixa ela chorar, deixa ela falar, não fica arrumando soluções mirabolantes do que não tem solução. Tem coisas que só o tempo mesmo. Quando eu escuto assim alguém que vai procurar na Internet, mãe que acabou de perder, ela fala assim que “eu nunca vou aceitar” eu penso “é, você não vai aceitar, mas você vai aprender a viver”. Daí você fala “mas calma que com o tempo você vai ver que dá pra continuar vivendo”, “não, porque eu não consigo viver”. Daí eu penso assim, não adianta ficar falando porque eu pensava assim também. Quando as pessoas falavam assim “ah vai ficar tudo bem, no futuro você vai ver que você batalhou por isso, que você é uma vencedora e não sei o que”, eu só pensava assim “cala a boca! Você não sabe nada! Não vai passar nunca!”. E é só o tempo. Tem coisa, tem momentos que não é o momento certo de você falar então respeita...

### **Você sentia isso de que essa dor não ia passar?**

Eu achava que não ia passar. Eu falava eu não vou conseguir sobreviver, eu vou morrer de inanição, ficar dormindo nessa cama, deitada o dia inteiro, falava não vou conseguir, não vai passar, não vai passar. Depois quando comecei a melhorar eu me sentia mal, por exemplo, se eu tava sendo uma reunião assim com amigos e eu ria... Eu pensava assim “louca, para de rir, o teu filho morreu você não pode rir, você tá de luto ainda, você não pode ser feliz”. Me sentia culpada por estar bem, daí eu pensava assim “não posso”, mas daí eu pensava “eu posso. Quem morreu foi ele, eu tenho que continuar, eu tenho que sorrir, eu tenho que viver”. Daí você vive também o julgamento das pessoas. Se você tá triste as pessoas assim “nossa, já passou 6 meses, você ainda tá chorando?”. Agora, se tiver em você no barzinho com teus amigos: “recuperou bem hein?” “superou bem a perda

do filho, já tá até bebendo no barzinho com teus amigos?”. É muito difícil. Você tem que agradar todo mundo e você tem que cuidar de você mesma... do teu psicológico e daí você fica naquela confusão “será que eu devo ficar sofrendo? Será que eu devo ficar chorando para sempre? será que eu devo seguir em frente?”. Até você balancear o que é o melhor para você o que, que... que maneira melhor você sentir as coisas... É um tormento! Parece que você tá no redemoinho que você não sai mais... É terrível, é terrível esse sentimento... de ficar nessa “tô fazendo certo? Não tô...”. As primeiras vezes que eu brinquei assim com as minhas amigas, que eu dei risada... e parei depois, e ficava pensando “você não pode tá rindo, é errado. Você perdeu seu filho! Como é que você tá aqui rindo com as suas amigas como se nada tivesse acontecido?”. E daí vinha aquele sentimento “ai, não ria, não faça isso”. Mas daí eu pensava, falava assim “não, eu tenho que rir, eu tenho esse direito de me divertir também”. Hoje em dia eu encontrei o equilíbrio disso. Eu sei que quando eu tô triste, eu não quero conversar, eu quero chorar, eu quero me fechar e é o meu direito ficar ali sofrendo. Mas nos outros dias eu estou afim de rir, eu vou rir, eu vou brincar, eu vou agir como se nada tivesse acontecido.

### **Hoje em dia você se permite a essa...**

Eu me permito a tudo isso sem sentir culpa mais por isso. Nossa, as primeiras vezes que eu saí de casa assim para me divertir, para ir numa festa, eu me sentia mal. Eu achava que eu não podia tá comemorando nada... Que era errado o que eu tava fazendo. Hoje em dia não, eu sei que eu tenho esse direito, assim como eu tenho direito de acordar um dia de madrugada triste, lembrando e chorando por disso. É um direito meu de viver tudo isso e é normal de viver tudo isso. Mas demora pra você chegar nesse equilíbrio assim. Demora para você acreditar que você pode viver tudo isso. Não é do dia para noite, não é rápido, é demorado, é sofrido. Tem época que você acha que você melhorou que tá tudo bem e de repente você volta para aquele fundo do poço e daí você fica assim “meu Deus, voltou

toda aquela dor e todo aquele sentimento, vai começar tudo de novo”. Daí você tem que começar de novo, se reestruturar para seguir em frente. E eu acredito ainda... Semana retrasada que eu chorei, mas foi por bobeira assim... Eu tava deitada na cama e daí comecei a pensar, daí me ver aquele choro e daí eu chorei. Daí depois eu falei: “para boba... não precisa mais disso”. Eu pensei “é normal, eu tô triste, eu vou chorar um pouquinho. Só um pouquinho depois eu melhoro”. E daí você aprende a viver dessa maneira. Não tem o que fazer... Eu me sinto agora que eu vou ter que meu marido, eu me sinto mais forte. Porque quando separei, durante o tempo que a gente ficou separado, eu chorava todos os dias, porque daí eu sentia a falta... Eu achava que eu não ia ter um futuro... Porque quem que ia querer casar de novo com uma mulher que já perdeu um filho, que tem toda essa história triste...? Eu achava assim que eu não ia mais ter jeito para mim. E eu queria ter outro filho e eu queria dele, não queria de outro homem. Daí eu falava “não, eu quero do mesmo pai, eu quero continuar a família que eu comecei a construir com ele”. E daí foram assim, foi um ano que foi assim terrível, porque eu chorava, sentia falta, eu precisava da companhia de alguém, eu morava sozinha, porque eu não voltei pra casa da minha família. Mas e agora que a gente voltou nesses dois meses assim, eu não eu chorei semana passada. Eu não tinha mais chorado, porque eu me sinto, me sinto mais forte, mais confiante... De que tem futuro pela frente, de que tem chance de realizar tudo que eu sonhei... Então para mim assim tá sendo acho que uma das melhores fases, depois de tudo que eu passei. As coisas estão finalmente se encaminhando.

### **Hoje em dia vocês conversam sobre a perda?**

Muito, ele aprendeu... Com o tempo tipo ele percebeu que a minha necessidade era de falar... E ele não queria ouvir. Agora a gente conversa... Que nem esses dias a gente tava, porque o homem não é muito de falar. Não sei o que que a gente estava assistindo a TV

e ele falou “ah se o Abel tivesse aqui, já pensou que ele ia estar fazendo não sei o quê não sei o quê... E você, louca do jeito que é, brava, brigando com menino e não sei o quê”. Então hoje em dia a gente consegue ter esses papos como se tivesse... imaginando. Como se fosse com ele ali, sem sofrer sem chorar.

**Como seria se o Abel estivesse aqui?**

Exatamente. Porque no começo não, ele não falava ele se fechava, ele ficava quieto e mudo, ele não falava nada. E daí aquilo me magoava, porque eu achava que ele não gostava do filho, não queria saber do filho.

**Você sentia isso?**

Eu sentia, aham, porque eu não entendia que a maneira dele de sentir era se fechar. E ele, hoje em dia, ele se abriu para mim. Ele disse “eu me sentia culpado também, porque eu pensava: sou o homem da casa, não cuidei de você e não cuidei do nosso filho. Eu devia ter entendido que alguma coisa não tava bem com vocês, eu não deixei você totalmente segura, não deixei você calma o suficiente”. Mas agora, vendo, eu penso que ele fez o que ele pode também na época, ele também nunca pensou que ele ia passar por isso. Para ele também é difícil, ele fala pra mim que hoje em dia para ele é difícil lidar com outras crianças, ver outras crianças da mesma idade. O mesmo sentimento que eu tenho, ele também tem, só que ele não fala. A mulher já quer contar pra todo mundo que não tá bem, que não quer, que isso e aquilo. O homem não, ele quer fingir que tá tudo bem, que tá seguindo em frente. Mas hoje em dia, nossa! Muito melhor! A gente conversa bastante sobre o Abel, sobre tudo que aconteceu. Ontem a gente mesmo a gente tava assistindo uma série e ele me mostrou uma cena de perto da gestacional também, eu pensei que eu ia me emocionar, quando olhei pro lado ele que tava com o olho cheio de lágrima. Daí eu falei “hum, tá tudo bem?”. “Tá só lembrei de tudo”. Falei “ah, tá, nor, normal lembrar”. Falei “relaxa, é assim mesmo”. Daí ele falou até “ai, tão bom agora quando eu falo as

coisas para você”. Porque na época também ele achava que não devia falar, que se falasse ia me fazer sofrer mais. Então foi assim um processo que nós dois tivemos que amadurecer e aprender. Eu não entendi o lado dele, ele não entendia o meu. Então agora a gente se sente mais pronto, mais preparados para seguir adiante... para tentar novamente a gravidez. Estamos planejando para o ano que vem só... Vamos primeiro estruturar a nossa vida um pouco sozinhos ainda pra depois tentar de novo... Mas, olha, uma barra! Eu falo que... não desejo para ninguém, para ninguém isso... Fico muito mal quando fico sabendo das histórias novas... penso “gente, até quando isso vai acontecer?”. Porque isso é tão injusto para todo mundo, todo mundo sofre a família sofre, todo mundo sofre junto... muito triste.

**Como que é para você agora pensar numa próxima gravidez... no futuro. Como é pensar nisso?**

Medo! Assim, você tem medo e esperança. Você pensa “não, dessa vez não vai dar tudo certo”. Daí você conhece tanta gente nas redes sociais que passaram pelo mesmo, você vê tantos casos de sucesso, você pensa “não, vai dar tudo certo”, mas você tem o medo. O medo [ênfase no medo] eu vou ter para sempre. Eu sempre falo assim, que eu acho que eu só vou me sentir segura quando [ênfase no quando] sair da maternidade com bebê no colo... E eu ainda brinquei com meu marido. Falei assim, eu ainda acho que eu vou ser daquela que vou ser tão super protetora, e isso eu ainda tenho que trabalhar muito no meu psicológico, porque eu vou querer levar criança uma caixa de vidro para ninguém encostar, para ninguém passar nada para ela, para não acontecer nada com ela. Por que vai ser tipo uma redenção, “consegui”. É... E eu tenho que trabalhar com isso, porque eu penso no peso que essa criança vai ter que carregar também no futuro né, de saber que veio de uma de uma mãe... Que tava, tava frustrada de um outro filho que morreu, que superprotege e tudo... Eu também não quero que essa criança e pague o preço do que

aconteceu comigo no passado. Então eu tenho que trabalhar muito, muito, muito isso, mas eu penso que eu acho que eu vou... ter muito medo durante a gestação toda e eu falo que eu queria me trancar dentro de uma bolha para não acontecer nada... Vou ser daquelas neuróticas que doeu o dedinho do pé, eu vou estar na maternidade para ver se tá tudo bem... O que eu acho que é natural também depois da perda... O difícil é os profissionais de saúde entenderem isso. Como eu trabalho com isso, eu vejo que ninguém tem paciência quando chega uma mulher grávida, gestação de risco... Eu penso coitada né? Pensa nela, tudo que ela já passou, ela tá com medo, mas ninguém vê isso né? Ficam só reclamando “a mulher tá reclamando porque tá com dor no dedinho!” [tom de deboche]. Poxa vida... Eu penso que vai ser bem difícil assim, que eu vou ficar nervosa, eu vou ficar loucona da cabeça, querendo que dê tudo certo e só vou me sentir segura a hora que eu sair de dentro da maternidade com o bebê no colo. Do contrário, enquanto eu estiver lá dentro, não vou me sentir que tá tudo certo não. Não tenho 100% de certeza de nada. Mas planejo enfrentar tudo isso, até fazer novos exames para trombofilia, pra todas as doenças que podem ter ocasionado... O que é muito difícil também, que eu descobri que é uma luta... Mesmo você tendo plano de saúde, não é todas as operadoras que libera os exames, são exames caríssimos. O SUS piorou, tem que passar por três perdas tardias para você conseguir fazer os exames. São tantas coisas que são desnecessárias que poderiam antecipar para você não passar por isso né? Que nem eu penso se eu tenho e daí eu não sei, que nem uma das meninas, a proteína (incompreensível). Mas o médico disse que isso não causa trombofilia, que não foi isso que causou a morte do Abel. Daí eu penso, se eu tenho... Antes foi uma gravidez planejada... Quando eu fui no médico, pra me preparar para essa gravidez, porque que já não pediu esses exames? Se pudesse prever que eu poderia ter um aborto ou uma perda gestacional tardia... Porque que tem que esperar a mulher passar por tudo isso, por todo esse drama três vezes [ênfase no três vezes] pra daí investigar?



Tipo, tem que mudar, são muitos protocolos, essas coisinhas, que eu entendo que é para o bom funcionamento da instituição, que é para se ter uma normativa de tudo, mas nem sempre seguir todos os protocolos é o correto. Sabe? Hoje em dia, eu falo eu sou a favor de que tem que investigar todo tipo de trombofilia, qualquer anomalia que a mulher possa a ter antes dela engravidar. Pra que esperar ela passar por tudo isso? Se talvez fizesse isso quantas mulheres não conseguiriam levar a gestação até o final e não ter que passar por isso? Então eu tenho ainda que voltar a investigar tudo isso para mim me sentir segura, porque senão eu não vou me sentir segura para engravidar, para depois pensar em engravidar. E daí começa a toda aquela batalha de novo né? Daí o medo que eu vou ter de tudo. O meu grupo tem uma das meninas que ela está grávida, vai nascer agora em maio. E ela fala assim “eu tô desesperada, tá chegando a semana que o meu bebê morreu. Tô com medo, vai acontecer a mesma coisa”. Daí eu vejo assim ela fazendo assim, coisas desnecessárias. Ela comprou um aparelho portátil de ecografia que ela carrega com ela, que ela fica fazendo ecografia toda hora para ver se o neném tá vivo. Eu penso, gente... Isso não é uma gestação saudável, a pessoa fica doida... “ah, eu não saio de casa não faço nada, porque eu tô com medo de sair e descolar a minha placenta”. Tipo, não é justo [ênfase no justo], sabe? A pessoa ter que passar por tudo isso de novo, todo esse, todo esse, essa dor esse sofrimento, essa preocupação. Eu penso: como é que ela vai ficar tranquila, agora no último mês, até chegar a data da cesárea, porque ela não pode ter parto normal por causa da pressão alta. Ela pegar e... Como é que vai ficar tranquila pensando em tudo? Tipo, não teria nem necessidades, se os exames que eram necessários para ela descobrir a trombofilia dela tivessem sido feito antes dela engravidar. Ela não teria passado pela primeira perda. Então é muita coisa que tem que mudar, muita coisa. Na saúde que tem que mudar, tem que mudar o atendimento, tem que mudar a maneira que trata quando acontece isso, os profissionais não tão preparados. A gente está preparado

para trabalhar com a morte no final da vida. No começo da vida ninguém tá. Profissional nenhum tá. Olhar de choque que fica todo mundo, os profissionais de saúde. Dentro do hospital é terrível... E tem que tá, tem que se preparar para isso. Trabalha com isso isso pode acontecer. Sabe? A falta de empatia, de cuidado. Ninguém imagina o que que é você passar a noite ouvindo choro de neném com o teu neném morto dentro de você, sabendo que ele não vai chorar. Então porque que não isola, não põe em quarto isolado? São pequenas coisas que o mundo... Eu sei assim que isso não vai acabar, vai sempre existir bebês mortos. Isso faz parte desde o princípio da humanidade e vai ser para sempre, porque sempre vem novas doenças, sempre acontecem fatalidades. Mas se você conseguir mudar um pouquinho assim as coisas, quem sabe esse momento para mulher, para família, não seja tão doloroso. Para que ela não venha no futuro sofrer tanto com isso. Então, sair do hospital com tanto medo de entrar lá de novo, sabe? Então essas coisinhas assim que eu penso que poderia mudar e que eu batalho por isso. Outra coisa aqui que me revoltou muito, muito, muito, muito, muito, muito, depois da morte do meu filho, foi fazer o atestado de óbito. Eu não posso pôr o nome dele, porque ele não nasceu vivo. Tá escrito natimorto. Daí eu fui pesquisar sobre assunto, falei assim “como assim não posso por nome?”. Eu descobri que não, que só é considerado cidadão se nasce vivo, nem que seja por dois minutos é considerado cidadão. Agora se não nasceu vivo, não é considerado parte integrada da família. Daí eu penso como não é? Se com 13 semanas eu descobri o sexo e eu já chamo ele pelo nome? Desde as 13 semanas, ele faz parte do meu núcleo da minha família. Eu tenho direito de pôr o nome dele na certidão de óbito dele. Tipo, a gente sabe assim, que nem né, eu conversei esses dias com o advogado sobre isso. É só um papel? É só um papel. Não vai mudar minha vida, minha situação? Não vai. Mas vai trazer conforto, vai trazer reconhecimento de que eu fui mãe e aquela criança tem um nome.

**Que fez parte da sua família?**

Que faz parte da minha família. Que não é só um natimorto [ênfase no natimorto]. Então por que não mudar? Outros estados conseguiram, São Paulo, Rio de Janeiro. Eu sei que foi, que chegou a ir para o Senado o pedido, mas o temer não aceitou. Eu entrei agora com o pedido na Assembleia Legislativa do Paraná. Porque eu sei que o meu não vai mais mudar. Já tá feito, o atestado tá lá. Mas é para as outras que vierem? Eu sei que para elas pode ser importante, ter o nome do filho ali reconhecido que foi alguém importante na sua família. Tem que reconhecer. Não vai mudar nada na vida das pessoas, mas é um papel que vai trazer conforto, que vai ajudar essas pessoas. Porque não? É algo tão simples, tão fácil de fazer. É colocar o nome ali e só. e é... e isso, na época, eu falava assim: não acredito que eu não posso pôr o nome do meu filho na certidão de óbito dele! Fiquei revoltada. Voltei no cartório, porque o meu marido que tinha ido fazer. E eu falei “não, você é burro! Você não soube fazer! Eu vou lá falar com esse homem aqui que eu vou mudar isso aqui”. Daí ele falou “não, no Paraná não pode”. Falei “como não pode?”. Daí eu falei “não, mas eu conversei com uma menina na internet e ela disse que colocou”. Daí ele disse “não, mas no Paraná não pode, não existe essa lei”. Ah, eu fiquei doida, né? Eu não me conformava com aquilo, demorei para aceitar. Daí hoje em dia para mim é só um papel. Mas no começo eu penso se eu tivesse tido o nome lá, talvez teria sido mais fácil. Talvez teria me dado um pouco mais de conforto.

**Você falou de várias coisas assim, que você queria uma foto ou a pulseirinha ou de ter o documento né? Algo que que deixasse...**

Que traga pra você, algo como uma lembrança... Porque você não tem nada, você não tem a presença física. É o que eu falo, o que eu tenho é uma ecografia, as fotinhos da ecografia, que nem dá para ver direito... Você tem, eu tenho que eu guardei desde o começo que eu falava que eu ia mostrar para ele quando ele crescesse, era o exame de farmácia que tem a data que eu descobri. Então são só pequenas coisas, lembranças que você tem. Você

não tem nada físico, você não tem uma roupinha com cheiro do teu bebê, porque ele não chegou a usar uma roupinha. Então são pequenas coisinhas que te ajudam, que te fazem a ter uma lembrança a ter um contato, um vínculo, porque parece que você não tem nada. Ele não... não nasceu vivo, você não tem nada, nada, nada dele. Você não tem uma foto. Hoje em dia sempre quem me pergunta eu falo “tira foto, sim!”. Tira quantas fotos você puder, fique quanto tempo você puder ficar com ele no colo, porque é muito importante. São lembranças suas que você vai ficar para sempre. Às vezes eu penso assim “ai, meu Deus, eu to esquecendo o rosto do meu filho”. Porque eu não tenho uma foto. Daí eu penso “não, eu não tô esquecendo porque ele era minha cara”. Se eu me olhar no espelho que eu sei que ele tá ali, que é igualzinho a mim. Mas seria importante para mim... Eu vejo assim que as meninas que tem foto, que elas tiraram na UTI, pra elas é assim algo super importante, algo que ela se apegam, que elas vem, que elas mata, a saudade delas, e eu não tenho nada disso. Então são as pequenas coisinhas que são importantes. Porque eu me apeguei, tipo, no macacãozinho que eu planejava usar quando ele chegasse em casa, mas que não usou, mas tá lá guardado. Eu me apeguei naquilo. Eu me apeguei na plaquinha da porta da maternidade. Tá no quarto na cabeceira da minha cama. Daí assim você começa a se apegar em coisas materiaizinhas, pequenas pra te dar conforto, porque você não tem o que fazer.

**Mas que tem muito significado né?**

Exatamente, pra a gente tem. Até eu conversei com as meninas... que aqueles livros de, de acompanhamento até os 3 anos, eu tinha comprado. E eu não preenchi ele. Quer dizer, não tinha preenchido. Eu preenchi agora como se ele tivesse... como se tivesse na minha cabeça assim, como eu imaginava que ele seria até os 6 anos de idade. Daí até o meu marido viu e ele disse, daí você vai guardar? Eu disse “sim, vou guardar e o dia que eu tiver outro filho eu vou contar, ó você teve um irmãozinho, aconteceu isso, isso e isso...

A mãe não sabe como que foi... Como que seria a vida dele, mas a mãe imagina que ia ser assim”. Então eu coloquei uma mechinha de cabelo meu e do meu marido, coloquei a pulseirinha da maternidade e escrevi “ah, com um ano eu imagino que você estaria fazendo isso, isso, isso e aquilo. Para mim foi super importante. Me ajudou muito poder extravasar isso que eu imaginava, já que as pessoas não querem ouvir né? O que você imagina. Então hoje em dia eu agradeço, mas eu lembro que na época assim eu olhava aquele livro assim e falava “nossa, paguei um absurdo nesse livro e não vai ser nem usado”. E não, e me ajudou. Ainda brinquei com as meninas que a gente fez cada uma caixa de lembranças, que a gente guarda tudo lá o que tem de recordação. Então quando tá com saudades e quer ver, quer lembrar alguma coisa, vai lá mexer. Abre aquela caixa e depois guarda ela de novo. É uma maneira de lidar com isso né? A caixinha de lembranças. E assim, fui me apegando essas coisinhas pequenas, eu me apego muito... Em boberinha assim que eu olho... E nossa, tenho um ciúme daquela porta da maternidade, Deus me livre se alguém mexer! Eu fiz tatuagem em homenagem, carrego uma correntinha com o nome dele que eu não tiro para nada. São coisinhas que pequenas que você pensa “eu preciso homenagear, já que eu não pude criar, não pude fazer nada por ele, então eu vou fazer um mínimo que eu puder aqui”. É uma maneira de ser... que eu acho, que para mim fez bem. Não sei para os outros, mas para mim, me ajudou muito, me ajudou bastante. Que mais você quer saber? Eu falo para caramba [risos]. Eu gosto de falar bastante... de me comunicar [risos].

**Eu acho que é mais ou menos isso assim. Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar, que você gostaria de comunicar?**

Não, acho que assim... Eu conto bem, eu não me importo, eu falo bastante sobre o assunto com todo mundo, me abro bem. Não... assim... A parte do médico só assim que eu queria deixar claro que eu não acho que foi negligência, né? Porque eu achei, eu fiquei brava né,

eu queria matar [ênfase no matar] ele, eu pensava assim que se eu visse ele, eu ia matar ele. Hoje em dia não. Eu penso assim... eu sou profissional de saúde. Eu não entro dentro do hospital pra matar ninguém. Eu entro lá pra tentar ajudar a melhorar a vida daquela pessoa. Se aconteceu... pode ter sido um ato falho dele? Pode, mas que ele tome como lição o que aconteceu comigo. Isso eu falei pra ele, numa consulta que eu marquei só pra conversar com ele, pra dizer que eu não tinha raiva dele, que eu queria que ele continuasse sendo um bom profissional, mas que tomasse como lição o que aconteceu comigo. Que... é pra ele escutar a mãe. Porque eu lembro que na época, eu lembro que eu pedi pra ele assim, faça meu parto com 35 semanas... faça, faça. E ele falou, não, não vou fazer. O especialista sou eu em gravidez de risco, não vou tirar ele agora. É prematuro, não sei o que, não sei o que. E dentro de mim eu sentia que tinha que fazer. E isso que falei pra ele assim, “quando uma mãe falar, escute ela. Pese todos os riscos, porque pode acontecer”. Falei, pode ser um ato falho, como pode não ter sido, uma fatalidade... Eu conversei tudo isso com ele, me abri pra ele, e daí ele chorou, falou que desejava muito me acompanhar numa próxima gestação, poder me entregar um filho vivo no colo na próxima vez e tal. Eu falei pra ele que não, que eu não ia me consultar mais com ele [risos], mas que eu precisava desabafar tudo aquilo, que eu desejava muita sorte pra ele, na carreira dele, que ele nunca mais passasse por isso. Daí, foi assim, foi difícil falar tudo isso, mas eu sentia que eu precisava. Aí eu lembro que minha mãe falou assim, “você é doida, você vai marcar uma consulta com o médico pra falar as coisas pra ele?”. Falei “vou, porque eu quero conversar com ele, porque eu preciso falar tudo o que eu sinto para ele”. E eu fui lá e falei tudo, e falei assim “eu queria te matar! [ênfase]. Se eu te visse, eu ia te processar, eu ia fazer um inferno da tua vida. Daí, só que graças a Deus meu coração se acalmou e eu vi que não... eu não... eu me coloquei no lugar. E se fosse eu? Que tivesse atendido um paciente que tivesse acontecido isso? Eu não ia fazer por mal, ninguém mata ninguém por

mal. A gente tá ali pra salvar vida, não pra matar, a gente não é assassino. Então, isso assim, eu consegui virar essa página com ele, graças a Deus. Hoje em dia eu falo: vou ter filho com ele? Não, não vou, que agora eu já tenho um pé atrás. Vou ter filho naquela maternidade? Não. Não vou. Eu tenho no SUS, eu tenho no meio do mato [risos], mas lá eu não piso mais, porque eu fiquei com aquele trauma, com aquele receio, com aquele medo. Mas não guardo mais raiva. A maternidade eles foram assim... muito... insensíveis. Porque depois que eu saí de lá eu escrevi um email gigantesco, contando tudo o que me aconteceu e dando soluções. Tipo, não coloque a... a... a gestante com perda gestacional no mesmo andar que as outras gestantes que estão com o bebê no colo. Cuide, faça uma identificação de leito diferente, pro profissional saber que ali, aquela gestante tá com perda gestacional, que o bebê tá morto dentro dela, pra não acontecer disso. Informe o pessoal da hotelaria... Que é um caso especial, pra não deixar na hora de acertar as contas com as outras mães. Eu ainda dei soluções para eles. Eles nem me responderam [voz de deboche]. Falei, “ah, porque é só uma opinião de só mais um”. Tudo bem, falei “deixe quieto”. Um dia as coisas mudam, eu tenho fé nisso. Mas não foi fácil, batalhar pras coisinhas mudarem. A gente vai indo né? De grãozinho em grãozinho. Plantando pra ver se uma hora as coisas mudam. E tem que mudar, né?

**Nesse sentido, muito obrigada por ter aceito o convite... Obrigada por participar...**

Imagine... eu fico muito feliz de saber que você tá estudando sobre isso, que é mais um profissional querendo entender melhor, querendo poder trabalhar com isso... que é tão [ênfase no “tão”] pouca, tão [ênfase no “tão”] escasso... aqui em Curitiba principalmente... No Brasil todo assim, agora que eu tenho essa/essas redes sociais/tenho o grupo de apoio na rede social... acabo conhecendo muita gente assim/ eu vejo que em cada estado tem duas, três profissionais... que entendem [ênfase no “entendem”] realmente do assunto... e isso é tão difícil... às vezes é tão [ênfase no “tão”] caro... o

atendimento... a mulher precisa de suporte e não tem... daí eu fico muito feliz/quando você falou eu falei assim “claro que eu vou... ela tá estudando sobre isso! Eu tenho que ajudar sim” [ênfase no “sim”]... E pra mim é um prazer saber que eu po-/to fazendo uma plantinha aí... que lá no futuro... terminando seus estudos... vai tá trabalhando com isso... ou não... não sei... mas se tem interesse acredito que é porque quer trabalhar com isso... então eu fico muito feliz assim... eu falo que a M. e a P. [psicólogas do grupo terapêutico que ela participou] ali no [grupo terapêutico] elas fazem trabalho de formiguinha... né... porque elas também tem que cobrar... né, porque elas gastaram pra estudar... mas elas fazem o máximo possível pra tá fazendo o mais acessível possível... e mesmo assim é difícil elas fecharem grupo porque as mulheres fogem... acha que não precisa de ajuda... não precisa de acompanhamento nenhum... então que nem você falou... é difícil, é batalhado, é complicado... mas eu fico feliz quando eu vejo interesse das pessoas em relação a esse tema assim... Espero que você vá firme, longe com isso... que você vai ajudar muita muita muita mãe...

**Obrigada... só uma última pergunta... como é que você está? Como é que foi falar...**

Tá ótimo... Pra mim não me dói mais falar... Não, não me dói... Hoje em dia eu falo com muita naturalidade... Eu falo que pra mim... é um prazer falar... é um prazer poder contar a minha história... porque não é uma história feia... é triste? É... triste... mas quem sabe da tris/minha tristeza alguém aprenda alguma coisa... Então assim, eu não me sinto triste... mal... quando eu falo... pelo contrário... eu me sinto leve... é mais uma oportunidade de estar falando e eu gosto de falar pouco né? [risos] Então pra mim é uma oportunidade ótima... sempre quando alguém abre espaço pra eu falar... e deixa [ênfase no “deixa”] eu falar... dão atenção a isso... eu sinto que compreende o que eu tô falando... pra mim é ótimo... me sinto muito bem...

**Então tá bom...**



Tá bom?

**Tá bom...**

Agradeço novamente...

**Eu que agradeço! Muito obrigada!**

Obrigada eu!